

**CASA DE OSWALDO CRUZ – FIOCRUZ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PRESERVAÇÃO E GESTÃO
DO PATRIMÔNIO CULTURAL DAS CIÊNCIAS E DA SAÚDE**

ANA PAULA DOS REIS

**AS TIAS DO MORRO: MEMÓRIAS E NARRATIVAS SOBRE A
FORMAÇÃO CULTURAL DO GRUPO CAXAMBU DO SALGUEIRO**

**Rio de Janeiro
2023**

ANA PAULA DOS REIS

**AS TIAS DO MORRO: MEMÓRIAS E NARRATIVAS SOBRE A
FORMAÇÃO CULTURAL DO GRUPO CAXAMBU DO SALGUEIRO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz - FIOCRUZ, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: Patrimônio Cultural - história, memória & sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Gisele Porto Sanglard

Coorientadora: Profa. MSc^a. Maria Cristina Coelho Duarte

Rio de Janeiro
2023

ANA PAULA DOS REIS

AS TIAS DO MORRO: MEMÓRIAS E NARRATIVAS SOBRE A FORMAÇÃO CULTURAL DO GRUPO CAXAMBU DO SALGUEIRO

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: Patrimônio Cultural - história, memória & sociedade.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Gisele Porto Sanglard (PPGPAT/COC/FIOCRUZ) - Orientadora

Profa. M.Sc^a Maria Cristina Coelho Duarte (PPGPAT/COC/FIOCRUZ) - Coorientadora

Profa. Dr^a. Jacqueline de Cassia Pinheiro Lima (PPGE/UNESA)

Profa. Dr^a Luciana Quillet Heymann (PPGPAT/COC/FIOCRUZ)

SUPLENTE

Prof. Dr. Wallace Araujo de Oliveira (Instituto de Pesquisas Pretos Novo)

Prof. Dr. Renato da Gama Rosa Costa (PPGPAT/COC/FIOCRUZ)

Rio de Janeiro
2023

R375t Reis, Ana Paula dos.

As tias da morro: memórias e narrativas sobre a formação cultural do grupo Caxambu do Salgueiro / Ana Paula dos Reis. – Rio de Janeiro, 2023.

102 f. : il. color.

Orientadora: Gisele Porto Sanglard.

Dissertação (Mestrado Profissional em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz.

Bibliografia: f. 98-101.

1. Antropologia Cultural. 2. População Negra. 3. Patrimônio Imaterial. 4. Memória (Patrimônio). 5. Brasil.

CDD 306

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Rede de Bibliotecas da Fiocruz com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Responsável pela Ficha Catalográfica: Eliane Dias – CBR-7-5011

DEDICATÓRIA

ÀS MINHAS MÃES

Rilza Maria, a quem, além da vida e de tudo, devo o empréstimo da voz que me conduziu afetivamente pelos caminhos dessa pesquisa

Nágile Farah (In Memoriam), pela convivência afetiva, pela condução efetiva e pelo incentivo amoroso e contínuo, sem os quais, dificilmente, seria possível trilhar os muitos caminhos que me levaram até aqui

AGRADECIMENTOS

Ao PPGPAT/COC/FIOCRUZ pela seleção e pela oportunidade de desenvolver esse projeto.

À Prof^a *Luciana Heymann*, pela acolhida carinhosa e pelo incentivo de sempre.

À *Valéria Souza*, Secretária Acadêmica, pela simpatia, colaboração e disponibilidade desde o primeiro contato.

Ao corpo docente do PPGPAT pela partilha de conhecimentos, conteúdos e experiências, com destaque para as Professoras *Gisele Sanglard* e *Maria Cristina Coelho Duarte*.

Aos colegas de turma com os quais, ainda que virtualmente, eu tenha conseguido estabelecer alguma relação de troca e aprendizado.

Aos amigos *Wallace Araújo* e *Christiane Rio Branco*, responsáveis por me convencerem ao ingresso nesse mestrado e com quem tenho compartilhado experiências de trabalho, de estudo e, especialmente, de amizade, de respeito e afeto desde que nos encontramos “*para sempre*” na Pós-Graduação em Turismo Cultural do Instituto de Pesquisas Pretos Novo (IPN) no ano de 2018.

Ao Coletivo Grupo Cultural Caxambu do Morro do Salgueiro, na figura de *Marcelo Paz* e *Emerson Menezes* pelo companheirismo, confiança e pela troca de informações tão fundamentais à construção dessa pesquisa.

Ao músico Rogerinho do Salgueiro, antigo dirigente do grupo, pela confiança no compartilhamento do acervo com registros das antigas rodas de Caxambu realizadas no Morro do Salgueiro.

Às Tias *Dorinha*, *Celina*, *Ninika*, *Celeste*, *Taninha*, *Regina*, *Rosinha*, *Betinha* e *Mara*: suas bênçãos e gratidão imensa por me receberam em suas casas e por confiarem a mim suas memórias que, somadas às de minha mãe, constituem a maior riqueza dessa pesquisa.

EPÍGRAFE

“Quando não souberes para onde ir, olha para trás e saiba pelo menos de onde vens”

(Provérbio Africano)

RESUMO

A proposta deste trabalho é construir um estudo a partir dos encontros realizados com as *Tias do morro*, matriarcas do Coletivo Cultural Grupo Caxambu do Salgueiro. Além de apresentar dados sobre a formação social e cultural do lugar, a ênfase será para a dança do caxambu, cultura tradicional da comunidade e Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. Aspectos relacionados à ancestralidade, história, patrimônio, cultura, memória e pertencimento, indispensáveis para a sobrevivência dessa herança cultural, serão tratados através desses encontros. O caxambu é uma cultura tradicional da comunidade e os mecanismos de resistência desse saber cultural serão apresentados e evidenciados ao longo desse estudo realizado no Morro do Salgueiro, uma comunidade localizada no bairro da Tijuca, na cidade do Rio de Janeiro e habitada inicialmente por uma população majoritariamente negra, formada, em sua maioria, por pessoas que foram escravizadas. Também faz parte dos objetivos abordar aspectos relacionados à intensificação do processo de ocupação do território ocorrido no início do século XX, quando grandes contingentes de pessoas originárias de cidades do interior dos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais e do nordeste brasileiro chegaram ao local trazendo nas bagagens suas crenças, suas tradições, suas culturas, e seus costumes, aspectos que foram, ao longo do tempo, sendo incorporados ao dia-a-dia de todos os moradores e hoje justificam a natureza festiva e a efervescência cultural do lugar.

Palavras-chave: Dança do caxambu; Morro do Salgueiro; Patrimônio Cultural; Coletivo Cultural Grupo Caxambu do Salgueiro; Cultura; Memória.

ABSTRACT

The purpose of this work is to construct a study based on the meetings held with the Tias do Morro, matriarchs of the Cultural Collective Grupo Caxambu do Salgueiro. In addition to presenting data on the social and cultural formation of the place, the emphasis will be on the caxambu dance, traditional culture of the community and Intangible Cultural Heritage of Brazil. Aspects related to ancestry, history, heritage, culture, memory and belonging, indispensable for the survival of this cultural heritage, will be addressed through these meetings. Caxambu is a traditional culture of the community and the mechanisms of resistance of this cultural knowledge will be presented and evidenced throughout this study carried out in Morro do Salgueiro, a community located in the neighborhood of Tijuca, in the city of Rio de Janeiro it was initially inhabited by a mostly black population, mostly made up of people who were enslaved. It is also part of the objectives to address aspects related to the intensification of the process of occupation of the territory that occurred at the beginning of the twentieth century, when large contingents of people from cities in the interior of the states of Rio de Janeiro, Espírito Santo, and Minas Gerais and from the Brazilian Northeast arrived at the place bringing in their luggage their beliefs, their traditions, their cultures, and their customs, aspects that were, over time, incorporated into the daily lives of all residents and today justify the festive nature and cultural effervescence of the place.

Keywords: Caxambu dance; Morro do Salgueiro; Cultural Heritage; Cultural Collective Grupo Caxambu do Salgueiro; Culture; Memory.

SUMÁRIO

Introdução	11
Capítulo 1 – Patrimônio	15
1.1 - O Patrimônio Negro e a dança do Caxambú	16
1.2 - Jongo e Caxambu: semelhanças, diferenças ou questão de identificação?	22
1.3 - O Caxambú no contexto da política pública	28
Capítulo 2 – O Morro do Salgueiro	35
2.1 - A ocupação do território: um breve histórico	35
2.1.1 – A ação do Estado no território	42
2.2 - A formação cultural dos moradores do Morro do Salgueiro	52
2.2.1 – A escola de samba	56
2.2.2 – A Folia de Reis	61
2.2.3 – A dança do Caxambu	64
2.3 - Coletivo Grupo Cultural Caxambu do Morro do Salgueiro	72
2.3.1 – Padaria Caliel	78
Capítulo 3 – As tias do morro: memórias e narrativas:	80
3.1 – As entrevistas e a magia dos encontros	82
Considerações finais	97
Referências	99
Anexos	102

INTRODUÇÃO

Desenvolver uma pesquisa abordando a construção social e cultural do Morro do Salgueiro surge a partir de um profundo interesse em (re)conhecer as características do local onde nasci. Inicialmente, a ligação familiar com o território tem origem a partir da migração de Dona Flor, minha avó materna que, aos 21 anos, sai de Campos dos Goytacazes, sua cidade natal e chega ao Rio de Janeiro em busca de trabalho e melhores condições de vida para a criação e o sustento de sua filha, a pequena Rilza Maria, por sua bênção, minha mãe.

A dura rotina da vida no Morro foi traumatizante para minha mãe, hoje com 82 anos. As histórias contadas por ela sempre fizeram referência a uma sobrevivência dificultada por inúmeras ausências: de recursos, de educação, de sonhos, de perspectivas. As poucas lembranças tenras que mantém estão relacionadas, quase sempre, ao profundo respeito mantido por sua mãe, principalmente naquilo que se refere à firme postura que teve diante de todas as adversidades da vida.

Minha mãe, pela ausência de estudos e outras oportunidades, seguiu a dura tradição herdada pelas mulheres pretas de sua geração e, também, pelas que a antecederam e trabalhou por muitos anos como empregada doméstica em algumas casas de família. Embora essa seja uma atividade tão digna quanto qualquer outra, dificilmente possibilita a ascensão social de quem a executa. Curiosamente, o único trabalho diferente disso se deu justamente quando esteve lotada na Fundação Oswaldo Cruz a serviço de uma companhia de limpeza.

O que existe de mais interessante em toda a vida são justamente as voltas que a vida dá. Hoje, como Mestranda dessa casa e ciente de todas as oportunidades a que tive acesso, busco, com esse trabalho, validar a história de luta impetrada por minha mãe que, pela falta de acessos e outros recursos não foi capaz de reconhecer a riqueza existente no território que a criou e onde estão enraizadas as histórias que hoje despertam todo o meu interesse.

Embora também tenha seguido a tradição das mulheres pretas da família e trabalhado por um ano como empregada doméstica, a experiência e o encontro afetivo com Nágile Farah, minha segunda mãe, fizeram com que eu tivesse acesso a um mundo de novas possibilidades,

formado basicamente pelo estudo e pela cultura. Hoje, me reconhecer como parte de uma família que, ao longo das gerações, vem sendo conduzida por mulheres que precisaram superar medos e dificuldades pela falta de outra opção que não a de ser forte, me faz perceber o tamanho da responsabilidade que tenho, além da consciência de que pertenço a um tempo de liberdade e oportunidades que lhes foram negadas.

Essa consciência foi a força motriz que me impediu de desistir desse processo, desenvolvido em meio a árduo período de profundas mudanças – físicas e emocionais. Sobreviver à pandemia, ao luto, à perda de afetos e às transformações físicas ocasionadas pela descoberta de uma Tireoidite de Hashimoto - doença autoimune descoberta em 2021 e que me trouxe sintomas como fadiga extrema, lentidão, dores musculares, depressão e lapsos de memória - por si só seriam considerados motivos suficientes para não levar adiante esse estudo que, a princípio, pouco ou nada me traria de retorno profissional.

Desistir seria a opção mais simples e, até a bem pouco tempo, foi considerada. No entanto, identificar a minha condição de privilégio diante da trajetória de mulheres pretas que, como minha mãe, passaram a vida lutando pelo direito básico à sobrevivência, me fez perceber a importância de ocupar esse lugar. Senão por mim, por ela e por todas aquelas que nos antecederam, para quem, desistir, nunca foi uma opção.

Considerando a pesquisa que me propus realizar, esclareço que todos os caminhos que sigo agora me fazem voltar às origens a partir do interesse em estudar a tradição do Caxambu que, além de ser considerada a cultura mais tradicional da comunidade do Morro do Salgueiro, é aquela que tem por principal fundamento o profundo respeito aos ensinamentos deixados por nossos antepassados.

Aprender com as memórias de minha mãe tem sido o mais precioso ensinamento que a vida me proporciona agora e essa experiência, somada à todas as outras, me direcionam a um lugar de pertencimento e reconhecimento da força que é parte constituinte de nós. Trabalhar as narrativas das *Tias do Caxambu*, grupo formado por mulheres pretas, matriarcas da comunidade e contemporâneas de minha mãe, teve a intenção de me permitir a construção de uma história

diferente; de nos oferecer a oportunidade de reconhecer o valor que existe no Morro do Salgueiro.

No processo de pesquisa de campo, a simples menção ao nome de minha família - minha avó, de meus tios, minha mãe - e o imediato reconhecimento por partes dos antigos moradores foi a senha utilizada para que eu tivesse minha presença e minha pesquisa validadas. Além disso, passei a ser identificada como “*cria*” daquele território, termo que, para o Salgueirense, funciona como um “*selo de autenticidade*” e identifica aquele que foi nascido e criado no Morro. Curiosamente, das três gerações envolvidas nessa pesquisa – minha avó, minha mãe e eu, sou a única de fato nascida no território.

Esclarecidos os fatores que levaram à motivação para a realização desse estudo, busco, para além da construção de uma memória afetiva, abordar questões relacionadas à ancestralidade, história, patrimônio, cultura, memória e pertencimento, elementos fundamentais identificados na cultura do Caxambu.

Quanto à metodologia utilizada, além de inicialmente lançar mão das memórias de minha mãe sobre sua experiência com as rodas de Caxambu do Morro do Salgueiro das décadas de 1950/1960, somadas as narrativas das matriarcas, utilizarei as informações obtidas em livros, artigos, documentos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e material áudio visual, que serão complementados pela vivência e observações da pesquisa de campo e das entrevistas.

No **1º capítulo** a proposta é realizar uma pesquisa sobre o tema do patrimônio e do patrimônio negro, de modo a obter a compreensão do processo de construção das políticas de valorização e preservação da memória e cultura afrodescendente, evidenciando conquistas e garantias de direito obtidas pela população negra. Uma outra proposta do capítulo será a apresentação do Caxambu, dança de matriz africana, Patrimônio Cultural do Brasil e, ainda, apresentr o contexto de transformação da cultura em Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil.

O **2º capítulo** é direcionado a apresentar informações sobre o processo de ocupação do Morro do Salgueiro. Além disso, tem por proposta construir uma abordagem sobre a formação

cultural dos moradores, com informações acerca das expressões culturais negras do território, tais como a escola de samba, a Folia de Reis, o movimento de erveiras e erveiros e, em especial, a dança do Caxambu.

O **3º capítulo** está voltado para a análise das entrevistas realizadas com as Tias do Caxambu, matriarcas da comunidade salgueirense e figuras diretamente envolvidas no processo de transmissão da cultura do Caxambu aos integrantes da nova geração. As entrevistas foram pensadas com a intenção de evidenciar o protagonismo dessas senhoras e, ainda, entender os mecanismos desenvolvidos para a manutenção da cultura do Caxambu no território do Morro do Salgueiro.

Salve a memória de nossos ancestrais!

Salve o Morro do Salgueiro!

Salve o Caxambu!

CAPÍTULO 1. PATRIMÔNIO

Para a elaboração do presente capítulo realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre o tema do patrimônio e do patrimônio negro, de modo a obter a compreensão do processo de construção das políticas de valorização e preservação da memória e cultura afrodescendente, evidenciando conquistas e as garantias de direito obtidas pela população negra.

Uma outra proposta do capítulo é apresentar o Caxambu, dança de matriz africana, Patrimônio Cultural do Brasil. Para o desenvolvimento da temática, os suportes teóricos serão obras como: “*Pelos caminhos do Jongo/Caxambu*”, de Martha Abreu e Hebe Mattos; “*Jongo no Quilombo São José*”, de Marcos André; “*Memórias do Jongo: as gravações históricas de Stanley J. Stein. Vassouras*”, 1949, de Silvia Hunold Lara e Gustavo Pacheco, entre outras.

Naquilo que se refere ao Caxambu no contexto da política pública serão utilizados instrumentos legais que façam referência ao Patrimônio Cultural Imaterial, tais como Convenções da Unesco, Leis e Decretos, assim como regulamentações aprovadas pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a exemplo do Dossiê nº 5 (Jongo do Sudeste) e do Plano de Salvaguarda do Jongo do Sudeste, este último realizado em parceria com a Universidade Federal Fluminense (UFF) e as comunidades jogueiras da região sudeste.

1.1 – O patrimônio negro e a dança do caxambu

Pensar a questão do patrimônio imediatamente nos remete à ideia daquilo que é próprio, que é original, que é herança. Embora atualmente essa reflexão se apresente como óbvia, não se pode estender tal compreensão a um período muito superior aos últimos 40 anos, quando a noção de patrimônio se ligava diretamente aos bens de natureza material, a partir de uma perspectiva histórica que valorizava a estética.

No Brasil, a temática do patrimônio começa a ser considerada politicamente relevante, implicando o movimento do Estado a partir da década de 30, mais especificamente no contexto político do Estado Novo (1937/1945) quando, entre outras instituições, é criado o SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, órgão instituído através da Lei nº 378, de 13/01/1937¹, inicialmente dirigido pelo advogado mineiro Rodrigo Melo Franco de Andrade (1898/1969), responsável pela aprovação do Decreto-Lei nº 25, de 30/11/1937², norma legal que, entre outras coisas, institui o ato jurídico do tombamento como principal instrumento na preservação dos bens culturais. O citado ato normativo, além de regulamentar a atividades do SPHAN, definia, em seu artigo 1º que

“patrimônio histórico e artístico nacional é aquele representado pelo conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico”

Ainda na forma do Decreto, tem-se que os bens, para serem considerados parte integrante do patrimônio histórico e artístico nacional obrigatoriamente precisariam estar inscritos em um dos quatro livros do Tombo, a saber:

- 1) Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, as coisas pertencentes às categorias de arte arqueológica, etnográfica, ameríndia e popular;
- 2) no Livro do Tombo Histórico, as coisas de interesse histórico e as obras de arte histórica;
- 3) Livro do Tombo das Belas Artes, as coisas de arte erudita, nacional ou estrangeira e
- 4) Livro do Tombo das Artes Aplicadas, as obras que se incluam na categoria das artes aplicadas, nacionais ou estrangeiras.

¹ Lei nº 378, de 13/01/1937 disponível em: [L0378 \(planalto.gov.br\)](https://planalto.gov.br/legis/leis/1937/378.htm) Acessado em 16/11/2023

² Decreto-Lei nº 25, de 30/11/1937 disponível em: [Del0025_37 \(planalto.gov.br\)](https://planalto.gov.br/legis/leis/1937/25.htm). Acessado em 16/11/2023

Os processos de análise realizados pelo SPHAN utilizavam como critérios de avaliação a questão da monumentalidade e de excepcional valor para a nação, o que privilegiava, em grande medida, a proteção de bens que tinha uma relação direta com a elite brasileira, os considerados “*monumentos de pedra e cal*”.

Estudos desenvolvidos por Abreu (2007) e Marins (2016) demonstram que a partir das décadas de 70/80 alterações foram percebidas na legislação do patrimônio cultural, quando, a partir da gestão de Aloísio Magalhães à frente dos projetos desenvolvido junto ao CNRC - Centro Nacional de Referências Culturais começou a ser desenvolvida uma política que privilegiava a identificação da multiplicidade cultural existente no Brasil, implementando ações que abrangeram quase todos os segmentos culturais existentes.

Simultaneamente às alterações implantadas no início da atuação de Aloísio Magalhães, movimentos internacionais promovidos por países ditos do terceiro mundo aqueciam a pauta das reivindicações, no sentido de obterem o reconhecimento, a valorização e salvaguarda de suas tradições culturais, ou seja, de seus patrimônios. Um dos exemplo pode ser percebido a partir das deliberações aprovadas na Mesa de Santiago, evento realizado em 1972 na capital chilena e que foi marcado por debates em torno da responsabilidade social do museu, de sua função sobre o território e do seu dever de estabelecer interlocuções com a comunidade³.

No cenário nacional, a efervescência no processo de ampliação da noção de patrimônio cultural conta com a forte atuação do Movimento Negro Unificado. Tal movimento, liderado por intelectuais como Beatriz Nascimento, Lélia Gonzales, Abdias Nascimento entre outros, atuava na luta pela redemocratização do país e contribuía significativamente para o momento de mudanças que se instaurariam a partir de então.

As pautas de reivindicações dos movimentos sociais incluíam questões de combate ao racismo e outras relacionadas à garantia dos valores culturais e à defesa da política patrimonial da população negra. Até então, a atuação do órgão de proteção ao patrimônio quase não havia utilizado o instrumento do tombamento para salvaguardar um patrimônio cultural negro. O único registro existente, à época, era de 1938 e fazia referência ao tombamento da Coleção do Museu de Magia Negra da Polícia Militar.

³ Para outras informações sobre a Mesa Redonda de Santiago consultar: <http://www.iber museos.org/>. Acessado em 27/02/2024

O tombamento da coleção, formada por indumentária e objetos apreendidos dos terreiros de religião de matriz africana foi inscrito no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, mas, no entanto, diferentemente de salvar o bem cultural negro, representou por quase um século uma forma de sequestro do que sempre foi considerado sagrado para a população praticante da religião africana.

O ano 2020 registra um marco vitorioso para o Movimento Negro e para as religiões, pois o acervo constituído por 523 objetos deixa os porões da Polícia Civil e é transferido para o Museu da República, no Rio de Janeiro. Com a transferência, surge a recomendação de que a conservação do acervo passasse a ser feita também com a participação social. Esse movimento remonta a uma história de violação de direitos, mas também, de memória, ancestralidade, resistência e fé.

O IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional formaliza, no ano de 2023, a nomenclatura “Acervo Nosso Sagrado”, como forma de promover uma reparação histórica e combater o racismo religioso.

Nesse segmento, os patrimônios culturais negros, ou seja, aqueles representados pelos legados culturais da escravidão passaram a receber a garantia do Estado a partir da década de 1980. A reboque de tais mudanças, instrumentos jurídicos como a CRFB - Constituição da República Federativa do Brasil de 1988⁴ e o Decreto Presidencial nº 3.551/2000⁵ foram fundamentais para estabelecerem as mudanças na condução dos processos de patrimonialização dos bens culturais no país.

Os artigos 215 e 216 da CRFB são específicos no sentido de, pela primeira vez, garantirem a proteção do Estado para as manifestações das culturas populares – principalmente as indígenas e afro-brasileiras e, ainda, estabelecerem a distinção entre o que constitui o Patrimônio Cultural Material e o Patrimônio Cultural Imaterial.

Na forma da Constituição, os Patrimônios Culturais no Brasil passam a ser classificados como bens de natureza *material* e *imaterial* que, tomados individualmente ou em conjunto, são portadores de referências à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão;

⁴ CRFB, de 05/10/1988. Disponível em: [Constituição \(planalto.gov.br\)](http://planalto.gov.br). Acessado em 16/11/2023

⁵ Decreto nº 3.551, de 04/08/2000. Disponível em: [D3551 \(planalto.gov.br\)](http://planalto.gov.br). Acessado em 16/11/2023

II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Com a promulgação da Constituição Federal, foi fundada a FCP - Fundação Cultural Palmares⁶, primeira instituição brasileira voltada para a promoção e preservação dos valores culturais, históricos, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na sociedade brasileira. A entidade é vinculada ao Ministério do Turismo e foi constituída a partir de autorização da Lei nº 7.668⁷, de 22.08.88, que, em seu artigo 2º, lhe confere as seguintes atribuições:

- I - promover e apoiar eventos relacionados com os seus objetivos, inclusive visando à interação cultural, social, econômica e política do negro no contexto social do país;
 - II - promover e apoiar o intercâmbio com outros países e com entidades internacionais, através do Ministério das Relações Exteriores, para a realização de pesquisas, estudos e eventos relativos à história e à cultura dos povos negros.
 - III - realizar a identificação dos remanescentes das comunidades dos quilombos, proceder ao reconhecimento, à delimitação e à demarcação das terras por eles ocupadas e conferir-lhes a correspondente titulação.
- (BRASIL, 1988)

A instituição tem atuado na promoção de uma política cultural igualitária e inclusiva, de forma a contribuir para a valorização das histórias e das manifestações culturais e artísticas negras brasileiras que constituem patrimônios nacionais. Dentre as competências da FCP, temos: I – inscrição das comunidades quilombolas em cadastro geral do Governo; II – emissão de certidões para as comunidades quilombolas – documento que reconhece o direito à terra e dá acesso aos programas sociais lançados pelo Governo Federal; III – promoção, o fomento e a preservação das manifestações culturais negras e o apoio e difusão da Lei 10.639/03⁸.

A promulgação do Decreto nº 3.551/2000 institui o “Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial” que constituem o patrimônio cultural brasileiro, e cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e, entre as providências, determina que:

⁶ Informações disponíveis em: [Palmares — Fundação Cultural Palmares \(www.gov.br\)](http://www.gov.br/palmares). Acessado em 28/11/2023

⁷ Lei nº 7.668, de 22/08/1988. Disponível em: [L7668 \(planalto.gov.br\)](http://planalto.gov.br/leis/7668). Acessado em 28/11/2023.

⁸ Lei nº 10.639, de 09/01/2003. Disponível em: [L10639 \(planalto.gov.br\)](http://planalto.gov.br/leis/10639). Acessado em 28/11/2023

Art. 1º - Fica instituído o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro.

§ 1º Esse registro se fará em um dos seguintes livros:

I - Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;

II - Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;

III - Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;

IV - Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.

§ 2º A inscrição num dos livros de registro terá sempre como referência a continuidade histórica do bem e sua relevância nacional para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira.

§ 3º Outros livros de registro poderão ser abertos para a inscrição de bens culturais de natureza imaterial que constituam patrimônio cultural brasileiro e não se enquadrem nos livros definidos no parágrafo primeiro deste artigo.

A normatização instaurada pelo Decreto e a participação efetiva da sociedade fez com inúmeras manifestações musicais, artísticas e religiosas populares finalmente pudessem receber o reconhecimento de Patrimônios Culturais da Nação pelo IPHAN.

Em pesquisa realizada no órgão observamos que os bens culturais imateriais registrados estão classificados por tipo e abrangências, a saber:

LIVROS	ABRANGÊNCIAS			
	NACIONAL	REGIONAL	ESTADUAL	LOCAL
Formasde Expressão	9	7	31	142
Saberes	6	4	14	121
Lugares	6	-----	5	165
Celebrações	4	-----	10	119

Dados extraídos da pesquisa realizada na Plataforma SICG - IPHAN⁹

⁹ Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão. Disponível em: [Pesquisa Bem Imaterial \(iphan.gov.br\)](https://www.iphan.gov.br). Acessado em 28/11/2023

Embora não seja possível, em um primeiro momento, identificar quantos destes bens culturais fazem referência a um patrimônio negro, certamente eles representam culturas imateriais que, apenas a partir da Constituição Federal e, mais especificamente, após o Decreto nº 3.551/2000, passaram a existir para o Estado. Com relação ao caxambu, manifestação cultural objeto dessa pesquisa, seu registro foi aprovado no ano de 2005, com abrangência regional, e consta do Livro das Formas de Expressão.

Além das conquistas que fazem referências ao registro dos bens culturais de natureza imaterial, outras determinações legais vêm sendo aprovadas de forma a garantir direitos para a população negra e, assim, criar formas de compensação pelos longos anos de abandono e descaso. Embora não sejam tantos os avanços, alguns exemplos podem ser verificados através da aprovação das Leis nºs 10.639/03, 12.288/10 e 14.723/23.

A Lei nº 10.639¹⁰, de 09/01/2003, é considerada um marco na educação brasileira ao tornar obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira, além de incluir o Dia da Consciência Negra no calendário escolar. O movimento que leva à aprovação da Lei é resultante dos esforços impetrados pelo Movimento Negro que, há décadas, vem atuando em prol de uma política educacional que levasse em consideração a participação efetiva dos negros na formação histórica e cultural do Brasil, de modo a promover, além da igualdade racial, um sistema de reconhecimento e valorização da história e cultura dessa que constitui mais da metade da população brasileira¹¹.

Julgamos relevante, ainda, fazer menção à Lei de nº 12.288¹², de 20/07/2010, que institui o Estatuto da Igualdade Racial. O documento representa um conjunto de normas destinadas a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica.

Com relação à Lei nº 14.723¹³, de 13/11/2023, dispõe a mesma sobre o programa especial para o acesso às instituições federais de educação superior e de ensino técnico de

¹⁰ Lei nº 10.639, de 09/01/2003. Disponível em: [L10639 \(planalto.gov.br\)](http://planalto.gov.br). Acessado em 05/12/2023.

¹¹ De acordo com dados do Censo 2022 divulgados pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas, 56,1% habitantes do Brasil fazem referência a pessoas negras ou pardas. Informações disponíveis em: [IBGE | Portal do IBGE | IBGE](http://portal.do.ibge.gov.br). Acessado em 05/12/2023.

¹² Lei nº 12.288, de 20/07/2010. Disponível em: [L12288 \(planalto.gov.br\)](http://planalto.gov.br). Acessado em 05/12/2023.

¹³ Lei nº 14.723, de 13/11/2023. Disponível em: [L14723 \(planalto.gov.br\)](http://planalto.gov.br). Acessado em 05/12/2023

nível médio de estudantes pretos, pardos, indígenas e quilombolas e de pessoas com deficiência, bem como daqueles que tenham cursado integralmente o ensino médio ou fundamental em escola pública.

A recente criação do MIR - Ministério da Igualdade Racial¹⁴ em janeiro de 2023 inaugura um tempo de possibilidades e avanços para a promoção da igualdade no país. O órgão, ligado à administração pública direta, tem como atribuições elaborar políticas e diretrizes destinadas à promoção da igualdade racial e étnica; políticas de ações afirmativas e combate e superação do racismo; políticas para quilombolas, povos e comunidades tradicionais, entre outras.

1.2 - Jongo e caxambu: semelhanças, diferenças ou questão de identificação?

Considerando estudos realizados por Abreu e Mattos (2008) e o dossiê do IPHAN (2007), temos que, enquanto manifestação cultural, *Jongo* e *Caxambu* possuem o mesmo significado, ou seja, representam o ritmo cujas matrizes vieram da região africana do Congo-Angola para o Brasil-Colônia com os escravizados que foram enviados para o trabalho forçado nas fazendas de café do Vale do Rio Paraíba em meados do século XIX.

Uma observação que julgamos interessante faz referência ao fato de que o termo *jongo* pode representar a dança ou a cantiga (ponto) e as expressões: “*eu vou cantar um jongo ou eu fiz um jongo*” são relativamente comuns no universo jogueiro. Com relação ao termo *caxambu*, ele representa a dança e, também, é o nome dado ao maior dos três tambores¹⁵ que acompanham a roda. Na comunidade do Morro do Salgueiro a expressão: “*eu vou bater o caxambu*” é recorrente.

Segundo informação constante do Dossiê IPHAN nº 5 - Jongo do Sudeste (2007), “*parece haver preferência pela denominação genérica caxambu no Norte Fluminense, enquanto na região sul dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo o jongo é mais frequente como termo genérico*”. Diante desse fato e tendo em vista que a comunidade do Morro do

¹⁴ Informações sobre as atribuições de MIR disponíveis em: [Ministério da Igualdade Racial \(www.gov.br\)](http://www.gov.br). Acessado em 05/12/2023

¹⁵ O nome dos tambores de uma roda de Caxambu são: caxambu, tambu e candongueiro

Salgueiro se identifica tão somente com o termo caxambu, no decurso dessa pesquisa, sempre que o termo for aplicado fará referência tão somente à manifestação cultural.

Sendo assim, considerando a definição registrada pelo IPHAN, temos que

o jongo, também conhecido por tambu, batuque ou caxambu, representa uma manifestação cultural afro-brasileira, uma forma de expressão que integra percussão de tambores, dança coletiva e elementos mágicos poéticos. Tem suas raízes nos saberes, ritos e crenças dos povos africanos, sobretudo os de língua bantu. É cantado e tocado de diversas formas, dependendo da comunidade que o pratica. Consolidou-se entre os escravizados que trabalharam nas lavouras de café e de cana-de-açúcar localizadas no Sudeste brasileiro, principalmente no Vale do Paraíba do Sul. É um elemento de identidade e resistência cultural para várias comunidades e, também, espaço de manutenção, circulação e renovação do seu universo simbólico (BRASIL, 2005:11).

No contexto em que surgiu, o caxambu representava um movimento essencial para a resistência ao sofrimento da vida cativa, uma forma de louvação aos antepassados, um recurso para a preservação de tradições culturais e religiosas e a consolidação da identidade com criação de métodos de sociabilidade, defesa e resistência. Hoje, representa uma das bases da identidade cultural do povo brasileiro, constitui parte do Patrimônio Cultural Negro e foi registrado como Patrimônio Cultural do Brasil em 2005¹⁶.

Esta dança tem fundamento nos saberes, ritos e crenças do povo africano e era praticada nos encontros dos escravizados, que aconteciam geralmente nos dias de homenagem a santos católicos como São Benedito, Santo Antônio, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora de Santana e o Menino Jesus, momento em que os negros se reuniam em volta de uma fogueira e, ao ritmo e som dos tambores e sob a marcação das palmas, entoavam seus cantos e desenvolviam sua dança no centro da roda.

Segundo descrição feita por Stein (1990),

Longe, por alguns momentos, dos olhares atentos dos opressores, os negros aproveitavam essas brechas para refletirem, através dos pontos cantados, sobre as relações entre si, com os senhores e feitores. O caxambu era uma oportunidade de se cultivar o comentário irônico, hábil, frequentemente cínico, acerca da sociedade dentro da qual os escravos constituíam um

¹⁶ Informações sobre o processo de registro e eleição do Jongo como patrimônio cultural do Brasil serão detalhadas no item 1.3 da presente pesquisa.

seguimento tão importante. O sistema de polícia e supervisão constante tendiam a abalar o anônimo e a disposição do imigrante africano e de seus filhos; o caxambu com seus ritmos poderosos, com a quase completa ausência de supervisão do fazendeiro, com o uso das palavras africanas para disfarçar [...], propiciavam aos escravos a oportunidade de expressar seus sentimentos em relação aos senhores e feitores e comentar acerca das fraquezas de seus companheiros. Dentro desse contexto, os jongos eram canções de protesto, reprimidas, mas de resistência (Stein, 1990, p. 246).

Em complemento e de acordo com Magalhaes e Arruda (2011), temos que a dança representava

Uma maneira de reagir à toda série de mazelas e brutalidades a eles impostas, os africanos cantavam e dançavam, apesar da diferença de suas origens, já que tinham um universo comum, homogêneo e cheio de significados conforme a herança cultural africana. Assim, nas poucas horas de lazer que lhes sobravam reinventavam seus cultos no novo ambiente. Era a reconstrução étnica e cultural africana no Brasil negro. O Caxambu era uma dança sagrada com a qual os negros homenageavam os orixás. Hoje funciona como um instrumento social” (Magalhães e Arruda, 2011, p. 110-111)

Os encontros entre os negros representavam um pleno exercício de liberdade. Através dos pontos entoados, eles conseguiam professar a fé na força dos ancestrais deixados em África; falavam da vida e da dura rotina do trabalho nos cafezais; reclamavam da amargura do cativo; da violência física imposta pelos feitores e da grande opressão a que eram submetidos. A comunicação possibilitada nos momentos de celebração permitia, ainda, que os escravizados combinassem fugas, fortalecendo e expressando o desejo de conquistarem a liberdade. A comunhão fortalecida entre os que dividiam a crueldade do exílio, provavelmente tenha se apresentado como único recurso possível para mantê-los vivos e amenizar a dor, a tristeza e a saudade que sentiam da terra natal e da vida fora das amarras do cativo.

A cultura do caxambu foi sendo passada de geração em geração, sendo a oralidade a principal linguagem de comunicação utilizada para a transmissão de saberes. Tem sido assim desde o tempo do cativo e essa é a essência máxima dessa cultura, que valoriza o profundo respeito aos ensinamentos transmitidos pelos mais velhos, o culto aos ancestrais e a preservação de raízes. Os elementos fundamentais da manifestação cultural são representados pela percussão de tambores, pela roda, pela dança e pelo ponto.

Os tambores são a essência e a vida da roda de caxambu, pois são considerados os elementos de ligação com as entidades do mundo espiritual. Funcionam como a batida do

coração, são eles os representantes materiais e instrumentais do “*sentido sagrado*” da celebração. Os tipos de tambores existentes em uma roda são três, a saber: *tambu e caxambu*, que emitem um som mais grave e o *candongueiro*, mais agudo. Apesar dessas denominações, as comunidades podem atribuir nomes diferentes para seus instrumentos.

Segundo Lima (2021),

Na sua origem, os tambores são também instrumentos de comunicação com os antepassados, com o mundo imaterial. Por meio de diferentes tipos de instrumentos percussivos e com toques variados, se pode homenagear, pedir, chamar e se despedir de uma entidade do mundo sagrado. Os ancestrais ouvem os tambores porque o som do instrumento atravessa as fronteiras entre os diferentes mundos (Lima, 2021, p. 94)



Figura 1 - Tambores do Caxambu do Salgueiro (2019).
Crédito da imagem: Acervo da pesquisadora

A roda é uma celebração realizada com seriedade e respeito. É cheia de energia e de magia e, por esse motivo, as crianças foram, por muito tempo, impedidas de participar, pois o entendimento era de que elas não possuíam a proteção necessária para o caso de coisas mágicas acontecerem.

Hoje, na comunidade do Morro do Salgueiro, embora já exista a autorização para a participação das crianças, a característica sagrada da formação da roda permanece. A pessoa de mais idade tem a atribuição de, após a saudação aos tambores, fazer a abertura e o encerramento de uma roda, no que é seguida pelas demais, sempre considerando a ordem do “mais velho para o mais novo”.

Uma outra característica das rodas de caxambu do Salgueiro é que, diferentemente do observado em outras comunidades, lá a roda gira em sentido anti-horário, como uma analogia ao “*voltar no tempo, ao início da vida, ao encontro com os ensinamentos deixados pelos ancestrais*”

Antes de ser iniciada a roda, uma oração é feita com a evocação a Deus e a Nossa Senhora, com pedidos de proteção, amor e paz para todos e para que a celebração flua bem. As orações geralmente são feitas por *Tia Taninha*, uma das matriarcas. Na ausência dela, a função é delegada a outra pessoa.



Figura 2 - Roda de caxambu do Morro do Salgueiro (2023).
Crédito da imagem: Acervo da pesquisadora

A dança é ancestral, na linha das almas, dos pretos velhos do cativeiro. Com característica de umbigada - dança afro-brasileira criada nos quilombos em meados do século XIX, é representada por um casal que dança no centro da roda em sentido anti-horário. Ao

realizar o movimento da dança, se estabelece uma ligação pelo olhar entre os parceiros, fator que vai determinando o movimento pela roda e o momento de promover a simulação do toque dos ventres, ou seja, a umbigada.

Em algumas comunidades, principalmente as do interior, era comum a utilização de fogueiras, que tinham por finalidade esquentar os tambores e dar luz aos espíritos que visitavam a roda de Jongo. Representavam a fonte de energia vital para a presença dos ancestrais e das almas dos pretos velhos, considerados os protetores dos jongueiros.

O ponto é a característica mais importante da roda de caxambu. Representa uma forma poética e musical que assume característica singular, o que torna a expressão única. Proferido com intenção e ritmado pelos tambores, o ponto tem o poder de acordar as forças do mundo espiritual. No tempo do cativeiro, constituíam diálogos que se apresentavam de forma cifrada - construídos a partir da mistura de palavras em português e dialetos africanos, o que gerava uma comunicação incompreensível ao ouvido dos senhores e capatazes.

Os pontos são classificados de acordo com suas funções e podem ser de *abertura*, de *louvação*, de *visaria*, de *encantamento*, de *demanda* ou “*gurumenta*” ou de *encerramento* e são desenvolvidos no estilo responsorial, ou seja, um coro responde ao solista, que é aquele que puxa o ponto na roda de caxambu. Alguns exemplos de pontos poderão ser verificados a seguir:

- *Abertura ou licença* - cantados para iniciar a roda e para pedir licença aos ancestrais e aos jongueiros, vivos ou mortos (*Sarava jongueiro velho / que veio pra ensinar / que Deus dê a proteção pra jongueiro novo / pro jongo não se acabar*).
- *Louvação* - cantado para saudar o local, o dono da casa ou um antepassado jongueiro (*Bendito louvado seja, é o Rosário de Maria / louvado seja, é o Rosário de Maria / Jongueiro bendito louvado seja / é o Rosário de Maria / louvado seja, é o Rosário de Maria*).
- *Visaria* - cantado para alegrar a roda e divertir a comunidade (*Ai morena, tenho muito o que fazer / tenho roupa pra lavar, ô morena / e botão para colher / vou embarcar na diligência das onze horas / trem de ferro inda não veio, chegou agora*).

- *Encantamento* – cantado para cortejar, lisonjear uma mulher (*Moreninha me pediu / eu não sei se posso dar / sapato de salto alto / pra com ela se casar*).
- *Demanda ou gurumenta* - cantado como forma de desafio lançados entre os jongueiros, com adivinhações e enigmas para testar a habilidade de cada um em decifrar as palavras e seus significados (*Oh, senhor jongueiro / cheguei aqui quando estava escurecendo, oh gente / cheguei aqui quando estava escurecendo / banana era pequena / e agora o cacho está nascendo / oh banana era pequena*).
- *Encerramento ou despedida* - cantado ao amanhecer para saudar a chegada do dia e encerrar a festa (*Adeus, adeus, eu vou embora / vocês ficam com Deus / e Nossa Senhora*)

1.3 – O caxambu no contexto da política pública

O Jongo/Caxambu é um bem cultural de natureza imaterial e Patrimônio Cultural do Brasil. Alcançar esse patamar não teria sido possível sem a grande mobilização das comunidades jongueiras nos movimentos denominados “*Encontros de Jongueiros*”¹⁷, iniciados a partir do ano de 1996.

Toda a mobilização ocasionada pelo Encontro de Jongueiros foi de fundamental importância para a atuação política das comunidades envolvidas. O sentimento de pertencimento coletivo e cultural certamente foi fortalecido nesses movimentos. Além disso, tais encontros facilitaram a interação entre sujeitos provenientes de territórios culturais completamente diferentes, mas que mantinham o desejo comum de serem respeitados em seus direitos e terem a garantia sobre a manutenção da herança cultural deixada por seus antepassados. Nesse segmento, o ano de 2000 representa o marco divisor para as comunidades jongueiras, em função de dois fatores, a saber:

¹⁷ O movimento, denominado “Encontro de Jongueiros” foi constituído por encontros organizados com a mobilização autônoma das comunidades jongueiras dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, que agregavam a participação de entidades, universidades e instituições parceiras. O Projeto, encabeçado pelo Prof. Hélio Machado Castro, da UFF, foi desenvolvido com o objetivo de proporcionar aos praticantes do Jongo momentos de troca de experiência e favorecer a manutenção e a preservação da cultura Jongueira; além de promover discussões sobre os problemas e necessidades inerentes às comunidades, que até aquele momento viviam de forma praticamente isolada.

- Publicação do Decreto Presidencial nº 3551, de 04/08/2000, que institui o registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem Patrimônio Cultural Brasileiro e cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI);
- V Encontro de Jongueiros, realizado nos dias 25 e 26 de agosto de 2000, quando pela primeira vez foi organizada uma mesa de debates, resultando na criação da Rede de Memórias do Jongo e do Caxambu, cujo objetivo seria organizar as comunidades e fortalecer suas lutas por terras, direitos e justiça social.

O referido Decreto representou a “espinha dorsal” do projeto que resultou na declaração do Jongo/Caxambu como Patrimônio Cultural do Brasil, pois, ao normatizar os processos de registro de bens culturais e estabelecer de forma minuciosa a competência de cada um dos agentes envolvidos (comunidades jongueiras e Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN) passou a assegurar ao Jongo/Caxambu o reconhecimento, a certificação e a proteção do Estado.

Um estudo desenvolvido por essa pesquisadora no ano de 2019¹⁸ apresenta detalhamento complexo de todas as etapas desenvolvidas na tramitação do processo que concede o título de patrimônio ao Jongo/Caxambu. Na ocasião, foi elaborada uma espécie de “*linha do tempo da patrimonialização*” que elencava as principais determinações legais identificadas, sejam as de âmbito internacional (especificamente as Convenções da UNESCO) ou as representadas pelos atos aprovados na esfera do Governo Federal Brasileiro (Decretos, Pareceres, publicações e afins), a saber:

1988¹⁹. Constituição da República Federativa do Brasil;

1989²⁰. Recomendação da UNESCO que trata sobre a salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular (Recomendação de Paris);

2000²¹. Decreto Presidencial nº 3.551/2000, que institui o registro de bens culturais de natureza imaterial e cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial;

¹⁸ REIS, Ana Paula dos. “VOZES JONGUEIRAS: O (RE) EXISTIR DE UMA CULTURA Narrativas, encontros, diálogos e construções”. Rio de Janeiro: USU/IPN (monografia), 2019.

¹⁹ Disponível em: [Constituição \(planalto.gov.br\)](http://constituicao.planalto.gov.br). Acessado em 28/11/2023

²⁰ Disponível em: iphan.gov.br. Acessado em 28/11/2023

²¹ Disponível em: [D3551 \(planalto.gov.br\)](http://d3551.planalto.gov.br)

2001²². Síntese do Inventário realizado pela equipe do CNFCP/IPHAN;
2002. Carta das comunidades jogueiras ao Ministro da Cultura solicitando o Registro do Jongo no Livro das Formas de Expressão do Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial;
2003²³. Convenção para a salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (UNESCO);
2005²⁴. Parecer favorável ao registro do Jongo no Livro das Formas de Expressão do Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial;
2005²⁵. Inscrição do Jongo no Livro de Registro das Formas de Expressão;
2005²⁶. Titulação de Patrimônio Cultural do Brasil ao Jongo do Sudeste;
2006²⁷. Decreto Presidencial nº 5.753/2006, que promulga a convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial adotada em Paris em outubro de 2003;
2007²⁸. Dossiê nº 5 – Jongo do Sudeste. Publicação do DPI/IPHAN;
2009²⁹. Livro: “Pelos Caminhos do Jongo e do Caxambu. História, Memória e Patrimônio”;
2011³⁰. Plano de Salvaguarda do Jongo do Sudeste.

Considerando as determinações do Decreto nº 3.551/2000, o processo de patrimonialização do Jongo/Caxambu foi constituído por 7 etapas, descritas a seguir:

1) Inventário realizado pela equipe do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/IPHAN - Trabalho desenvolvido no âmbito do Projeto Celebrações e Saberes da Cultura Popular³¹ com objetivo de subsidiar o CNFCP/IPHAN na reflexão sobre o patrimônio intangível e na instrução de processos relacionados com o registro de música, da dança e outras formas de expressão. Iniciado em 2001, teve por base a metodologia do Inventário Nacional de

²² Disponível em: iphan.gov.br. Acessado em 28/11/2023

²³ Disponível em: [Test Page \(unesco.org\)](http://www.unesco.org) Acessado em 28/11/2023

²⁴ Disponível em: [Microsoft Word - Parecer do Jongo FINAL.doc \(uff.br\)](#) Acessado em 28/11/2023

²⁵ Disponível em: [Microsoft Word - Certid\343o Jongo.doc \(uff.br\)](#) Acessado em 28/11/2023

²⁶ Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Jongo_sudeste_titulacao.pdf Acessado em 28/11/2023

²⁷ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/d5753.htm Acessado em 28/11/2023

²⁸ Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PatImDos_jongo_m.pdf Acessado em 28/11/2023

²⁹ Disponível em: http://www.pontaojongo.uff.br/sites/default/files/upload/pelos_caminhos_do_jongo.pdf Acessado em 28/11/2023

³⁰ Disponível em: <http://www.pontaojongo.uff.br> Acessado em 28/11/2023

³¹ Celebração e saberes da cultura popular: pesquisa, inventário, crítica, perspectivas. / Cecília Londres [et al]. - Rio de Janeiro: Funarte, Iphan, CNFCP, 2004. 96 P. - [Encontros e estudos; 5]. Disponível em: http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Patrimonio_Imaterial/Patrimonio_Imaterial_Legislacao/CNFCP_patrimonio_cultural.pdf

Referências Culturais (INRC)³² e foi constituído por levantamento que incluiu minucioso trabalho de campo e a identificação de expressões de origem africana relacionadas à lavoura do café e da cana-de-açúcar na Região Sudeste, além de visitas às seguintes comunidades jongueiras: - estado do Rio de Janeiro (Morro da Serrinha/Rio de Janeiro; Fazenda São José/Valença; Barra do Piraí; Miracema; Pinheiral; Santo Antônio de Pádua e Angra dos Reis); estado de São Paulo (Guaratinguetá; Cunha; Piquete; São Luis do Piraitinga) e estado do Espírito Santo (São Mateus; Conceição da Barra). O trabalho resultou na elaboração do dossiê “*Jongo: Patrimônio Cultural Brasileiro*”, documento que propõe, entre outras providências, a inscrição do Jongo do Sudeste³³ no Livro das Formas de Expressão do Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial.

2) Solicitação de registro do Jongo feita pelas comunidades jongueiras. Correspondência datada de 22/11/2002, enviada ao Ministério da Cultura pela ONG Grupo Cultural Jongo da Serrinha e Associação da Comunidade Negra de Remanescentes de Quilombo da Fazenda São José, representantes de grupos praticantes de Jongo e demais pessoas interessadas, solicitando o registro do Jongo no Livro das Formas de Expressão do Patrimônio Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Ao pedido de registro foram anexados abaixo-assinados dos integrantes das comunidades, com o total de 190 assinaturas, além de declarações de interesses dos praticantes e um inventário realizado para subsidiar a análise por parte do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural.

3) Proposta de registro enviada pelo Centro Nacional do Folclore e Cultura Popular, unidade especial do IPHAN, ao Presidente da instituição. Memorando nº 164/CNFCP/04, datado de 11/05/2004, enviado pela Diretora do CNFCP/IPHAN solicitando o registro do Jongo no Livro das Formas de Expressão do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ao qual foi anexada toda a documentação necessária para a análise do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural.

³² O Inventário Nacional de Referência Culturais (INRC) é o 1º dos 3 instrumentos implantados pelo Decreto nº 3.551/2001. Para outras informações, consultar: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/685/>

³³ De acordo com Elizabeth Travassos, Antropóloga e Consultora no CNFCP no Projeto Celebração e Saberes da Cultura Popular, duas razões principais justificam a delimitação que mantém o inventário circunscrito ao Sudeste: a existência de uma Rede de Memória do Jongo, articulada há anos e que já reúne comunidades de diversas localidades do Rio de Janeiro e São Paulo; e a presença de particularidades que singularizam os jongsos, caxambus, batuques e tambores no seio das demais danças afro-brasileiras.

4) Parecer emitido pela Gerência de Identificação do Departamento do Patrimônio Imaterial do IPHAN. No dia 01/09/2005 foi aprovado o Parecer nº 001/GI/DPI/Iphan - Processo Administrativo nº 01450.005763/2004-43³⁴, emitido pelo Antropólogo Marcus Vinícius Carvalho no sentido de ser favorável ao registro do Jongo no Livro das Formas de Expressão do Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial.

5) Aprovação do registro do Jongo no Livro das Formas de Expressão. No dia 10/11/2005, na 48ª reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, realizada nas dependências do Museu da República, no Rio de Janeiro, após leitura do parecer do antropólogo Marcus Vinicius Carvalho Garcia, foi aprovada, por unanimidade, a inscrição do Jongo no Sudeste no Livro de Registro das Formas de Expressão como Patrimônio Cultural do Brasil.

6) Registro do Jongo como Bem Cultural de Natureza Imaterial e Titulação como Patrimônio Cultural do Brasil. No dia 15/12/2005 foi feita a inscrição do Jongo no Livro de Registro das Formas de Expressão nº 3. Bem Cultural: Jongo do Sudeste. Em decorrência do registro, foi conferido pelo Presidente do IPHAN o título de Patrimônio Cultural do Brasil.

7) Proclamação pública do Registro do Jongo como Patrimônio Cultural do Brasil pelo IPHAN. No dia 17/12/2005, durante o X Encontro de Jongueiros realizado em Santo Antônio de Pádua/RJ, houve a Proclamação Pública do Registro do Jongo como Patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

A compreensão das etapas do processo de transformação do Jongo em Patrimônio Cultural foi facilitada a partir da análise do fundo documental do Projeto Celebrações e Saberes da Cultura Popular do Jongo, formado por documentos como: correspondência enviada pelas comunidades jongueiras ao Ministro da Cultura; listas de assinatura; declarações de comunidades; livros; dossiês das comunidades; fichas de inventários; certidões; etc. A documentação está arquivada no Museu do Folclore, instituição localizada na Rua do Catete, 178 – Catete, na cidade do Rio de Janeiro.

³⁴ Parecer disponível em: http://www.pontaojongo.uff.br/sites/default/files/upload/parecer_do_jongo.pdf. Acessado em 28/11/2023

Rio de Janeiro, 2 de novembro de 2002.

Exm^o. Sr. Ministro da Cultura
Gilberto Gil Moreira

Com base no decreto presidencial 3.551 de 4 de agosto de 2000 que institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial, a ONG Grupo Cultural Jongo da Serrinha, a Associação da Comunidade Negra de Remanescentes de Quilombo da Fazenda São José da Serra, representantes de grupos praticantes do Jongo e demais interessados abaixo-assinados solicitam o registro do Jongo no Livro de Formas de Expressão do Patrimônio Imaterial do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Esta solicitação está embasada em exaustivo levantamento de referências culturais que foi implementado pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular / IPHAN, com o apoio do Ministério da Cultura, por meio do Projeto *Celebrações e Saberes da Cultura Popular*. Com esse projeto foram inventariados não somente as circunstâncias e os diversos contextos em que se dança o Jongo na região sudeste, mas também práticas a ele relacionadas, como influência religiosa e conexão com outras manifestações culturais. Foi feito também o levantamento dos documentos científicos e artísticos sobre o bem.

A especificação do bem, assim como a justificativa deste pedido, as declarações de interesse de representantes de grupos praticantes do Jongo e o Inventário realizado encontram-se em anexo para a apreciação do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural.

Assinaturas: Aparecida Rahim - Jongo de Miracema RJ

Dep/interwados scote, onateis JONGO DA SERRINHA

Maria André Malpica de Paiva - JONGO DA SERRINHA RJ

Placida de Fátima Silveira Santos - Jongo de Pinheira

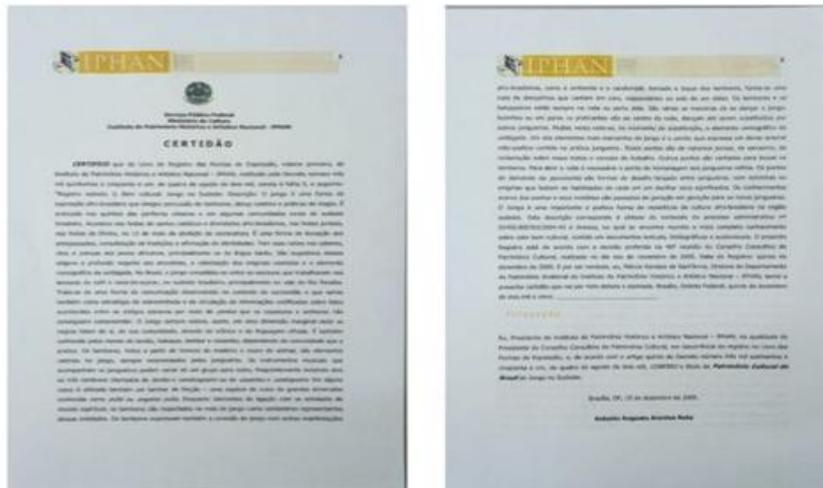
Aline Carla Damazio dos Santos - Samandara

Martini dos Santos (Grupo de Jongo da Samandara)

↑
Angelina

Wélcio José BERNARDO (JONGO DE ANGRA DOS REIS) M. CARNE

Figura 3 - Foto da carta feita pelas comunidades jongueiras solicitando o registro do Jongo como patrimônio cultural do Brasil e enviada ao Ministro da Cultura em 2002. Crédito da imagem: Dossiê CNFCP/IPHAN



Figuras 4, 5 e 6 - Cópia da certidão e do certificado de Registro do Jongo. Imagens disponíveis em: <http://portal.iphan.gov.br/>

As certificações conferidas pelo IPHAN validaram a longa trajetória de lutas travadas pelas comunidades em busca da valorização de sua herança cultural. Além da documentação de registro no Livro das Formas de Expressão e da titulação como Patrimônio Cultural do Brasil, foi publicado pelo DPI/IPHAN no ano de 2007 o Dossiê nº 5 - Jongo do Sudeste³⁵, tornando públicos processos e resultados do Inventário desenvolvido pela equipe do CNFCP/IPHAN. O objetivo do dossiê foi servir como instrumento de conscientização para a sociedade sobre a importância dos valores ancestrais, sagrados, históricos e simbólicos representados pelo jongo/caxambu.

³⁵ Dossiê nº 5 – Jongo do Sudeste. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/>. Acessado em 28/11/2023

CAPÍTULO 2. O MORRO DO SALGUEIRO

Este capítulo tem por objetivo apresentar breve histórico com informações que subsidiem a compreensão do processo de formação do Morro do Salgueiro.

Para o entendimento de como se deu a formação do território utilizamos informações constantes de estudos desenvolvidos pela comunidade com instituições como o Instituto de Análises Sociais (IBASE)³⁶, Instituto Nacional de Altos Estudos - INAE³⁷, Instituto de Arte Tear³⁸, além de informações disponibilizadas no livro Coisas do Morro³⁹, único material até hoje produzido com informações mais gerais sobre a localidade. O livro, fruto do esforço dos jornalistas Martha Arruda e Gilberto Magalhães descreve a vivência de ambos na comunidade e busca recuperar a história dos moradores, considerando suas particulares sócio-culturais.

Além disso, o capítulo apresenta uma abordagem sobre a formação cultural dos moradores do Morro do Salgueiro, com informações acerca das expressões culturais negras do território, tais como a escola de samba, a Folia de Reis, o movimento de erveiras e erveiros e, em especial, a dança do Caxambu.

2.1 – A ocupação do território: um breve histórico

O Morro do Salgueiro, inicialmente denominado Morro dos Trapicheiros, é uma favela do bairro da Tijuca. O bairro, um dos mais tradicionais, habitados e antigos da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, é circundado pela Floresta da Tijuca, área incluída em um dos setores que compõem o Parque Nacional da Tijuca (PNT)⁴⁰. A floresta está integralmente localizada

³⁶ Publicação Histórias de Favelas da Grande Tijuca contadas por quem faz parte delas: Projeto Condutores(as) de Memórias. Publicação IBASE: Rio de Janeiro, Agenda Social Rio, 2006

³⁷ FAVELA É CIDADE: Plano de Desenvolvimento de Favelas para a sua Inclusão Socioeconômica. Publicação do XXVI Fórum Nacional do Instituto Nacional de Altos Estudos (INAE). Autores: Comitê Comunitário da Cidade de Deus; Lideranças e Moradores de Cidade de Deus, Salgueiro, Turano e Formiga; Secretaria Estadual de Assistência Social e Direitos Humanos e Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos

³⁸ Projeto Caminhos da cultura do Morro do Salgueiro Trabalho, desenvolvido em 2011 pelo Instituto de Arte Tear, através de parceria com jovens da comunidade do Morro do Salgueiro. Trabalho feito sob a coordenação de Angela Nogueira e Cristina Candal. Disponível em: www.juventudearte.org.br. Acessado em 19/06/2023.

³⁹ MAGALHÃES, Gilberto e ARRUDA, Martha. Coisas do Morro. – Rio de Janeiro: Reproarte, 2011.

⁴⁰ O parque foi criado através do Decreto nº 50.923, de 06/07/1962 e representa uma Unidade de Conservação de Proteção Integral, com gestão compartilhada entre o ICMBio, o Governo do Estado e a Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. Informações disponíveis em: <https://www.icmbio.gov.br>

na do Rio de Janeiro e é administrada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio).

Estudos realizados pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE)⁴¹ e que integram o livro *Favela é cidade - Plano de Inclusão Socioeconômica* informam que a ocupação das terras do local hoje conhecido como Morro do Salgueiro começou antes mesmo do final da escravidão, uma vez que a área abrigava lavouras de café e uma fábrica de chita e foi aos poucos se transformando em local de moradia de imigrantes e de pessoas escravizadas que fugiam de propriedades existentes no Alto da Boa Vista.

Segundo Magalhães e Arruda (2011), a consolidação do espaço e o crescimento da região se dão por volta de 1900 quando, por ocasião da abolição da escravidão ocorrida em 1888, o local passa a servir de moradia para muitas famílias libertas. A ocupação da área passa por um processo de intensificação por ocasião da chegada de migrantes originários da região da Zona da Mata do estado de Minas Gerais, da região Norte do estado do Rio de Janeiro, do interior do estado do Espírito Santo e de algumas regiões do Nordeste brasileiro.

Com relação à origem do nome do Morro do Salgueiro, acredita-se que se deve ao português Domingos Alves Salgueiro, dono de vastas extensões de terra, do único comércio local e de uma fábrica de conservas na Rua dos Araújo - próxima à comunidade. Além do comércio, o português se dedicava ao cultivo do café e teria construído alguns barracos para abrigar seus escravizados.

Pesquisa desenvolvida por Magalhães e Arruda (2011) informa que o Senhor Salgueiro, embora não fosse dono da área, teria sido audacioso ao mandar construir barracos para alugar às famílias que chegavam à cidade em busca de outras formas de trabalho. O comerciante, no entanto, acabou perdendo a posse das terras pela impossibilidade de arcar com os altos impostos devidos, mas a área já estava ocupada por pessoas que foram chegando ao local e que, mesmo após a saída do antigo proprietário, continuaram fazendo a associação de que aquelas eram as antigas terras do Sr. Salgueiro.

⁴¹ O Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) é uma organização de cidadania ativa, sem fins lucrativos, fundada após anistia política por Herbert de Souza, o Betinho e os companheiros de exílio Carlos Afonso e Marcos Arruda. Para mais informações, consultar: <https://ibase.br/pt/quem-somos/>

A importância econômica do bairro da Tijuca, também conhecido como Andaraí Pequeno, foi iniciada em fins do século XIX e acentuada em início do século XX em função da implantação de indústrias têxteis e de produção de tabaco e rapé, a exemplo das Companhia de Fiação e Tecidos Confiança (1878), Companhia Tijuicana de Tecidos (1907), Fábrica de Tecidos Bom Pastor (1911) e Imperial Fábrica de Rapé Paulo Cordeiro (1910).



Figura 7 - Fábrica de Tecidos Bom Pastor. Disponível em: <https://saudadesdoriadoluzd.blogspot.com/>



Figura 8 - Companhia Tijuicana de Tecidos. Disponível em: <http://www.labhoi.uff.br/node/1808>



Figura 9 - Companhia Confiança Industrial.
Disponível em: [Rio Memórias \(riomemorias.com.br\)](http://riomemorias.com.br)

A instalação das indústrias e a crescente migração influenciaram consideravelmente o crescimento populacional do bairro e, conseqüentemente, o número de moradores do Morro do Salgueiro. Nei Lopes (2008) informa que, por essa época, transformações sociais caracterizavam a vida na região, a expansão demográfica se evidenciava, ruas eram abertas e nomeadas pelos proprietários das terras. De acordo com o autor

Esse arruamento pioneiro é o primeiro traço de uma tendência que vai se difundir a partir do ano de 1870 quando, experimentando uma acentuada

decadência econômica, principalmente por causa do café, e vendo crescer a demanda de habitações no bairro, mormente por parte da massa trabalhadora das fábricas recém-inauguradas, os grandes proprietários começam a lotear as suas terras. É assim que, com a morte do Conde de Bonfim e de seu filho, o Barão de Mesquita, o genro deste, Barão de Itacuruça, loteia a Chácara do Trapicheiro. Nesse momento histórico acentua-se vertiginosamente a decadência da lavoura cafeeira do Vale do Paraíba e zonas vizinhas. Assim, atraídos por melhores condições de trabalho, seus habitantes, negros livres e ex-escravos em sua maioria, começam a migrar para o Rio de Janeiro e a se estabelecer também na zona da Tijuca, que já possui fábricas e residências aristocráticas necessitando de mão-de-obra subalterna (Lopes, 2008, p. 52-3)

No entanto, se por um lado era atraente a quantidade de força de trabalho existente na cidade do Rio de Janeiro, por outro não restavam opções de moradia para a população com baixo poder aquisitivo, que necessitava viver perto de seus empregos, fossem eles nas fábricas, nas residências ou nas obras necessárias à reforma urbana operada na cidade.

Essa conjuntura torna inevitável a proliferação de loteamentos nas encostas dos morros, o que, em certa medida, pode ser entendido como o início do processo de favelização da cidade do Rio de Janeiro, movimento intensificado a partir da reforma urbana implantada pelo Engenheiro Francisco Pereira Passos, prefeito da cidade do Rio de Janeiro no período de 1902-1906⁴².

A reforma Pereira Passos, de natureza urbanista e higienista, representou um conjunto de medidas impostas e pensadas com a finalidade de transformar completamente a cidade do Rio de Janeiro, então capital da República, de modo a aproximá-la de metrópolis européias, a exemplo de Paris, capital da França.

Estudo desenvolvido por Carvalho (1987) apresenta um amplo panorama sobre as transformações implantadas no período e nos dá a dimensão da abrangência das ações para a execução de obras de modernização do porto, construção de avenidas Central, ampliação de ruas, construção de praças, criação de estruturas de saneamento, entre muitas outras.

⁴² Informações básicas sobre a reforma Pereira Passos também puderam ser obtidas no artigo intitulado “*Algumas considerações sobre a reforma urbana Pereira Passos*”, da socióloga Mayara Grazielle Consentino Ferreira da Silva. O estudo, publicado na Revista Brasileira de Gestão Urbana nº 11 está disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso em 18/06/2023

Tais ações visavam implantar uma civilidade burguesa, permitindo, dessa forma, que a cidade fosse local para o convívio dos mais distintos habitantes. A promoção da europeização do Rio de Janeiro exigia, além da remodelação arquitetônica, uma limpeza profunda de todo o centro urbano, em benefício dos valores estéticos que se pretendia alcançar e da crescente preocupação da elite com questões relacionadas à saúde pública. Assim, não só proibiu-se a expansão dos cortiços como teve início um processo sistemático de demolição destas moradias, vistas como pontos de transmissão de doenças e epidemias.

Em complemento, temos em Magalhães e Arruda a informação de que

O prefeito Francisco Pereira Passos, no começo do século XX, ordenou aos operários que avançassem com suas picaretas demolidoras, colocando no chão as centenárias casas do Centro. Proibiam-se qualquer reforma dos cortiços e ainda eram dificultadas as ocupações de outras áreas da cidade (subúrbios) pela população carente, enquanto continuavam a chegar à então capital federal levadas de migrantes famintos, sedentos e sem-teto (...) A ocupação dos morros foi inevitável, porque os trabalhadores necessitavam viver perto de seus empregos na indústria e/ou setor terciário. Era a única opção. (Magalhães e Arruda, 2011, p. 16)

Diversos são os estudos existentes sobre esse período de mudanças, que tem fundamental atuação do médico sanitário Oswaldo Cruz, Diretor Geral de Saúde Pública nomeado com a principal atribuição de desenvolver mecanismos capazes de combater os focos transmissores das doenças existentes na cidade.

De acordo com Carvalho (1987)

Oswaldo Cruz enfrentou, em primeiro lugar, a febre amarela, adotando métodos já aplicados em Cuba. Atacou a doença por dois lados, pela extinção dos mosquitos e pelo isolamento dos doentes em hospitais. Logo a seguir, voltou-se para a peste bubônica, cujo combate exigia a exterminação de ratos e pulgas e a limpeza e desinfecção de ruas e casas. Brigadas sanitárias compostas de um chefe, cinco guardas mata-mosquitos e operários de limpeza pública percorriam ruas e visitavam casas, desinfetando, limpando, exigindo reformas, interditando prédios, removendo doentes. Casas de cômodo e cortiços constituíam objeto de atenção especial (Carvalho, 1987, p. 94).

Outras informações sobre a origem da comunidade também foram obtidas na publicação do IBASE do ano de 2006, denominada Histórias de favelas da Grande Tijuca contadas por

quem faz parte delas - Projeto Condutores(as)de Memória.

O projeto, implementado e desenvolvido pela Agenda Social Rio na Grande Tijuca foi um programa que contribuiu para a reconstrução das representações sobre as favelas e da identidade de sua população. Por meio da valorização memória coletiva desses espaços urbanos, as pessoas que neles moram refazem sua própria trajetória, reelaboram sua experiência de vida e transformam a dura realidade na qual estão inseridas.

De acordo com relatos de antigos moradores,

[...] no início dessa ocupação, as condições de vida eram muito precárias. Os barracos eram de madeira, e as telhas, de zinco. Na havia estradas e, para se alcançar o alto do morro, era preciso subir pelas pedras. Cozinhava-se à lenha, depois a querosene. Comia-se carne de porco guardada na banha e costumava-se defumar linguiça e fazer broa de milho, que substituíam o pão. A água para uso diário também era carregada na cabeça e na “balança”, e as roupas eram lavadas no rio e passadas com ferro a carvão. A luz era obtida pelo uso do lampião, querosene ou vela, e o transporte era feito, quando muito, por mula (IBASE, 2006).

Consta, ainda, o registro de que, à medida em que as pessoas chegavam para morar no morro, iam levantando suas casas e barracos com muita dificuldade. Logo, foram se formando multirões de pessoas solidárias que ajudavam umas às outras. Aos poucos, os moradores modificaram a geografia e a história do morro e foram se formando becos e vielas hoje conhecidos como ruas e pontos importantes na comunidade, como, por exemplo: Sossego (local mais sossegado), Campo (em função do campo de futebol criado para a socialização dos moradores), Pedacinho do Céu (a parte mais alta do morro, onde os barracos ficavam mais isolados), Canto do Vovô, Sunga, Caminho Largo, Trapicheiro, Portugal Pequeno, Sempre Tem, Anjo da Guarda, Terreirão, Grotta, Rua Cinco, Carvalho da Cruz e Buat.

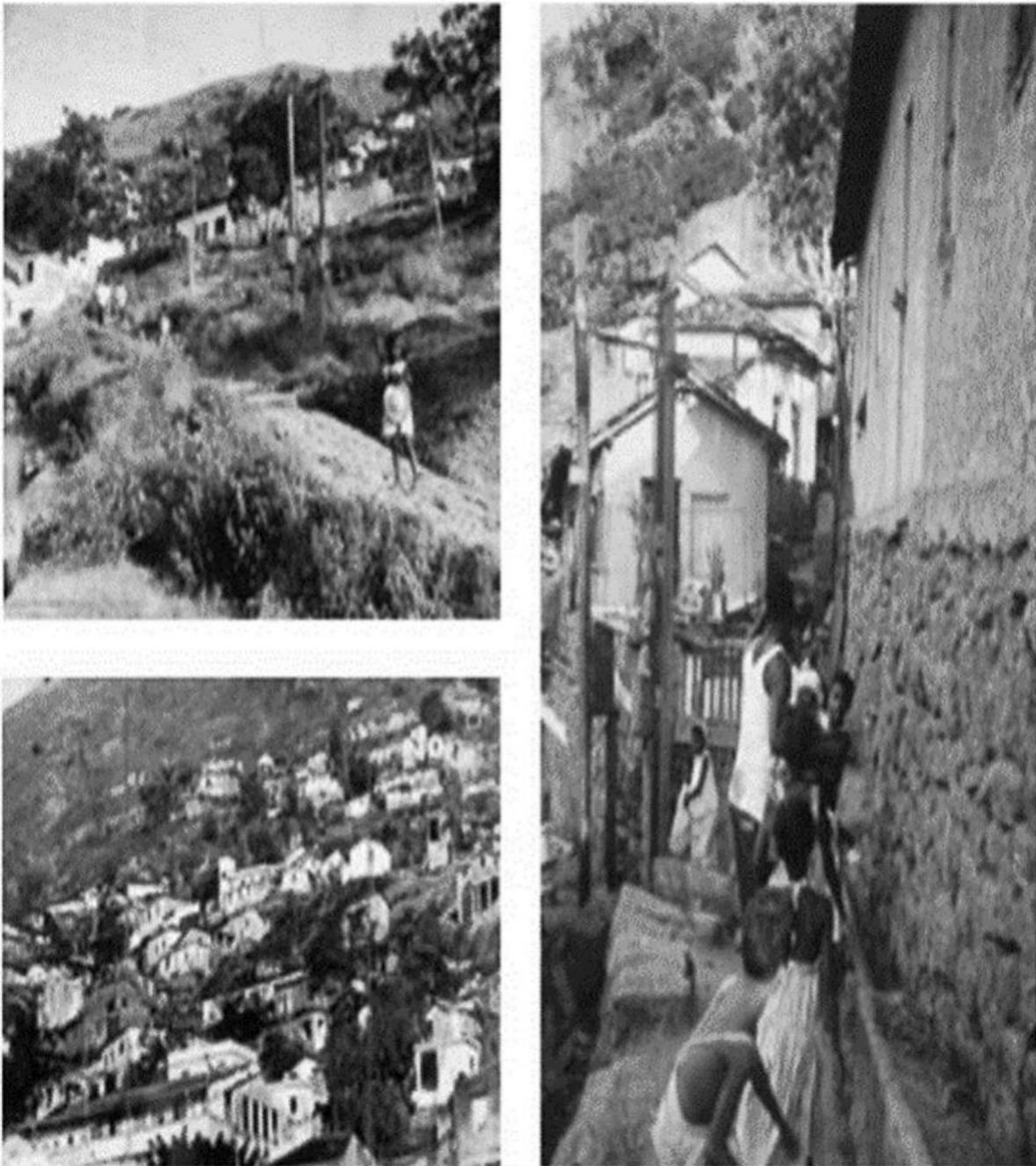


Figura 10 - Morro do Salgueiro (1958). Acervo: Projeto Condutores(as) de Memória.

Bruno (2013) declara que a rotina difícil da vida no morro se instaurava em meio aos problemas típicos das comunidades carentes: falta de saneamento, criminalidade crescente, escassez de água. Segundo ele, nos anos 1930 eram mais de 7.000 pessoas e a violência sempre foi uma preocupação, no entanto, a luta social fazia parte da história dos moradores do morro desde o início do processo de ocupação do território.

Segundo o autor, por diversas vezes as pessoas ficaram na iminência de perder suas moradias. Em uma das ocasiões, o italiano Antônio Emílio Turano alegava ter comprado o morro e impetrou uma ação de despejo com a ameaça de expulsão de todos. Tal medida levou Antenor Gargalhada, liderança da comunidade e fundador da Escola de samba Azul e Branco⁴³ a defender os moradores contra a ação promovida pelo italiano. Na ocasião, a escola de samba teria sido utilizada como instrumento político para a vitória da ação judicial que previa a remoção da favela em 1934. Essa ação atribui à comunidade o status de primeira associação de moradores da cidade do Rio de Janeiro.

Na rotina de lutas pelo direito à moradia, consta o registro de que, passados três anos, outro processo pedia a retomada dos terrenos da antiga chácara do Andaraí. Nos dois casos, a justiça teria ficado ao lado dos moradores. Em 1946, o italiano fez uma nova tentativa, também sem sucesso. No ano de 1958, nova ameaça é feita com o anúncio da venda do terreno em leilão por parte dos herdeiros do italiano, falecido em 1954. Apesar da grande mobilização da época, o leilão aconteceu e o terreno foi arrematado por um industrial paulista, Fábio Kelly de Carvalho que, no entanto, anunciou que não tiraria ninguém de suas casas (Bruno, 2013:40)

Atualmente, a defesa dos direitos sociais dos moradores da comunidade é feita pela Associação de Pró Melhoramento do Morro do Salgueiro, associação privada fundada no dia 27/12/1976. A instituição, localizada na Rua General Roca, nº 42, atua na intermediação entre os moradores e concessionárias de prestação de serviços (água, luz, crédito), assessoria jurídica, ações comunitárias, oferecimento de cursos, entre outras atividades.

2.1.1 – Ação do estado no território

A ação do poder público no território do Morro do Salgueiro começa a se fazer presente em 1947, por ocasião da inauguração da Fundação Leão XIII, instituição criada pelo Decreto

⁴³ Tradicional escola de samba do Morro do Salgueiro que, no ano de 1953, se fundiu à escola de samba “*Depois eu Digo*” para fundar o Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro.

Presidencial nº 22.498⁴⁴, que autorizou a instituição de uma Fundação pela Prefeitura do Distrito Federal.

O Decreto, assinado em 22/01/1947 pelo Presidente Eurico Gaspar Dutra, estabelecia:

Art. 1º - Fica o Prefeito do Distrito Federal autorizado a instituir uma fundação denominada "Leão XIII" com o fim de prestar ampla assistência social aos moradores dos morros, das favelas e de locais semelhantes da cidade do Rio de Janeiro.

Art. 2º - Para êsse fim, a Prefeitura do Distrito Federal concede àquela Fundação, mediante termo assinado na Secretaria Geral das Finanças, os imóveis, móveis e todo o aparelhamento dos "Centros de Ação Social" já instalados e a instalar.

Art. 3º - A Prefeitura do Distrito Federal consignará em seus orçamentos verba destinada á manutenção da Fundação de que trata êste Decreto, a qual será também custeada por subvenções do Govêrno da União e contribuições e donativos particulares.

Parágrafo único. No corrente exercício as despesas referidas neste artigo correrão à conta do crédito especial aberto pelo Decreto nº 8.741, de 21 de dezembro de 1946.

Art. 4º - Por Decreto do Prefeito do Distrito Federal será regulamentada a administração da "Fundação Leão XIII.

Art. 5º - Caso a instituição referida não corresponde aos seus fins ou venha a ser extinta, todos os seus bens reverterão à Prefeitura do Distrito Federal.

Art.6º - Revogam-se as disposições em contrário

A FLXIII tinha por finalidade proporcionar assistência aos grupos populacionais de baixa renda por meio de programas sociais e de apoio à saúde, visando prioritariamente a elevação do nível de vida, a integração social e o resgate da cidadania, assim como prestar assistência social voltada às pessoas em situação de rua, pelas unidades de atendimento especializado ao cidadão, suplementando a ação municipal, inclusive em situações de calamidade pública, na área da assistência social e apoio comunitário.

No estudo realizado por Magalhães & Arruda (2011) há o registro de que o quadro da instituição era composto por médicos, dentistas, agentes, instrutores de cursos, auxiliares de serviços gerais e coordenadores. Os serviços oferecidos incluíam, além dos cuidados com a saúde da população, a distribuição de cestas básicas e leites, a promoção de cursos, esportes e lazer, o oferecimento de serviço social e a manutenção de uma creche para cento e cinquanta crianças.

⁴⁴ Decreto nº 22.498, de 22/01/1947. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/>. Acessado em 14/06/2023

A manutenção da instituição foi um grande desafio não só para o Estado, mas para todos os profissionais que mantiveram as portas abertas até a década de 1990. O descaso governamental fez com que a Fundação precisasse buscar apoio junto à Igreja Católica, mas, ainda assim, devido a falta de verbas e recursos, a entidade deixou de exercer suas atividades. Atualmente, o local em que funcionou a Fundação Leão XIII está em ruínas e, apesar da precariedade de suas instalações, vem sendo utilizado como moradia por algumas famílias.



Figura 11- Ruínas do prédio onde funcionou a Fundação Leão XIII. Imagem publicada no livro Favela é cidade, publicação do Instituto Nacional de Altos Estudos (2014)

Segundo informações do Favela é cidade - Plano de Inclusão Socioeconômica, publicado pelo Instituto Nacional de Altos Estudos no ano de 2014, as únicas obras de maior porte realizadas pelo poder público no Morro do Salgueiro foram as do Programa Favela-Bairro, iniciado pela Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro no ano de 1999.

O programa, voltado à integração da favela à cidade e à melhoria de condições de vida da população que se encontrava à margem de bens, serviços e equipamentos urbanos, foi

idealizado pelo arquiteto Luiz Paulo Conde - à época Secretário Municipal de Urbanismo - e realizado em parceria com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). A organização financeira tem sede na cidade de Washington, EUA e seu objetivo é oferecer apoio financeiro e técnico por meio do financiamento de projetos de desenvolvimento social, econômico e institucional, com vistas à redução da pobreza, à melhoria da qualidade de vida, da educação e da saúde da população que vive em situação de vulnerabilidade.

Com a implantação do Programa Favela-Bairro, houve uma urbanização parcial do morro, com a construção de vias que permitiram o acesso a serviços essenciais, tais como a coleta de lixo. Além disso, deu-se início ao processo de regularização fundiária e criação de um sistema de abastecimento e distribuição de água. A ação da Prefeitura surgia como uma solução para problemas infra estruturais antigos, trazendo perspectivas de melhorias da qualidade de vida para toda a comunidade, que participava ativamente das atividades, fosse pelo comparecimento às reuniões que definiam as diretrizes do programa ou na atuação como multiplicadores de noções de higiene e saúde pública. (INAE, 2014)

Na primeira fase do Programa Favela-Bairro, no final dos anos 1990, foram realizadas obras tais como: a) construção de praças, quadras e vias de acesso; b) pavimentação; c) drenagem de valões; d) reconstrução do sistema de abastecimento de água e de esgotamento sanitário. O impacto dessas obras na vida dos moradores foi enorme, uma espécie de divisor de águas no cotidiano da favela. Essa nova configuração do espaço transmitia dignidade ao morador local.

No entanto, a falta de ações no sentido de dar continuidade ao planejamento proposto, com reparos e manutenção das obras já construídas, acabou por gerar frustração à população, causando indignação e revolta e trazendo consequências negativas significativas. Exemplos podem ser percebidos ainda pela dificuldade relacionada ao abastecimento e distribuição de água para a população. Ainda hoje apenas uma bomba faz o abastecimento dos dois reservatórios existentes – um localizado na parte baixa e outro na parte alta da comunidade, o que é insuficiente para suprir as necessidades de todos os moradores. A imagem seguir, publicadas em Favela é cidade (2014), consegue demonstrar a considerável transformação provocada por intervenção do Projeto Favela Bairro.



Figura 12 - Caminhos do Morro: antes e depois do Projeto Favela-Bairro. Crédito das imagens: Favela é cidade - Plano de inclusão socioeconômica

Além do projeto Favela-Bairro, uma outra ação realizada pelo Estado no Morro do Salgueiro foi a instalação de uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) em 2010. Este novo modelo de policiamento comunitário vinha apresentando resultados positivos na área de segurança pública e no quesito relacionado à inclusão social em outras comunidades onde havia sido implantado. O planejamento realizado para as UPP's determinava a permanência do contingente policial dentro das comunidades, de modo a promover uma aproximação entre a

população e a instituição policial que, naquele contexto, representava a figura do Estado em territórios que, por longo tempo estiveram entregues à violência e ao abandono.

Matéria publicada pelo Jornal *Extra* de 05/02/2010⁴⁵, informa que, estrategicamente, a implantação da UPP no Morro do Salgueiro atingiria três objetivos principais: primeiramente, o próprio resgate da cidadania dos moradores da comunidade, que viviam oprimidos pela lei e pelo terror imposto pelos traficantes. Em segundo lugar, os moradores do entorno, muito atemorizados pela crescente onda de violência da área, se beneficiariam com a presença permanente da polícia e com a queda dos índices de criminalidade. E, por último, o grande comércio da Praça Saens Peña se beneficiaria e ao mesmo tempo se livraria de incômodos e prejuízos causados pelas "ordens" impostas pelos traficantes da comunidade.

Segundo outra matéria, de 17/09/2010⁴⁶, o processo de ocupação do território do Morro do Salgueiro foi iniciado por 120 policiais do Batalhão de Operações Especiais (BOPE) dois meses antes da inauguração da UPP e o efetivo destacado para atuar na UPP do Salgueiro foi estimado inicialmente em 140 policiais.

A UPP do Morro do Salgueiro, localizada na Rua General Roca, nº 1 - Tijuca, foi inaugurada no dia 17/09/2010 como um projeto inicial que visava à pacificação da área a partir do combate ao contexto de violência que vinha se agravando nos últimos tempos. A presença da polícia pacificadora tinha por objetivos evitar o confronto armado e retomar o controle do território - há tempos nas mãos do crime organizado. Na visão de Magalhães & Arruda (2011), a operação de ocupação da comunidade se deu de forma relativamente tranquila e sem maiores problemas.

No que se refere à educação, atualmente os moradores do Morro do Salgueiro contam com duas instituições: a Escola Municipal Bombeiro Geraldo Dias e a Creche Municipal Raízes do Salgueiro.

A escola, localizada na Rua Francisco Graça, 81, destina-se ao atedimento de alunos da

⁴⁵ Matéria divulgada no jornal *Extra* e disponível em: [UPP no Morro do Salgueiro seria estratégica \(globo.com\)](http://globo.com). Acessado em 30/04/2023

⁴⁶ Matéria divulgada no site G1 e disponível em: [G1 - UPP no Salgueiro, na Zona Norte do Rio, é inaugurada nesta sexta-feira - notícias em Rio de Janeiro \(globo.com\)](http://globo.com). Acessado em 30/04/2023.

Educação Infantil ao 3º ano do ensino fundamental e é a primeira unidade de ensino do Morro do Salgueiro. A unidade foi instalada em um imóvel histórico cuja construção data do início do século XX, que anteriormente serviu de moradia do comerciante português Domingos Alves Salgueiro e onde também funcionou uma fábrica de óleo de linhaça.

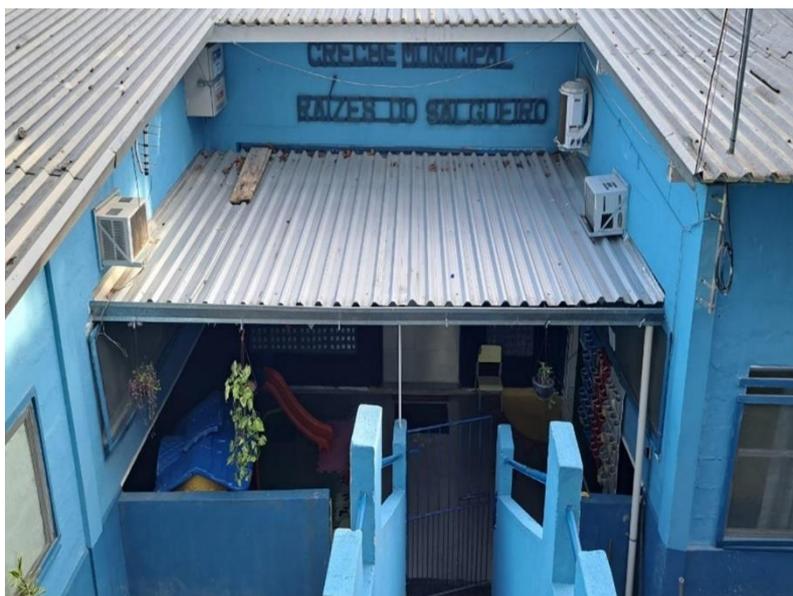
Registros de Magalhães e Arruda (2011) informam que depois da falência da fábrica, o prédio teria sido adquirido por familiares do falecido comendador José de Almeida Valente, cujo sonho teria sido o de proporcionar uma atividade educativa às crianças que moravam no Morro do Salgueiro. A unidade educacional, inaugurada no ano de 1937 como Escola Heitor Lira, teve seu nome alterado em 1963 para Escola Tchescolováquia e, naquele mesmo ano, teve sua denominação definitivamente alterada para a atual, em homenagem a Geraldo Ribeiro Dias, soldado do Corpo de Bombeiros do então Distrito Federal que faleceu aos 18 anos no exercício de suas funções e dando sua vida para salvar outras vidas.



Figura 13 – Fachada da Escola Municipal Bombeiro Geraldo Dias. Crédito da imagem: Facebook Padaria Caliel

Com relação à creche, está localizada na Rua Junquilhos, s/nº e foi instalada em um antigo casarão situado em uma parte do morro denominado “canto”, local que ficou abandonado por muito tempo até que a Prefeitura se apropriou do espaço e instalou ali uma unidade destinada à educação de crianças na faixa etária de 1 a 3 anos de idade.

Figura 14 – Fachada da Creche Raízes do Salgueiro. Crédito da imagem: acervo da pesquisadora (2023)



Ainda naquilo que se refere à educação, a comunidade contou durante quase meio século com o trabalho voluntário da senhora Jurema Batista, parteira e benzedeira que transformou sua casa em uma escola e dava aula de reforço para seus vizinhos. A professora, nascida no Morro do Salgueiro em 1931, estudou até o 5º ano no Colégio Prudente de Moraes e começou a ensinar os próprios filhos, depois os vizinhos e, até o final de sua vida, foi a responsável pela alfabetização de quase 150 pessoas, entre crianças e adultos.

Dona Jurema foi homenageada pelos moradores da comunidade em 2008, ano em que foi inaugurada a Biblioteca Comunitária Jurema Gomes Baptista. O espaço, idealizado por ex-alunos da professora, foi criado com o objetivo de oferecer às crianças da comunidade o direito à leitura e o acesso ao livro de maneira lúdica. O acervo da biblioteca foi se formando a partir de doações dos próprios moradores e de voluntários. A professora Jurema faleceu em 2021 aos 90 anos de idade, mas, em vida, teve a felicidade de ver frutificar a semente que plantou em seus quase 50 anos de dedicação à educação das pessoas da comunidade.



Figura 15 – A professora Jurema (de óculos e tranças) e seus alunos. Foto publicada no Livro Coisas do Morro, de autoria de Magalhães e Arruda.



Figura 16 – A professora Jurema e Marcelo Paz. Crédito da imagem: Facebook Marcelo Paz (2012)



No quesito saúde, a comunidade conta com os serviços do Centro Municipal de Saúde Heitor Beltrão, situado à Rua Desembargador Isidro, 144, Tijuca. O centro, inaugurado em 1964, tem sua atuação voltada aos atendimentos relacionados à atenção básica e a doenças de média complexidade e é conveniado ao Sistema Único de Saúde (SUS) para atendimentos ambulatoriais e, ainda, para aqueles relacionados ao Serviço de Apoio Diagnóstico Terapêutico (SADT) e à vigilância em Saúde.

Em 2012 o CMS implantou a Estratégia da Saúde da Família (ESF), projeto que representou o trabalho de equipes formadas por médicos, enfermeiros e agentes comunitários de saúde para atuarem no atendimento domiciliar a 41 microáreas da região, dentre estas o

Morro do Salgueiro. O depoimento do Dr. Rogerio Logrado, um dos médicos residentes da equipe, descreve as atividades desenvolvidas como sendo da seguinte forma

Consultamos (resolvemos até 90% de todos os problemas de saúde), fazemos grupos, referenciamos aos especialistas focais quando necessário (e mesmo quando referenciamos continuamos cuidando e prevenindo) temos competência cultural como um princípio de formação e nosso consultório é o território (o território comum da rua ou até mesmo o da sua casa). Fazemos visitas, monitoramos os agravos de saúde e cuidamos ao longo de toda a vida. Conversamos, conhecemos toda a família, e procuramos entender pra além da queixa trazida, qual a real necessidade de saúde. Respeitamos o saber popular, compartilhamos a responsabilidade sobre o cuidado e sempre oportunizamos a pessoa a construir a própria narrativa. Visamos fomentar uma vida de autonomia e ruptura com os ciclos de violência nas suas diferentes formas. Estudamos comunicação e metodologias de consulta que visam satisfazer da melhor forma a real necessidade de saúde de um indivíduo, diminuindo os índices de insatisfação com o serviço de saúde. Ainda diminuimos a mortalidade infantil, os índices de internações por condições crônicas e o numero de procedimentos desnecessários. Economizamos muito dinheiro e ajudamos a aumentar a expectativa de vida. Somos a Estratégia de Saúde da Família, do Sistema Único de Saúde. Nossa lista é o território, nosso consultório é a rua, nosso diagnóstico é a pessoa e nossa conduta é o cuidado!⁴⁷

A equipe do CMS Heitor Beltrão vem utilizando a laje da Padaria Caliel, que serve de ponto de apoio para os atendimentos à população, desde o ano de 2012. Os agentes comunitários de saúde, geralmente moradores da comunidade, representam a ponte entre os pacientes e o restante da equipe técnica e são indispensáveis para que o trabalho seja desenvolvido. Os profissionais da enfermagem são os responsáveis pelo atendimento a crianças, gestantes e idosos e por procedimentos como coletas de sangue, curativos, fazer medicações, entre outras funções. Os médicos são os responsáveis pela supervisão das atividades dos agentes comunitários e enfermeiros e também realizam atendimentos na comunidade, nos consultórios e em visitas domiciliares⁴⁸.

Considerando os dados referentes à densidade demográfica, não foi possível obter informações atualizadas, uma vez que, de acordo com o Sr. Leandro Rodrigues, Diretor da Associação de Moradores, as análises do recenseamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) no ano de 2022 ainda não foram disponibilizadas. Tendo em

⁴⁷ Publicação disponível na rede social (Instagram) do CSM Heitor Beltrão ([CMS Heitor Beltrão \(@cms.hb\) | Instagram](https://www.instagram.com/cms_hb/)). Acessado em 21/05/2023.

⁴⁸ Informações extraídas da rede social (Facebook) do Centro CMS Heitor Beltrão, disponível em: [Cms Heitor Beltrão | Rio de Janeiro RJ | Facebook](https://www.facebook.com/cms.heitor.beltrao/). Acessado em 21/05/2023

vista, no entanto, a pesquisa realizada em 2010, cujos dados foram registrados no Sistema de Multimídia sobre os Assentamentos de Baixa Renda (SABREN)⁴⁹, do Instituto Pereira Passos (IPP), da Prefeitura do Rio de Janeiro, temos que o Morro do Salgueiro possuía uma população aproximada de 3.149 pessoas e em torno de 869 domicílios. Tais dados, embora básicos e desatualizados, servem para demonstrar tratar-se de uma comunidade relativamente pequena.



Figura 17 - Equipe do CMS- Heitor Beltrão. Crédito da imagem: Facebook Padaria Caliel (2017)

2.2 – A formação cultural do território do Morro do Salgueiro

Segundo Costa (2003) e Lopes (2008), a ocupação do Morro do Salgueiro foi impulsionada pela chegada de ex-escravizados oriundos do interior do estado do Rio de Janeiro, do Espírito Santo e, com mais força, da região da zona da Mata mineira, região onde a questão

⁴⁹ Informações disponíveis em: <https://sabren-pcrj.hub.arcgis.com/>. Acessado em 19/06/2023.

cultural tem uma forte ligação com a religiosidade, o que é representada pelas rezas e pelo culto aos santos católicos.

Essas pessoas traziam na bagagem suas crenças, suas tradições, suas culturas, costumes e hábitos, aspectos que foram, ao longo do tempo, sendo incorporados ao dia a dia de todos os habitantes do morro. Tal mistura resultou em expressões culturais e artísticas das mais diversas, nas quais se incluem tradições diretamente ligadas à herança ancestral deixada pelos antepassados negros, tais como a Dança do Caxambu, a Folia de Reis, os Terreiros de Matriz Africana, a Escola de Samba, entre outras.

Nei Lopes, na construção de pesquisa sobre o ritmo do partido alto, registra entrevista concedida por Geraldo Babão⁵⁰ em 18/11/1987, na qual constam informações sobre as características observadas na formação habitacional do morro no início do século XX, assim como a efervecência cultural existente no local. Segundo o compositor, toda essa intensa mistura favorecia a preservação e a propagação da cultura negra naquele território e, de acordo com sua declaração

A maior força do Salgueiro ali é mineiro: Miracema, Cantagalo, Macuco, Cordeiro, São Sebastião do Alto. Paraíba é bem pouco. Só dava mineiro, campista. O morro era bom. Aí um ia chamando o outro. O Morro do Salgueiro era um lugar bom de morar mesmo, tinha água, tinha tudo. Aquele ar puro da floresta do Sumaré, todo mundo gostava. Mas aquilo, dia de sábado e domingo, era samba aqui, samba ali, calango aqui, Caxambu ali. Ô rapaz! Era uma alegria! Tu não sabia para onde ia, entendeu? Isso é samba, calango. Dia de sábado e domingo era uma alegria! Isso é, fora São João, Santo Antônio, Natal, Ano Bom, tu não sabia o pagode que ia. Aquele Morro do Salgueiro ali, aquilo ali já foi um Salgueiro animado (Lopes, 2008, p. 227)

Em complemento, Costa (2003) informa que

No início da década de 50 o Morro do Salgueiro já havia se tornado uma grande comunidade e seus moradores tinham uma vida social e de lazer muito ativa, um verdadeiro caldeirão cultural. Eram inúmeras as atividades culturais, representadas pelos blocos - posteriormente transformados em escolas de samba, pelos salões de jogos e cabarés, por manifestações como Folia de Reis, Calango, Caxambu, Samba de Roda, etc. (Costa, 2003, p. 9)

No que se refere à religiosidade, a fé extrema ainda hoje figura como uma das principais

⁵⁰ Geraldo Soares de Carvalho, nascido no Morro do Salgueiro em 20/07/1926, foi instrumentista e um dos primeiros compositores do Morro do Salgueiro. Informações disponíveis em: [Geraldo Babão - Dicionário Cravo Albin \(dicionariompb.com.br\)](http://GeraldoBabão-DicionárioCravoAlbin(dicionariompb.com.br)) Acessado em 28/08/2023.

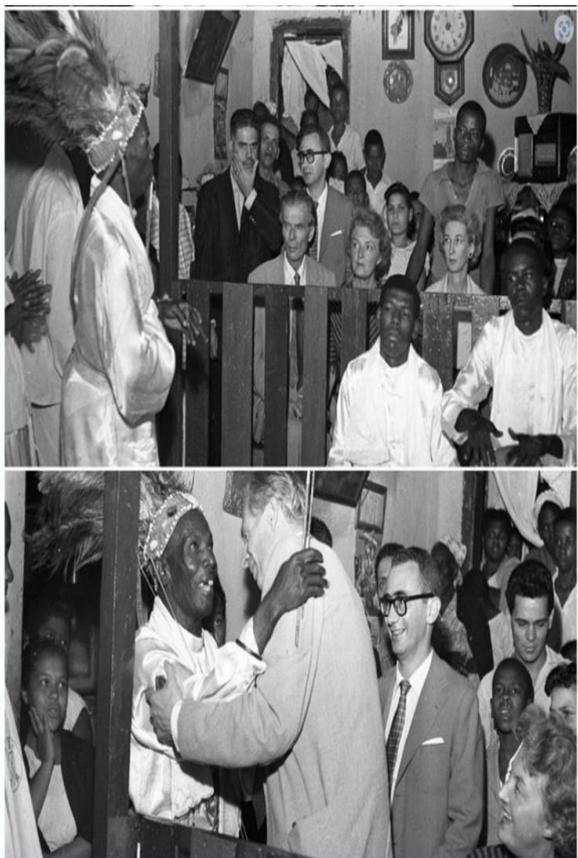
características dos moradores do lugar. O Morro do Salgueiro tem dois padroeiros: São Sebastião, reverenciado no dia 20 de janeiro com uma grande procissão e para quem foi construída uma capela no alto do morro e Xangô, o Orixá da pedra, uma analogia ao fato do morro estar situado sobre uma pedreira. Ambos, o Santo e o Orixá, são representados pelas cores branca e vermelha, as mesmas da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro.

Haroldo Costa, pesquisador referência na produção de estudos sobre o mundo do samba e, em particular, o samba do Morro do Salgueiro, apresenta informações que fazem referência à profunda religiosidade observada entre os moradores e esclarece que, para o tratamento espiritual, a população recorria aos muitos terreiros de umbanda e candomblé existentes no local. Um dos primeiros terreiros do morro foi o de “Seu” Oscar Monteiro, localizado no Pedacinho do Céu (parte mais alta do morro) e a Tenda Espírita Divino Espírito Santo, do Sr. Paulino de Oliveira, terreiro que ficou famoso por ter sido cenário do filme *Orfeu Negro*⁵¹ e, ainda, por ter recebido diversas personalidades, entre elas o escritor inglês Aldous Huxley⁵², que visitou a cidade do Rio de Janeiro no ano de 1958.

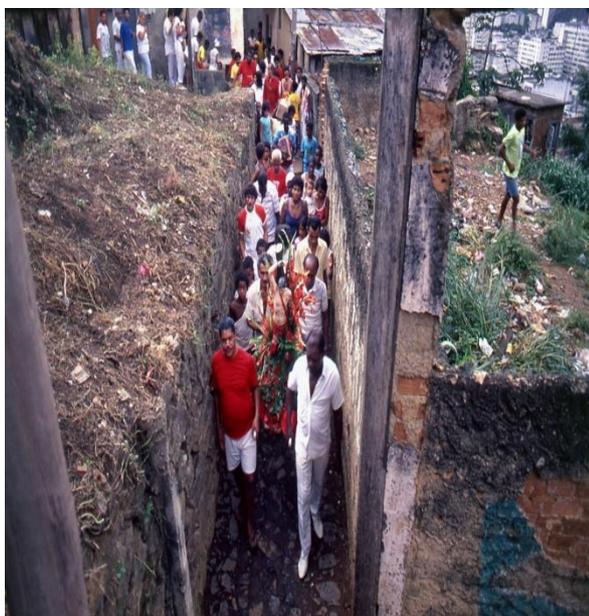
Observação que julgamos relevante, identificada através dos encontros proporcionados pela pesquisa de campo, faz referência à queixa relacionada ao quase desaparecimento dos centros de candomblé e umbanda na localidade. Pessoas ligadas ao grupo do Caxambu informam que, no passado, algo em torno de 15 espaços religiosos coexistiam na comunidade. Hoje, se contabiliza dois. Em contrapartida, ao longo das últimas décadas foi sendo observado o crescimento acelerado do número de igrejas neopentecostais, o que resultou na conversão de parte considerável da população, movimento que contribuiu para a redução do número de pessoas adeptas das religiões de matriz africana o que, em certa medida, acabou por gerar o desinteresse pela prática de culturas como o Caxambu, por muitos equivocadamente identificado como uma religião.

⁵¹ Filme ítalo-franco-brasileiro de 1959, dirigido por Marcel Camus a partir da peça teatral *Orfeu da Conceição*, de Vinícius de Moraes, premiado no Festival de Cannes (França) em 1959 com a Palma de Ouro, com o Oscar e o Globo de Ouro (EUA) em 1960 na categoria de melhor filme estrangeiro. Informações extraídas do exemplar do DVD

⁵² Embora sejam escassas as fontes ou notícias sobre o morro, localizamos matéria publicada no jornal *O Globo* de 09/08/2018 na qual foi possível observar o detalhamento da visita feita pelo escritor em 1958, realizada, à princípio, com o objetivo de assistir a um “exemplo de macumba carioca”. Matéria disponível em: <https://oglobo.globo.com/acervo/em-destaque/ha-60-anos-aldous-huxley-almocou-com-intelectuais-foi-terreiro-no-rio-22963784>. Acessado em 17/06/2023



Figuras 18 e 19 - Fotos da visita do diploma Aldous Huxley (de terno claro e gravata) e sua comitiva ao Centro Espírita no Morro do Salgueiro. Imagens publicadas na matéria do jornal *O Globo* de 09/08/2018



Figuras 20 e 21 - Procissão de São Sebastião no Morro do Salgueiro (década de 1980).

Crédito das Imagens: Instituto Moreira Salles - Acervo Januário Garcia. Disponível em: [Instituto Moreira Salles \(ims.com.br\)](http://Instituto Moreira Salles (ims.com.br))

2.2.1 - A escola de samba

“a magia compartilhada pelos que amam sua escola de samba dá a verdadeira dimensão do ser brasileiro. De como um povo que teve como herança a dor e o sofrimento transforma o que seria um legado insuportável, com sua imaginação e capacidade de criar, numa celebração à vida, à tolerância e à beleza”⁵³

Diversos são os estudos que se dedicaram a expressar a natureza festiva dos moradores do morro e, nesse segmento, a escola de samba aparece com destaque em muitos deles. Segundo Costa (2013, p.8), a *“alegria de ser salgueirense é saber que há um compromisso de representar a essência do saber popular, a consciência de restaurar o legado dos nossos ancestrais e proclamar para o mundo a beleza de nossa existência”*.

O Morro do Salgueiro, carnavalesco por natureza, era reconhecido como *“berço do samba”* e muito respeitado pelo talento de seus compositores. Autores como *Djalma Sabiá* (Djalma de Oliveira Costa), *Geraldo Babão* (Geraldo Soares de Carvalho), *Noel Rosa de Oliveira*, *Anercarzinho do Salgueiro* (Anescar Pereira Filho), *Zuzuca do Salgueiro* (Adil de Paula)⁵⁴, *Neca da Baiana* (Manoel Laurindo da Conceição)⁵⁵ e tantos outros bambas, considerados os *“baluartes”* do morro, elevavam o nome do Salgueiro de forma tal a transformar aquele território em uma verdadeira academia do samba.

Durante muitos anos o local chegou a abrigar mais de 10 blocos de carnaval, entre eles o *Capricho do Salgueiro*, *Flor dos Camiseiros*, *Terreiro Grande*, *Príncipe da Floresta*, *Pedra Lisa*, *Unidos da Grotta* e *Voz do Salgueiro*, todos com grande número de componentes. Da fragmentação do samba em vários blocos surgiu a união e nasceram as três escolas de samba do morro: a *Unidos do Salgueiro*, a *Azul e Branco* e a *Depois eu Digo*.

Segundo Bruno (2013), cada uma das escolas ocupava uma área do morro e possuía

⁵³ Citação extraída de: COSTA, Haroldo. Salgueiro: 50 anos de glória. Rio de Janeiro: Record, 2003 (p. 8)

⁵⁴ Informações extraídas de Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/>. Acessado em 28/11/2023

⁵⁵ Informações disponíveis em: [Espaço Aberto - MANOEL LAURINDO DA CONCEIÇÃO - "NECA DA BAIANA" - Galeria do Samba - As escolas de samba do Rio de Janeiro](#). Acessado em 28/11/2023.

características próprias, sendo que

A escola *Unidos do Salgueiro* foi formada pela fusão dos blocos o *Capricho do Salgueiro* e o *Terreiro Grande*, os mais importantes do morro. De cores azul e rosa, ficava no alto do morro e era chamada “Pinga na Miséria” por ser a escola mais pobre. Tinha como figura dominante Joaquim Casemiro, mais conhecido como Calça Larga. O líder comunitário, bem articulado politicamente, se encarregava de organizar a vida social em prol da união dos moradores da comunidade. A escola *Depois eu Digo*, de cores verde e branco (ou arroz com couve), reunia um grupo de sambistas talentosos e ficava na parte mais baixa do morro. Por esse motivo, era vista com desdém por muitos moradores que a consideravam quase de “fora”. A escola *Azul e Branco* tinha a ala de baianas mais respeitada da época e era a escola de Antenor Gargalhada, um dos maiores líderes comunitários que o morro teve. (Bruno, 2013, p. 42)

As três agremiações, por volta da década de 1930, já participavam de competições e, embora geralmente alcançassem bons resultados, nunca conseguiram vencer escolas como Portela, Mangueira e o Império Serrano, as potências do carnaval na época. O desempenho das escolas foi piorando com o passar do tempo e, pelo informado por Diniz (2008), o desfile do ano de 1953 foi o “fundo do poço para as escolas do morro, com a 6ª colocação da Unidos do Salgueiro, o 13º lugar da Depois eu Digo e o rebaixamento da Azul e Branco, que ficou em último lugar entre as vinte e uma escolas da cidade”.

Diante dos sucessivos fracassos, a fusão das escolas foi a solução encontrada pelos dirigentes da época para que o morro tivesse condições de concorrer à altura e vencer as adversárias. Sendo assim, após intermináveis discussões e com a adesão e unificação das escolas *Depois eu Digo* e *Azul e Branco*⁵⁶, surge o Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, que tem como escola madrinha o G.R.E.S Estação Primeira de Mangueira. A agremiação, fundada no dia 05 de março de 1953, nasce com a proposta de ser diferente de tudo o que existia antes e de tudo o que viria depois, passando a cumprir o lema atribuído por Paulino de Oliveira, seu primeiro presidente, que a caracterizaria como: “*nem melhor, nem pior, apenas uma escola diferente*”.

⁵⁶ Segundo Bruno (2013, p. 42), a escola Unidos do Salgueiro, liderada por Joaquim Casemiro, o Calça Larga, não concorda com a fusão e durante alguns anos disputa os carnavais com a Acadêmicos do Salgueiro, mas, aos poucos, seus sambistas vão migrando para a escola que unia o morro. O ano de 1960 registra o último destile da escola Azul e Branco e, coincidentemente, o 1º campeonato da Acadêmicos do Salgueiro.

As cores vermelho e branco, diferentemente do que pensam aqueles que as atribuem às cores de São Sebastião e Xangô, padroeiros do morro, foram definidas em função da constatação de que, na época, as cores não eram usadas por nenhuma outra escola. A escolha do nome também foi fruto de uma decisão coletiva, acabando por prevalecer a sugestão de Acadêmicos do Salgueiro, que passou a ser conhecida também por a Academia do Samba, em função do grande número de compositores nascidos no local e do sucesso que faziam no universo do samba.

A Acadêmicos do Salgueiro, uma das escolas mais tradicionais da cidade do Rio de Janeiro, tem, desde a sua formação, contemplado enredos cuja temática fogem da tradicional valorização dos assuntos patrióticos, passando a privilegiar aspectos menos conhecidos da história, tais como a origem de seus moradores e a riqueza da cultura negra. Personagens como Zumbi dos Palmares, Chico Rei, Xica da Silva, Aleijadinho, entre outros, passaram a ser cantados por milhares de pessoas na avenida.

A Acadêmicos do Salgueiro foi nove vezes campeã do grupo especial do carnaval carioca, defendendo os seguintes enredos: 1960 – Quilombo dos Palmares; 1963 – Chica da Silva; 1965 – História do carnaval carioca – Eneida; 1969 — Bahia de todos os deuses; 1971 — Festa para um rei negro; 1974 — O Rei da França na ilha da assombração; 1975 — O segredo das minas do Rei Salomão; 1993 — Peguei um Ita no Norte e 2009 — Tambor. Além disso, foi consagrada vice-campeã nos anos de 1959, 1961, 1964, 1970, 1991, 1994, 2008, 2012, 2014 e 2015

A Acadêmicos do Salgueiro hoje representa mais a comunidade da Grande Tijuca e adjacências do que a do morro propriamente dito. Segundo Bruno (2013), são raros os eventos promovidos pela escola na comunidade, “menos de 10% dos que desfilam no carnaval são moradores do morro e [que] um dos poucos elos ainda existentes entre a comunidade e a escola é a família Calça Larga⁵⁷, que continua morando no morro e é atuante na escola de samba”. Ainda de acordo com o pesquisador, a agremiação carnavalesca oficial do morro é o Grêmio

⁵⁷ Descendentes de Joaquim Casemiro, figura dominante por seu conhecimento político e liderança e uma das personalidades mais representativas da comunidade que começava a povoar o Morro do Salgueiro no início do século XX. Informações disponíveis em: <https://harmoniadosalgueiro.webnode.com.br/> Acessado em 28/11/2023.

Recreativo Bloco Carnavalesco Raízes da Tijuca, que foi fundado em 07/05/1995 e que tem como madrinha a escola de samba Acadêmicos dos Salgueiro. As cores do bloco são as mesmas da escola de samba e sua sede está localizada na antiga quadra, no Morro do Salgueiro.

Desde a ressurgência do movimento cultural representado pela dança do caxambu do Morro do Salgueiro em início dos anos 2000 e, com mais forma, após a formação do Coletivo Grupo Cultural do Caxambu, alguns registros da participação da Escola de Samba com as “*coisas da comunidade*” puderam ser observados, tais como os enredos defendidos nos anos de 2007 (Candances) e 2022 (Resistência), ocasiões em que foi registrada a participação do grupo cultural do caxambu na Escola de Samba. O enredo defendido pela agremiação carnavalesca no ano de 2022 foi idealizado pela Dra. Helena Teodoro, salgueirense de alma e coração e especialista na temática que envolve a cultura afro-brasileira, para quem, resistir “é saber que somos frutos de uma mesma raiz de igualdade, fé, esperança, arte e vida; é crer que nenhuma luta foi ou será em vão; é persistir no sonho de igualdade para que ele não seja silenciado”.

Também no ano de 2022, com projeto desenvolvido sob a curadoria dos comerciantes Marcelo Paz e Emerson Menezes e do Departamento Cultural da escola de samba, diversas personalidades do samba do morro foram homenageadas com uma pintura em grafite produzida pelo Coletivo Negro Muro⁵⁸ em um mural da Rua Francisco Graça, 60, na localidade conhecida como Caminho Largo.

Segundo os curadores, a tradição da comunidade com o samba é grande e seriam necessários muitos paredões para representar os bambas da comunidade, personagens que contribuíram para elevar a autoestima e o reconhecimento da cultura local. Declararam, no entanto, que esse primeiro trabalho, capaz de reunir tantos homenageados já consegue demonstrar o valor que o Morro do Salgueiro tem⁵⁹.

A inauguração do mural foi realizada no dia 06/02/2022, em solenidade que contou com a presença de familiares das personalidades homenageadas – muitas já não mais residentes do

⁵⁸ Coletivo que desde 2018 vem promovendo o mapeamento da memória negra através da arte urbana e visando impedir o esquecimento através da exibição de retratos e biografias de personagens históricos negros. Informações disponíveis em: <https://negromuro.com.br>. Acessado em 28/11/2023

⁵⁹ Matéria publicada disponível em: [Projeto NegroMuro inaugura grafite que homenageia baluartes do Salgueiro | O Dia na Folia | O Dia \(ig.com.br\)](#). Acessado em 28/11/2023.

Morro do Salgueiro e, ainda, com a presença do Presidente da Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, que comandou a apresentação da furiosa, premiada bateria da escola de samba. O evento foi tomado pela emoção causada a partir do reencontro dos moradores com suas memórias e com sua história, hoje eternizada na pintura em destaque, no principal acesso da comunidade.

A descrição feita pelos artistas do Negro Muro para a concepção da pintura concentra características minuciosas do projeto e da intenção de apresentar os personagens que, até hoje, representam os pilares da cultura salgueirense. O texto publicado, em forma de roteiro, apresenta cada um dos baluartes grafitados e nos informa que

Subindo pelo Caminho Largo, nota-se imediatamente que a Folia de Reis sempre está presente no imaginário dos becos e vielas da comunidade enquanto grandes nomes do Salgueiro se reúnem no famoso botequim da Ana Bororó. Um deles é o presidente de honra Djalma Sabiá que está a postos com o pavilhão em mãos observando a roda composta por Bala, maior vencedor de sambas de enredo da agremiação alvirrubra acompanhado do mestre Louro ao lado do seu irmão Almir Guineto e seu majestoso banjo sempre enaltecendo os tambores do Caxambu (saravá, jongo, sarabá), manifestação popular imprescindível para a constituição da memória salgueirense. De olho nesse pagote estão Anescarzinho e Noel Rosa de Oliveira, compositores da obra que deu o título do carnaval carioca de 1960 com um samba que rompe com os temas patrióticos impostos pelo Estado Novo ainda com lugar-comum aos desfiles das escolas no contexto histórico da década de sessenta do século XX. Outro poeta fundamental para a história da Acadêmicos do Salgueiro se faz presente, o nome dele é Geraldo Soares de Carvalho. Parceiro de sabiá, Babão também foi responsável pela composição Chico Rei (1964) e outras dezenas de canções que estão na boca do quilombo que é uma autêntica raiz da Tijuca. Logo em seguida nos deparamos com Joaquim Casemiro Calça Larga, outra grande entidade do panteão salgueirense. O apelido desse líder comunitário tornou-se uma nomenclatura oficial do Torrão Amado devido a sua imensa importância na história da cidade do Rio de Janeiro. Calça Larga era amigo de infância do Carlos Lacerda que enquanto governador do Estado da Guanabara realizou, a pedido de Calça Larga, a canalização da água no morro do Salgueiro, e até os dias de hoje algumas pessoas se referem como “água do Lacerda”, constatando o poder que detinha para além do mundo do samba. Não menos importante, próximo está Abelardo Silva, outro compositor – tinha Noel Rosa de Oliveira como parceiro – de sua importância com canções gravadas por Elza Soares, Originais do Samba, Luiz Melodia e Neguinho da Beija-Flor, além de ter sido um dos compositores do primeiro carnaval

do Acadêmicos do Salgueiro em 1954 com o enredo “Romaria à Bahia”. Finalizando a constelação salgueirense estampada na Caliel com uma das fundadoras da agremiação alvirrubra, advinda da Azul e Branco que ocupou presidência da ala das baianas de 1953 (ano de fundação do Salgueiro) até meados dos anos oitenta. Maria Romana, irmão da ilustre tia Neném, é uma importante liderança no morro e na escola, sendo homenageada recentemente na quadra, assim como também foi premiada dois anos seguidos como “personalidade feminina” e “destaque feminino” do carnaval carioca de 1979 e 1980, respectivamente. Maria Romana ocupa um espaço fundamental na construção da escola de samba que desfila com a bateria Furiosa conduzida pelo alujá de Xangô. Lembrar nossos ancestrais é como mantê-los vivos. O Salgueiro pulsa vida, resgata seu passado a cada viela e constrói seu futuro no bater o tambor do Caxambu, na marcação do surdo da bateria Furiosa, no brincar da menozada e na reza dos seus mais velhos.⁶⁰



Figura 22 - Grafite do coletivo "Negro Muro" com as personalidades do samba do Morro do Salgueiro. Homenageados Ana Bororó, Djalma Sabiá, Mestre Louro, Almir Guineto, Bala, Joaquim Casemiro Calça Larga, Abelardo Silva, Maria Romana, Anescarzinho, Noel Rosa de Oliveira e Geraldo Babão. Crédito da imagem: acervo da pesquisadora

2.2.2 - A Folia de Feis

As Folias de Reis são grupos itinerantes que percorrem longas distâncias cantando e tocando no período que se estende do Natal até o dia de Reis (6 de janeiro), em trajetos que

⁶⁰ Descrição disponível em: [Muro: 11 Baluartes do Salgueiro - NEGRO MURO](#). Acessado em 28/11/2023

representam simbolicamente a viagem dos três Reis Magos a Belém para adorar o Menino Jesus. O grupo geralmente é formado por um mestre que comanda um grupo de penitentes ou foliões, que cantam e tocam instrumentos.

A manifestação cultural, de origem portuguesa, chega ao Brasil no século XVIII e está presente em várias regiões, especialmente em zonas rurais e na periferia das cidades. Segundo Peres (2010), a ritualística existente em uma procissão da Folia de Reis é formada quando

o responsável pela condução da bandeira guia os foliões, cantando e colhendo donativos para a reza de Santos Reis, festejo que acontece em função do pagamento de promessas. Pela tradição, o anfitrião que recebe a bandeira percorre com ela por toda a casa, guardando-a em seguida, enquanto aos foliões é servido bolo, comidas e bebidas que os mantém nas suas andanças pela noite, Ao se retirarem, o proprietário da casa devolve a bandeira e os foliões agradecem a acolhida, repetindo o gesto da entrada. Quando o dia amanhece, os foliões retornam às suas casa para descansar e, ao amanhecer, retornam às andanças. Quando termina o roteiro da folia, realiza-se a festa de encerramento na residência da pessoa que fez a promessa. No início da festa, reza-se o termo, com a presença dos foliões e dos convidados, em frente ao altar ornamentado com flores, toalhas bordadas e a bandeira dos Santos Reis. Em seguida, é servido um jantar com uma mesa especial para os foliões. (Peres, 2010, p. 47)

No Morro do Salgueiro, a tradição cultural remonta ao início do processo de ocupação do território e, embora vários tenham sido os grupos que coexistiram pelo morro nas décadas passadas, hoje não mais se verifica a existência dessa prática cultural com grupos da comunidade. Apesar disso, a tradição se mantém viva e é frequentemente alimentada pela visita de grupos culturais que reconhecem a ancestralidade, a religiosidade e a tradição existente no Morro do Salgueiro. Um dos exemplos se dá com a visita anualmente realizada pelo grupo *Folia de Reis Abrilhante Estrela de Belém*, do Morro da Formiga. A seguir, alguns registros da última visita, realizada no início de 2023.



Figuras 23 e 24 – Grupo Folia de Reis Abrilhante Estrela de Belém, do Morro da Formiga, visitando o Morro do Salgueiro. Crédito das Imagens: Instagram do Caxambu do Salgueiro



Figura 25 - Folião do Grupo Folia de Reis Estrela de Belém saúda Tia Dorinha, Matriarca do Grupo do Caxambu (2023). Crédito da imagem: Instagram do Caxambu do Salgueiro

2.2.3 – A dança do caxambu

Como verificado em estudos desenvolvidos por Lopes (2003) e Costa (2008), a riqueza cultural do Morro do Salgueiro se evidencia pela força da cultura negra e o Caxambu representa fortemente a ligação das pessoas com a sua ancestralidade e com a manutenção de suas tradições e costumes. A chegada da cultura ao morro nos remete ao início do processo de ocupação do território. Como anteriormente mencionado, antes mesmo do final da escravidão, a área já era ocupada por uma população formada basicamente por pessoas escravizadas.

Com a abolição da escravidão, grandes contingentes de pessoas migram para as grandes cidades em busca de empregos e melhores condições de vida. Nesse contexto, segundo Magalhães e Arruda (2011), o Morro do Salgueiro passa a atrair o interesse de pessoas originárias de cidades do interior dos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e, principalmente, de Minas Gerais. Essa mistura favoreceu a manutenção e a prática da cultura do Caxambu, que teve origem nas fazendas de café e que foi, ao longo do tempo, sendo transmitida oralmente de geração a geração.

Com essa nova estrutura, em meio ao cenário da vida livre e das novas relações de trabalho, a prática do Caxambu fica restrita aos pequenos grupos e é realizada apenas dentro das comunidades, nos momentos de festa e nos dias santos. As festas, os encontros, a religiosidade. Esses fatores amenizavam a dura rotina da vida dos moradores do morro, grande parte, formada por descendentes diretos de pessoas que um dia foram escravizadas. Nesses momentos, através da dança, da fé e da união de forças, evocavam a tradição de seus ancestrais e se apropriavam dos exemplos de luta e resistência herdados de seus antepassados.

Relatos da Dona Rilza Maria⁶¹, por sua bênção, mãe dessa pesquisadora, fazem referência a uma tradição que acontecia no Morro do Salgueiro dos anos 50 e traz à tona a memória das festas oferecidas por “Tia Estefânia”, uma vizinha já idosa, devota de São Pedro e que, anualmente, oferecia à vizinhança uma festa no dia 29 de junho. Como determinava a tradição, a festa era antecedida por uma “ladainha”, ou seja, uma oração com cantos, preces à Deus, à Virgem Maria e aos Santos Católicos e durava até o raiar do dia. Nessas ocasiões, além de muita comida, bebida e música, aconteciam rodas de Caxambu, cuja participação era restrita

⁶¹ Antiga moradora do Morro do Salgueiro.

aos mais velhos. Ainda de acordo com ela, outros vizinhos também ofereciam festas semelhantes nos dias dedicados aos seus santos de devoção.

Além desse relato familiar, no percurso desta pesquisa, tivemos acesso a vários outros que fazem menção à ritualística existente nas rodas de Caxambu. Um dos exemplos foi dado por Tia Betinha, matriarca do coletivo Caxambu do Salgueiro que, ao compartilhar suas memórias, fala do tempo em que via seus pais e vizinhos reunidos no terreiro de terra batida que existia lá no alto do morro, na localidade onde hoje funciona a Creche Raízes do Salgueiro. Segundo ela, os adultos reproduziam a coreografia vestidos com roupas de saco, simulando movimentos que remetiam à lida dos antepassados nas fazendas de café.

A canção “Caxambu”⁶² permite a identificação de toda a magia existente nas festividades que povoam a memória de minha mãe. A música, imortalizada pela voz de Almir Guineto no ano de 1986, já era cantada nas rodas realizadas na comunidade do Salgueiro em fins da década de 1950. O texto da canção diz:

Olha vamos na dança do Caxambu / Saravá, Jongo, saravá / Engoma, meu filho que eu quero ver / Você rodar até o amanhecer / Engoma, meu filho que eu quero ver / Você rodar até o amanhecer / O tambor tá batendo é pra valer / É na palma da mão que eu quero ver / O tambor tá batendo é pra valer / É na palma da mão que eu quero ver / Dona Celestina me da água pra beber / Se você não me der água / Vou falar mal de você / Deu meia noite, o galo já cantou / Na igreja bate o sino é na dança do Jongo que eu vou / Deu meia noite, o galo já cantou / Na igreja bate o sino é na dança do Jongo que eu vou / Carreiro novo que não sabe carrear / O carro tomba e o boi fica no lugar / Carreiro novo que não sabe carrear / O carro tomba e o boi fica no lugar / Quem nunca viu vem ver / Caldeirão sem fundo ferver / Quem nunca viu vem ver / Caldeirão sem fundo ferver

Embora se tenha memória das apresentações das rodas de Caxambu de tempos longínquos e da constatação de que vários grupos coexistiram na comunidade, com o passar dos anos a situação foi se modificando. Como reiteradamente mencionado pelas matriarcas entrevistadas, as rodas de antigamente eram formadas exclusivamente por pessoas de mais idade e, como não se cogitava a participação e/ou a transmissão aos mais jovens, o processo de

⁶² Música “Caxambu”. Compositores: Bidubi, Jorge Neguinho, Zé Lobo e Élcio do Pagode. Informação localizada no Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira. Disponível em: [Dicionário Cravo Albin \(dicionariompb.com.br\)](http://dicionariompb.com.br). Acessado em 28/11/2023

desaparecimento da cultura no morro acabou por ser impulsionado, em parte, pelo falecimento dos velhos mestres.

As rodas de Caxambu estão presentes no imaginário de muitas pessoas que residem na comunidade, principalmente os antigos moradores. Exemplos puderam ser observados no documentário “*Caxambu do Salgueiro*”, produzido pelo Instituto de Arte Tear no ano de 2011⁶³, que conta com depoimentos de antigos caxambuzeiros, alguns já falecidos e, ainda, com músicos, moradores do morro e dos pesquisadores Haroldo Costa e Lola Gabriel.

O documentário, em síntese, busca revelar a importância histórica e cultural do grupo, contando um pouco de sua história e fortalecendo a trajetória de reafirmação e difusão de suas riquezas e valores, garantindo sua preservação e possibilitando o acesso das futuras gerações à história e cultura desta tradição. As memórias compartilhadas por aqueles que participaram do documentário trazem à tona o nome dos antigos caxambuzeiros, muitos já falecidos. Alguns deles foram imortalizados nos pontos hoje entoados, como, por exemplo, Tio Antero, Tia Guida, Tia Leonor - todos antigos moradores do Morro do Salgueiro, que lideraram grupos de Caxambu nas localidades em que viviam.

Duas personalidades do Caxambu são recorrentemente mencionadas, seja através dos depoimentos gravados no documentário ou através das memórias compartilhadas por aqueles com quem tivemos contato. São eles Mestre Geraldo e Rogerinho do Salgueiro. Ambos tiveram fundamental participação para a manutenção da cultura local e suas atuações foram indispensáveis para que ainda hoje o Caxambu seja uma realidade.

Mestre Geraldo atuou durante muitos anos à frente do grupo cultural e seu falecimento acabou por favorecer o início do longo período de desaparecimento da cultura na comunidade. Rogerinho do Salgueiro figura como precursor do movimento que hoje representa o Coletivo Cultural do Caxambu do Morro do Salgueiro. Embora sejam pouquíssimas as fontes que tragam informações sobre o Morro do Salgueiro, de forma geral, e sobre o Caxambu do Morro do Salgueiro, de forma particular, apresentaremos uma breve biografia dos dois personagens.

⁶³ O documentário foi contemplado pelo edital de Tradição Oral da Secretaria da Cultura do Estado do Rio de Janeiro, inscrito com a finalidade de fortalecimento das expressões culturais e atividades do grupo. Informações disponíveis em: [Instituto de arte TEAR \(institutotear.org.br\)](http://institutoarte.tear.org.br). Acessado em 28/11/2023

Geraldo de Souza, mineiro nascido na cidade de Leopoldina em 1918, chega ao Morro do Salgueiro ainda jovem. Mestre Geraldo, como era conhecido, foi vice-Presidente da Associação da Velha Guarda de todos os morros do Rio e, no Salgueiro, vice-Presidente da Associação de Moradores.

Segundo Magalhães e Arruda (2011), o Mestre teve uma atuação notável na história da comunidade, sendo considerado por muitos um grande menestrel. Casado com Dona Margarida (Margô) e pai de Pedro Jorge Olímpio de Souza, foi o proprietário do bar *Cantinho do Papai*, local tradicional no morro desde o ano de 1958 e onde se reuniam radialistas, jornalistas, vedetes e o povo em geral do Salgueiro e de todo o Rio. No local também eram realizados os ensaios e as apresentações do grupo do Caxambu.

De acordo com depoimento de Dona Margô, registrado pelos autores,

Seu Geraldo era chamado o Rei do Caxambu, mergulhado na lembrança da antiga dança que chegou ao Brasil com os africanos. O Caxambu da época dele era muito belo: as moças vestiam roupas rodadas e coloridas; os homens, trajavam calças brancas de linho, camisas vermelhas, sapatos brancos e meias vermelhas. Na cintura, usavam uma faixa amarela. Primeiro, vinha o momento sagrado de saudação ao tambor. Ele puxava o ponto – música do Caxambu e as mucamas vinham atrás dele, fazendo as reverências adequadas ao tambor (divino). As mucamas repetiam o seu cântico, fazendo o coro e dançavam o mais belo bailado. (Magalhães e Arruda, 2011, p. 178-179)

Segundo o documentário produzido pelo Instituto Cultne⁶⁴ no ano de 2013, após a morte do Mestre Geraldo, Tia Dorinha, a primeira matriarca do atual Coletivo, ficou com a responsabilidade de continuar com esta tradição, mas encontrou muitas dificuldades no percurso da sua missão, e assim, o Caxambu do Salgueiro teve sua pior crise, quase chegando à extinção.

⁶⁴ O Instituto Cultne é uma organização sem fins lucrativos dedicada à Memória e História da População Negra. Documentário disponível em: [\(2\) CULTNE - Caxambu do Salgueiro - YouTube](#). Acessado em 28/11/2023.



Figura 26 – Registros de uma roda de Caxambu no bar Cantinho do Papai nos anos 1980, com Mestre Geraldo (de chapéu branco e calça vermelha). Crédito das imagens: Acervo Rogerinho do Salgueiro



Figura 27 - Mestre Geraldo (de costas) saudando os tambores do Caxambu. Crédito da Imagem: Documentários do Instituto Tear

Figura 28 - Mestre Geraldo (anos 1980). Crédito da Imagem: Documentários do Instituto Tear



Matéria publicada pelo jornal *O Globo*, de 06/07/2006, apresenta a nova: “*Hoje, o Jongo renasce no Salgueiro depois de quase 30 anos de esquecimento*”.



Figura 29 - Foto da matéria publicada no Jornal O Globo. Crédito da imagem: Acervo Rogerinho do Salgueiro

A notícia, muito festejada pelos moradores da comunidade surge como resultado de um movimento liderado pelo músico Rogério Luiz dos Santos, o *Rogerinho do Salgueiro*, e iniciado pouco tempo antes.

O músico, também morador da comunidade e responsável por “*reinventar a tradição*”⁶⁵ do Caxambu no início dos anos 2000 declara (mencionar filme) que a decisão surgiu em função

⁶⁵ Expressão que, segundo Hobsbawn, deve ser compreendida como se referindo a um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, e que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com o passado histórico apropriado. HOBSBAWN, E. RANGER, T. (Org.) *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. P.9

da constatação da completa inexistência de pessoas envolvidas com a manifestação cultural no território.

De acordo o músico, tudo teve início quando, atuando à frente da produção cultural de uma festividade em homenagem a São Jorge - evento muito tradicional na comunidade, fez o convite a vários grupos culturais, entre eles o Jongo do Salgueiro e no dia marcado para o evento, percebeu que todos os outros grupos compareceram, com exceção do grupo que representava o Caxambu.

Diante dessa ausência, o músico resolve organizar um movimento para criar novamente a cultura, que sempre foi uma referência e que, segundo ele, é a mais importante do Morro do Salgueiro, por remeter aos ensinamentos deixados pelos antepassados e, ainda, prestar reverência à cultura herdada dos ancestrais africanos. Tal iniciativa fez com que fossem reativadas as rodas de Caxambu que estiveram paralisadas por um longo período.

Sob a liderança de Rogerinho do Salgueiro, toda uma estrutura foi pensada para fazer com que a cultura do Caxambu voltasse a ocupar um lugar de destaque perante a comunidade. Cantos antigos foram resgatados, tambores foram adquiridos, figurinos pensados e confeccionados de forma tal a reproduzir fielmente a vestimenta usada pelos antigos caxambuzeiros.

Para a reorganização do novo grupo *Tia Dorinha* teve papel fundamental, pois foi a responsável por convidar suas irmãs e pessoas que antes participaram de antigos movimentos, como aquele liderado por Mestre Geraldo. Com a nova formação, o grupo passa a realizar ensaios semanais na quadra do Bloco Raízes da Tijuca e a participar de diversos eventos culturais, dentro e fora da comunidade. Segundo *Tia Celeste*, uma das matriarcas entrevistadas para essa pesquisa, “na época em que o grupo surgiu em 2006 foi um período maravilhoso, pois passeavam muito, se apresentavam em vários lugares”.

No processo de pesquisa, tivemos acesso a um conjunto de *coisas do Caxambu*, gentilmente cedidas pelo músico Rogerinho do Salgueiro para a análise desse período em que esteve à frente do movimento. O acervo, constituído por folders e certificados de participação

em eventos, algumas fotos, rascunhos de documentos (atas, estatutos e afins), CD, DVD etc. demonstra a intensidade do trabalho empreendido para o estabelecimento definitivo da cultura no território.

Alguns registros fazem referência a eventos tais como: “II Encontro com Mestres Populares na UFRJ”, promovido pela Cia. Folclórica de Dança – UFRJ no período de 04 a 07 de novembro de 2008; 1º Encontro Folclórico do Caxambu do Salgueiro, realizado na Comunidade do Morro do Salgueiro no dia 13/06/2009 e V Festival de Música, Dança e Cultura Afro-Brasileiras, realizado no período de 02 a 04 de abril de 2012.

No ano de 2010, o grupo cultural recebe uma homenagem do Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro pelo trabalho de resgate da cultura afro-brasileira, que tanto tempo ficou adormecida no Morro do Salgueiro.



Figura 30 – Homenagem do GRES Acadêmicos do Salgueiro (2010).
Crédito da imagem: Acervo Rogerinho do Salgueiro

Rogerinho esteve à frente do grupo cultural de 2006 até meados de 2012 e sua saída foi motivada por razões pessoais. O fato é que, a essa altura, o grupo já contava com uma organização e uma estrutura que foram suficientes para a manutenção da atividade cultural no Morro do Salgueiro e, principalmente, para dar prosseguimento ao trabalho hoje desenvolvido pelo atual coletivo.



Figura 31 - Formação do grupo liderado por Rogerinho do Salgueiro (a frente, de boina azul).
Crédito da imagem: Acervo Rogerinho do Salgueiro

2.3 – Coletivo Grupo Cultural Caxambu do Morro do Salgueiro

No ano de 2013, após a saída de Rogerinho do Salgueiro, há uma reorganização do grupo e, com a anuência das matriarcas, as crianças começam a ser admitidas nas celebrações. Inicia-se, dessa forma, um processo de transmissão da cultura do Caxambu como um recurso para garantir a permanência da tradição, transformando os jovens da comunidade em agentes multiplicadores para as gerações futuras.

Nesse período também ocorre a definição dos cargos/funções do Coletivo, a saber: Presidenta de Honra e 1ª Matriarca do Grupo: *Tia Dorinha*; Presidenta – *Tia Celina*; Vice-Presidente – *Marcelo Paz*; Tesoureiras: *Denise Santos e Tia Betinha* e Assessor de Comunicação: *Emerson Menezes*. O grupo ainda não está constituído juridicamente, mas tem se organizado financeiramente para que o registro de seu estatuto seja feito, o que, segundo o Sr. Marcelo Paz⁶⁶, seria um passo importante para que pudessem ser admitidos em Editais

⁶⁶ O Sr. Marcelo Paz foi uma das pessoas entrevistadas para essa pesquisa.

lançados pelos órgãos da cultura.

O grupo, hoje formado por aproximadamente 26 integrantes - a maioria moradores do Morro do Salgueiro, realiza seus encontros, ensaios e apresentações na “laje” da Padaria Caliel, espaço cedido pelo Sr. Marcelo Paz, comerciante local e um dos novos integrantes.

Com relação ao atual coletivo, o Grupo Cultural Caxambu do Morro do Salgueiro vem se fortalecendo nos últimos anos em função de sua efetiva atuação – dentro e fora do território, sendo recorrentemente homenageado por sua importância na valorização e preservação da cultura afro-diaspórica na cidade. Uma culminância desse processo se deu em 2019, quando o Caxambu do Salgueiro, a partir do reconhecimento feito pelas Lideranças Jongueiras que compõem o Jongo do Sudeste⁶⁷ e com o aval destas, foi identificado como um grupo de cultura tradicional. A partir de então, o grupo passou a ser reconhecido pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e proclamado Patrimônio Imaterial do Brasil. A chancela de Patrimônio Imaterial do Brasil garante ao Caxambu do Salgueiro o direito às políticas e ações previstas no Plano de Salvaguarda.

Além do reconhecimento do IPHAN, recentemente o grupo foi homenageado pela Câmara dos Deputados do Rio de Janeiro e pela ALERJ - Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.

A primeira condecoração, conferida em solenidade presidida pela Vereadora Thais Ferreira no dia 27/10/2022⁶⁸, propôs uma “Moção de Congratulações, Louvor e Aplausos” pelo reconhecimento à relevância dos serviços prestados pelo Grupo e pelo notável trabalho de valorização da cultura afro-diaspórica na cidade. A segunda, conferida em solenidade presidida pela Deputada Estadual Dani Monteiro no dia 16/05/2023⁶⁹, propôs uma “Moção de Louvor e Reconhecimento” pela contribuição à cultura popular brasileira e pela resistência da cultura

⁶⁷ Grupo inventariado pelo IPHAN, formado pelas comunidades do Morro da Serrinha, da Fazenda São José, de Barra do Pirai, de Miracema, de Pinheral, de Santo Antônio de Pádua, de Bracuí e de Mambucaba (RJ); comunidades jongueiras de Guaratinguetá, de Cunha, de Piquete, de São Luís do Paraitinga e de Lagoinha (SP) e comunidades de São Mateus e de Conceição da Barra (ES).

⁶⁸ Moção nº 10101/2022, de 27/10/2022. Disponível em: [Moção \(camara.rj.gov.br\)](https://camara.rj.gov.br). Acessado em: 28/11/2023

⁶⁹ Moção nº 132/2023, de 09/05/2023. Disponível em: <https://www.alerj.rj.gov.br/>. Acessado em: 28/11/2023

africana. Tais atos indicam como o trabalho realizado pelo Coletivo tem sido de fundamental importância para que o Caxambu do Morro do Salgueiro seja reconhecido como vetor de valorização da ancestralidade existente naquele território e como mecanismo de resistência contra o racismo e a discriminação religiosa.

MOÇÃO Nº 132/2023

EMENTA:

MOÇÃO DE LOUVOR E RECONHECIMENTO AO JONGO DO CAXAMBU DO SALGUEIRO.

Autor(es): Deputada DANI MONTEIRO

Requeiro à Mesa Diretora, na forma regimental, que seja inscrito nos Anais desta Casa Legislativa **MOÇÃO DE LOUVOR E RECONHECIMENTO AO JONGO DO CAXAMBU DO SALGUEIRO**, por toda a contribuição à cultura popular brasileira e resistência da cultura africana.

O Jongo do Caxambu do Salgueiro é uma manifestação folclórica centenária da comunidade do morro do Salgueiro. Em atuação até hoje, e declarado Patrimônio Imaterial Cultural Brasileiro, é símbolo de uma tradição ancestral transmitida de geração a geração que através de suas rodas, danças, instrumentos, cantigas e matriarcas, valoriza a identidade negra e mantém viva a memória e cultura afrobrasileira.

Plenário do Ed. Lúcio Costa, 09 de maio de 2023.

DANI MONTEIRO
DEPUTADA ESTADUAL

MOÇÃO Nº 10101/2022

**EMENTA:
MOÇÃO DE CONGRATULAÇÕES, LOUVOR E
APLAUSOS AO CAXAMBU DO SALGUEIRO.**

Autor(es): VEREADORA THAIS FERREIRA

Requeiro à Mesa Diretora, na forma **do** Regimento Interno, a inserção nos Anais desta Casa de Leis, Moção de Congratulações ao

Caxambu do Salgueiro

A homenagem prestada pela Câmara Municipal **do** Rio de Janeiro atribui reconhecimento à relevância **dos** serviços prestados ao morro **do Salgueiro**, pelo grupo cultural Caxambu **do Salgueiro** pelos notáveis trabalhos de valorização da cultura afro diaspórica nesta cidade.

O Caxambu **do Salgueiro** existe desde pretéritas datas. Há informações de uma de suas longevas matriarcas, tia **Dorinha**, 94 anos; que diz ter aprendido a dançar o caxambu com os seus avós nessa favela tijuicana; reportando-nos toda a ancestralidade de suas raízes.

O grupo integra o colegiado **dos** Jongueiros **do** Sudeste, que foi reconhecido como Patrimônio Cultural Brasileiro, pelo Instituto **do** Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, registrado no Livro das Formas de Expressão, em novembro de 2005.

Observam-se relevantes serviços quanto à preservação da expressão no que tange a percussão de seus três atabaques (tambul, cachambu e o candongueiro); a dança coletiva amassa-café; seus pontos próprios; suas indumentárias de chita e todos os demais elementos simbólicos que sintetizam toda a ancestralidade **dos** seus que lhes antecederam.

Assim, através deste ato legislativo e como representante **do** Poder Legislativo Municipal, concedo esta justa homenagem ao Caxambu **do Salgueiro** legitimando todo o nosso reconhecimento por desempenhar papel tão relevante à nossa cultura nacional.

Ao Caxambu **do Salgueiro** nossos sinceros agradecimentos!

Plenário Teotônio Villela, 27 de outubro de 2022.

Vereadora Thais Ferreira

PSOL



Figura 33 – A Presidente do Grupo do Caxambu, Tia Celina, e a Vereadora Thais Ferreira (2022).
Crédito da Imagem: Instagram do grupo Caxambu do Salgueiro



Figura 34 - Grupo do Caxambu recebendo homenagens da Deputada Estadual Dani Monteiro (2023). Crédito da Imagem: Acervo da pesquisadora

Desde a reorganização ocorrida em 2013, o Grupo Cultural Caxambu do Morro do Salgueiro vem seguindo o lema que é “*dar continuidade à história que teve início antes de nós*”. Continuar a história é a forma que encontraram para impedir que a cultura do caxambu desapareça.



Figura 35 - Grupo Caxambu do Morro do Salgueiro. Crédito da imagem: Instagram do Caxambu do Salgueiro

2.3.1 – Pararia Caliel

A Padaria Caliel, comércio tradicional na comunidade, está localizada na Rua Francisco Graça, nº 60A e foi inaugurada no ano de 2013. O espaço concentra as funções de mercearia, restaurante, Sede Social (provisória) do Grupo do Caxambu e Ponto de Resistência Cultural do Morro do Salgueiro. Por essa natureza, foi condecorada pela Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro com a Medalha Tiradentes no ano de 2017.

A proposição de condecoração, feita pelo Deputado Estadual Eliomar Coelho, foi aceita pelos deputados da casa em função do reconhecimento de que o espaço, para além de suas funções comerciais, representa um polo de preservação e estímulo cultural para toda a comunidade.

No local são constantemente realizados importantes eventos de natureza cultural para a comunidade do Morro do Salgueiro, tais como o “Quintas Poéticas (saraus de poesias homenageando os artistas locais). Além disso, serve de apoio e fomento ao Grupo do Caxambu e das Erveiras e Erveiros do Morro do Salgueiro⁷⁰ e de ponto de encontro da tradicional visita dos grupos de Folia de Reis do Morro da Formiga, entre muitos outros.

⁷⁰ Segundo informações divulgadas pelo grupo, o coletivo autodenominado Erveiras e Erveiros do Salgueiro é um ajuntamento formado, prioritariamente, por moradores do morro.



Figura 36 - Condecoração da Medalha Tiradentes à Padaria Caliel (2017). Acervo: Marcelo Paz

CAPÍTULO 3 – AS TIAS DO MORRO: MEMÓRIAS E NARRATIVAS

O presente capítulo é dedicado à análise das entrevistas realizadas com as Tias do Caxambu, matriarcas da comunidade salgueirense e figuras diretamente envolvidas no processo de transmissão da cultura do Caxambu aos integrantes da nova geração. As entrevistas têm intenção de evidenciar o protagonismo dessas senhoras e, ainda, entender os mecanismos desenvolvidos para a manutenção da cultura do Caxambu no território do Morro do Salgueiro.

A construção do universo imaginário das Tias do Morro se ampara, em parte, na definição encontrada em pesquisa desenvolvida pela historiadora Angélica Ferrarez (2013) para quem *“as tias são consideradas mulheres mais velhas, sábias, em sua maioria negras e que se reconhecem e são reconhecidas por serem detentoras de um saber-fazer que remonta a herança africana na cidade”*.

Considerando o coletivo do Grupo Cultural do Caxambu, formado em sua maioria por mulheres negras, desde os primórdios dessa pesquisa interessou-nos o acesso às narrativas geradas por essas senhoras, que, além de qualquer outra característica, declaram orgulhosamente a condição de “nascidas e criadas” no Morro do Salgueiro. Não bastasse a ostentação legítima dessa espécie de “selo de qualidade”, as Tias do Morro acumulam funções de progenitoras, chefes de família, sambistas, cozinheiras, rezadeiras, erveiras, líderes comunitárias, culturais e religiosas, entre muitas outras.

O encontro com a memória compartilhada por essas matriarcas possibilitou o acesso a informações que legitimam as práticas culturais que vêm sendo reproduzidas e, em grande medida, reinventadas pelos jovens do grupo do Caxambu.

Esse processo de transmissão de saberes tem funcionado como um mecanismo de proteção e de permanência cultural, tendo em vista o registro de um lapso temporal em que a cultura deixou de ser realizada no Morro do Salgueiro, território historicamente conhecido como um dos mais antigos da cidade onde era possível encontrar as rodas de Caxambu.

O desaparecimento da cultura local foi motivado, em parte, pelo falecimento dos antigos caxambuzeiros, moradores de idade mais avançada que, em certa medida, mantinham estreita ligação com a prática de religiões de matriz africana. Além disso, fatores relacionados à falta

de transmissão às novas gerações e a conversão de parcela da população às religiões neopentecostais podem ser identificados como motivos que levaram ao “desaparecimento” da cultura no território.

O processo de transmissão cultural cumpre a função primordial de fazer com que os moradores reconheçam o legado cultural de seus antepassados, se apropriando daquilo que lhes pertence, ou seja, de sua identidade negra, sua representatividade, sua ancestralidade e sua força, características essenciais que distinguem a natureza do ser salgueirense.

Os encontros com as Tias do caxambu foram realizados após a aprovação da Comissão de Ética da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV/Fiocruz)⁷¹ e, na forma das determinações legais, todos os participantes foram previamente informados dos objetivos da pesquisa e tiveram acesso ao Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

As entrevistas foram previamente agendadas e realizadas individualmente nos meses de maio, junho e julho, na forma da descrição a seguir: dia 25/05/2023, entrevista realizada com o Sr. Marcelo Paz, liderança e Vice-Presidente do Grupo; dia 02/06/2023, entrevista com a senhora Elizabeth dos Santos (Tia Betinha); dia 10/06/2023, entrevistas com as senhoras Doralice Silva (Tia Dorinha), Guaraci Silva (Tia Ninika), Maria Fé de Aquino Guisan (Tia Mara) e Ângela Regina Pereira da Silva (Tia Regina); dia 17/06/2023, entrevistas com as senhoras Rosa Maria de Aquino (Tia Rosinha) e Sebastiana Rodrigues (Tia Taninha) e no dia 31/07/2023, entrevistas com as senhoras Celeste Pinheiro (Tia Celeste) e Celina Roque dos Santos (Tia Celina).

⁷¹ Para a apreciação da referida comissão foi necessário o cadastramento da pesquisa na Plataforma Brasil, o que resultou na instauração de um protocolo de pesquisa denominado Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAEE) nº 64353122.6.0000.5241, instruído mediante a juntada dos seguintes documentos: declaração de qualificação, dossiê de qualificação, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cronograma de pesquisa, declaração de compromisso e declaração orçamentária. A conclusão da análise do processo pela CEP, com a aprovação e a autorização para a realização das entrevistas foi feita através do parecer nº 6.058.349, de 14/05/2023

3.1 – As entrevistas e a magia dos encontros

O ponto alto dessa pesquisa, inquestionavelmente, se deu a partir da efetivação dos encontros realizados com cada uma das matriarcas, que, à exceção de Tia Celina, residem na comunidade do Morro do Salgueiro. No caso desta, segunda matriarca e atual Presidente do Coletivo, a entrevista foi feita em sua residência, localizada no bairro de Paciência, isso após a anuência de seus filhos.

Elaboramos tabela na qual constam informações sobre a duração e local de realização dos encontros com as *Tias* e aproveitamos a oportunidade para esclarecer que a transcrição de cada uma das entrevistas, com exceção da realizada com Marcelo Paz, estão anexas ao final dessa pesquisa.

Entrevistado/a	Data	Duração	Local
Marcelo Paz (Liderança)	25/05/2023	20 min e 34 seg	Morro do Salgueiro
Elizabeth dos Santos	02/06/2023	22 min e 31 seg	Morro do Salgueiro
Doralice Silva	10/06/2023	6 min e 19 seg	Morro do Salgueiro
Guaraci Silva	10/06/2023	8 min e 38 seg	Morro do Salgueiro
Maria Fé de Aquino Guisan	10/06/2023	13 min e 5 seg	Morro do Salgueiro
Ângela Regina Pereira da Silva	10/06/2023	8 min e 46 seg	Morro do Salgueiro
Rosa Maria de Aquino	17/06/2023	24 min e 10 seg	Morro do Salgueiro
Sebastiana Rodrigues	17/06/2023	13 min e 5 seg	Morro do Salgueiro
Celeste Pinheiro	31/07/2023	8 min e 2 seg	Morro do Salgueiro
Celina Roque dos Santos	31/07/2023	20 min e 34 seg	Bairro de Paciência

Apresentaremos, a seguir, breve resumo das entrevistas realizadas, que foram dispostas seguindo o critério inicialmente estabelecido por essa pesquisadora, ou seja, considerando inicialmente a fala da matriarca mais idosa.

DORALICE SILVA



Tia Dorinha nasceu no Morro do Salgueiro em 14/07/1931. Dona de casa, declara com alegria ser a mãe de muitos filhos - sem especificar quantos e informa que seus pais, também nascidos no morro, foram os responsáveis por transmitir a ela e aos irmãos a paixão pelo Caxambu. Segundo ela, mesmo criança e proibida de participar das rodas (antigamente permitida apenas aos mais velhos), lembra com muita saudade do passado, das brincadeiras entre os vizinhos, das festas realizadas nos dias sagrados aos santos de devoção. Além do Caxambu, fala do orgulho de ter pertencido à Velha Guarda da Escola de Samba Acadêmicos dos

Sagueiro – local que deixou de frequentar após ter adoecido. Diz também ser frequentadora de um centro espírita. Na sua visão, a cultura vem sendo transmitida aos mais jovens sem mudanças em relação à forma como foi passada pelos antepassados. Para Tia Dorinha, o Caxambu é uma herança dos antigos e como tal não pode ser alterada. Segundo ela, os jovens aprendem brincando, dançando, mas com a seriedade e o respeito que são devidos. A dança hoje representa união e a alegria dos moradores, algo que, segundo ela, todos gostam. O Caxambu a faz feliz. Em razão de sua longevidade, Tia Dorinha ocupa o lugar de primeira matriarca do coletivo atual e, ainda, por ser das poucas a ter participado de antigos grupos, como, por exemplo, o liderado por Mestre Geraldo nos idos dos anos 1970/1980. Atuou como umas das figuras centrais no processo de reinvenção da tradição cultural no território - movimento ocorrido em início dos anos 2000 e após o longo período de arrefecimento. Sua atuação foi fundamental ao convidar familiares e amigos para ajudar a formar um novo grupo, à época liderado pelo músico Rogerinho do Salgueiro e que hoje, após reorganização ocorrida no ano de 2013, representa o novo coletivo. Sempre que possível participa das festividades realizadas na Padaria Caliel, sede Social do Caxambu, ou em qualquer outra festividade dentro da comunidade. No entanto, em eventos realizados fora do território, acaba por ser representada por Tia Celina ou pela integrante mais velha que esteja presente no evento.

CELINA ROQUE DOS SANTOS



Tia Celina nasceu no ano de 1938 no Morro do Salgueiro. Filha de Dulce dos Santos e Antonio Roque e mãe de Adilson, Odilho e Carmen Lúcia, declara que aprendeu a dançar o Caxambu sozinha, apenas observando escondida a dança dos mais velhos. “Minha mãe não me levava não. Minha mãe ia pro Caxambu e eu levantava da cama de noite, eu via aquela roda lá e eu saía correndo, ia escondidinha. Aí eu ficava olhando pelo buraco assim, das mulher que tava dançando, ai ficava abaixadinha, vendo elas dançar, dali eu aprendi. Minha mãe participava, ela dançava e eu ficava lá no meio deles lá, mas ela não me via não, ficava

escondida. Aí eu fui aprendendo. Aí dento de casa mermo eu dançava com as minhas irmãs, com as minhas colegas. Aí eu dançava, não sabia dançar, mas eu dançava assim mermo. Aprendi sozinha. Eu batia com o pé no chão, abaixava, batia com o pé no chão. Eu levantava a saia, eu rodava”. Segundo a Tia, o caxambu era a principal diversão no morro, mas informa que também tinha o samba, que aprendeu a dançar ainda menina. Na visão da Ti Celinaa, as crianças já nascem aprendendo a dançar o samba, mas, com relação ao Caxambu, elas estão começando a conhecer, a gostar. Hoje, diferentemente do seu tempo, há pessoas para ensinar, para explicar. Antigamente não se podia entrar na roda. Diz que ninguém implica com o Caxambu, que não percebe qualquer espécie de ameaça. Apenas ressalta a necessidade de se respeitar a tradição. Hoje figura como Presidente do Coletivo e diz que tem que olhar as meninas, falar com as crianças, ficar olhando, corrigindo, explicando que Caxambu não é samba. Segundo ela “todos já sabem, quer dizer que não vai muito explicar, as mocotonas velhas já sabe, e as crianças, a gente fica só olhando também, e elas fica olhando pra gente e já vai aprendendo”. Declara que na fase adulta começou a participar do grupo de Caxambu liderado pelo falecido Mestre Geraldo, onde ficou por muito tempo. De acordo com ela, hoje, quando se reúnem, todos já sabem exatamente o que precisa ser feito, já sabem o ritmo, a oração, a necessidade de solicitar a bênção e a licença dos tambores. Com relação aos pontos, informa que os pontos são os mesmos que eram cantados antigamente e que hoje, o que mais a emociona é perceber o carinho

e o respeito com que é tratada pelos integrantes mais jovens do grupo. Tia Celina define que o Caxambu significa muita coisa e que ao participar das rodas sente a ligação, a presença e a participação dos ancestrais ao longo das rodas, no momento da adoração, das orações.

GUARACI SILVA



Tia Ninika nasceu no Morro do Salgueiro no ano de 1943 e é irmã de Tia Dorinha. Tem um filho, um neto e um bisneto e declara que sempre gostou muito do Caxambu, que participar das rodas lhe faz muito bem. Declara que muitos não gostam, que tem mães que não permitem que as crianças participem, mas que ela aprendeu ainda criança, vendo os mais velhos dançando. Mas tudo escondido, pois era proibido. Segundo ela, quando ia nas festas, via os pais, os adultos se armando para dançar e aí ficava escondidinha, ela e as amigas. Conta que depois de um tempo, uma vizinha caxambuzeira chamada dona Estefânia começou a permitir que ela e os outros ficassem sentados para ver os mais velhos dançando e aí ela foi aprendendo. Chama a atenção para o fato de que a forma como se dança o Caxambu no Morro do Salgueiro é diferente da de outros lugares. Fala do longo período em que as rodas de Caxambu desapareceram do morro, até que surge o Rogerinho, que solicita a ajuda dela e de sua irmã Dorinha para formar novamente um grupo do Caxambu. Segundo Tia Ninika, elas foram convidando “fulana e cicrana, falando com um e com outro até formar novamente o grupo”. Para ela, o trabalho que fazem hoje com os novos integrantes visa transmitir a cultura exatamente da forma como se fazia no passado, sem qualquer espécie de adaptação. O canto, a dança, o ritual, tudo sendo reproduzido como ensinado pelos antepassados. Declara que, além do Caxambu, frequenta um centro espírita, que é do seu sobrinho, e participa da velha guarda da Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro. Para ela, o Caxambu significa muito, embora tenha quem não goste. Com relação ao coletivo, diz que todos são amigos, que a relação é muito boa, mas entende que a manutenção da cultura no morro depende de um interesse maior dos moradores, que seria muito interessante que outras pessoas entrassem no grupo, que participassem. A seu ver, dessa forma não haveria uma nova ameaça de que o movimento voltasse a desaparecer. Segundo ela, o trabalho hoje realizado pelo coletivo está bom, mas com ajuda ficaria ainda melhor. A mensagem que deixa é a de que as pessoas se disponham a conhecer a cultura e, se gostarem, eles estão lá para ensinar. Ensinar o canto, ensinar a dança e que não precisa ser da comunidade, que qualquer pessoa é bem-vinda.

CELESTE PINHEIRO



Tia Celeste nasceu no Morro do Salgueiro no ano de 1944. Declara ter perdido a mãe muito cedo e ter ajudado na criação do irmão mais novo até que o pai se casa novamente e passa a conviver com a madrasta, uma pessoa que, segundo ela, foi maravilhosa para ela e os irmãos. Ainda hoje vive na mesma casa onde nasceu e foi criada. Tem 2 filhos, 8 netos e 9 bisnetos. Com relação ao Caxambu, declara que adora, que aprendeu ainda criança, sendo muito influenciada por uma de suas tias, que dançava e participava das rodas. Considera a cultura negra maravilhosa. Hoje percebe que as crianças gostam do Caxambu, se interessam, querem participar.

Informa que antes as crianças aprendiam observando apenas, mas que hoje é importante ensinar, colocar para dançar. Questionada se percebe ou não mudanças na forma como o Caxambu vem sendo ensinado, declara que não, que, inclusive, existe uma grande preocupação em garantir que a transmissão da cultura se dê exatamente da forma em que foi aprendida. Não percebe nada que sirva como ameaça à manutenção da cultura no morro. Além de matriarca do Caxambu, é uma das diretoras da Velha Guarda da Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro. Na sua visão, a cultura do Caxambu representa uma coisa muito boa e seu desejo é de que todos conhecessem e se interessassem. Com relação ao atual coletivo, informa que a relação é maravilhosa e esclarece que sua entrada no grupo do Caxambu se deu quando houve a organização antiga, feita pelo Rogerinho. Segundo ela, na época em que o grupo surgiu em 2006 foi um período maravilhoso, pois passeavam muito, se apresentavam em vários lugares. A mensagem que gostaria de deixar é a de que as pessoas vejam a importância da cultura do Caxambu, que se unam, que valorizem.

SEBASTIANA RODRIGUES



Tia Taninha nasceu no Morro do Salgueiro no ano de 1947. Os pais eram originários de Minas Gerais e chegaram ao morro muito antes do seu nascimento. Ela e o irmão, os caçulas, são os únicos salgueirenses. Os demais, todos mineiros. Segundo ela, no início os pais não se adaptaram e foram morar no Morro da Formiga, mas depois retornaram e se estabeleceram definitivamente no local. Funcionária pública aposentada, declara orgulhosa que tem 3 filhos: uma professora, um funcionário da Rio Luz e outro comerciante. Além dos filhos, tem 5 netos e 4 bisnetos. Declara que sua ligação com o Caxambu se deu quando o movimento retornou em 2006, pois antes apenas observava, mas não tinha vontade de participar. Depois dessa época, se percebeu influenciada pela dança, pela batida do tambor e hoje entende que ainda está aprendendo, mas declara que gosta muito da dança e dos cantos. Informa que não teve a oportunidade de conhecer outros grupos, embora já tenha ouvido falar do grupo da Serrinha. Com relação ao processo de transmissão aos mais novos, diz que se pedir, ela ensina. Menciona que o grupo está gravando um CD e que essa foi uma experiência feliz, que foi muito bom participar. Declara que toda vez que tem dança ela está lá, que enquanto Deus deixar, ela irá. Esclarece ainda estar aprendendo, que ainda não sabe muita coisa não. Esclarece que sua relação com o coletivo é boa e diz que não existem cargos no grupo, que todos são iguais, mas que se respeita sempre a questão da idade. Não percebe ameaças ao movimento cultural no território, mas entende que a conversão religiosa de muitos moradores ocasiona uma forte resistência, que é percebida, inclusive, na própria família. Menciona o desejo de colocar suas netas para aprender a dançar, mas, segundo ela, sua nora impede, pois frequenta a igreja evangélica e acha que o Caxambu é macumba. Seu maior desejo é de que as pessoas não interpretassem a cultura como coisa ruim, mas sim percebessem que se trata de uma cultura. Informa que quando entra na roda de Caxambu o seu desejo é passar uma mensagem de paz e harmonia Além do Caxambu, participa da velha guarda da Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro. Católica, sempre é convidada a fazer as orações de abertura e encerramento das rodas e a mensagem que gostaria de deixar é a de paz, de amor,

de saúde para todas as pessoas. Em suas preces, roga que o Manto Sagrado de Nossa Senhora passe pela cabeça de todos e conceda saúde e paz para a comunidade. Entende que o trabalho hoje feito pelo coletivo é importante para eles e para os que vierem depois, que servirá de legado para as futuras gerações. Segundo Tia Taninha, ela vem reunindo um acervo de fotos suas, nas apresentações do Caxambu, para que, quando ela não mais estiver por aqui, as netas tenham como acessar essa memória.

ANGELA REGINA PEREIRA DA SILVA



Tia Regina nasceu no Morro do Salgueiro no ano de 1950. Tem três filhos e 4 netos. Sua ligação com o Caxambu é herdada da mãe, que, segundo ela, participava muito das rodas realizadas na comunidade. No seu entendimento, a forma e o ritmo do Caxambu do Salgueiro são únicos, completamente diferentes dos encontrados em outros locais. Faz menção ao período em que a cultura desapareceu na comunidade o que, na sua visão, foi motivado pela falta de interesse dos moradores, aliado à falta de alguém que assumisse, que levasse à frente. Hoje percebe que, através do trabalho desenvolvido pelo coletivo, estão aos pouquinhos firmando novamente a cultura no território. Com

relação à transmissão feita à nova geração, menciona que se reúnem frequentemente e vão estabelecendo a forma de ensinar aos novos integrantes e, principalmente às crianças, que serão os que darão continuidade ao movimento cultural no futuro. Segundo Tia Regina, a forma como ela aprendeu no passado é completamente diferente da forma como é ensinado hoje. Esclarece que antigamente o Caxambu era severo e que hoje é mais liberado. Não observa qualquer espécie de ameaça à cultura no território e entende que o movimento vem se expandindo. Além de caxambuzeira, faz parte da velha guarda da Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro. No seu entendimento, os moradores do morro têm demonstrado um crescente interesse pelo Caxambu e isso indica o crescimento do movimento. Considerando o coletivo, declara gostar muito de fazer parte e esclarece que a relação é muito boa entre todos os integrantes, que são pessoas muito amigas. Esclarece que sua participação acontece na época em que o movimento foi retomado, em 2006. Informa que como Regerinho teve que se afastar, ela e outras pessoas que já faziam parte ingressam no coletivo em 2013, época que o movimento passa por uma nova estruturação e conta com a entrada do Emerson e do Marcelo. Entende que a mensagem que o grupo quer passar para a comunidade é a de contagiar, de despertar o interesse para a participação. Entende como importante o movimento cultural desenvolvido pelo coletivo.

ROSA MARIA DE AQUINO



Tia Rosinha nasceu no Morro do Salgueiro no ano de 1953. Seus pais, já falecidos, eram de Macuco, cidade do interior do estado do Rio de Janeiro. Segundo ela, sua relação atual com a cultura do Caxambu é muito boa, mas nem sempre foi assim, pois, embora nascida do morro, residiu por muito tempo em Realengo e isso favoreceu o seu distanciamento das manifestações culturais da comunidade. Declara que conhecia o Caxambu apenas através das muitas histórias contadas pela mãe, que seu pai era espírita e que as sessões que ele frequentava sempre terminavam em Caxambu. Admite que antes não suportava nada disso, que era

contra. Depois de um tempo morando fora, retorna ao morro e tem conhecimento da existência do atual coletivo, o que fez com que expressasse para a mãe o desejo de participar, pois percebia que gostava do ritmo, da dança e da cultura. Tia Rosinha informa que, segundo sua mãe, ela deveria ter ciência de que o “Caxambu era coisa de respeito, que tinha mistério, que se fosse entrar, que tivesse o máximo respeito”. Hoje percebe que seus pais foram as maiores influências que teve, que a semente da paixão pelo Caxambu foi plantada por eles. Entende e reconhece a riqueza representada pela cultura, pela dança e entende que é papel deles, moradores da comunidade, não deixar que a cultura morra, pois ela representa uma herança dos ancestrais e precisa ser cultivada. Identifica que a dança do Caxambu do Salgueiro é diferente, que eles reproduzem movimentos como se estivessem marchando, pisando o café. Além disso, a roda do Caxambu tem essa característica de girar, de reproduzir esse sentido que remete à origem da vida e às pessoas que vieram antes de nós. Embora esteja participando há pouco tempo do movimento cultural, demonstra ter ciência de como as coisas aconteciam no morro antes. Informa que o Caxambu antigamente tinha uma forte ligação com a religião espírita, que eram muitos os centros em funcionamento no morro e isso fazia com que as rodas de Caxambu acontecessem quase que exclusivamente como parte dos encontros religiosos. Segundo Tia Rosinha, mais recentemente, quando o grupo passou a ser liderado pelo Mestre Geraldo é que se perdeu um pouco essa característica e o Caxambu começou a ter uma característica “diferenciada”. Embora hoje em dia seja comum o convite para a participação em eventos,

esclarece que nem sempre consegue participar em função da pouca disponibilidade de horário. Segundo ela, essa transmissão da cultura acontece muito mais nos espaços fora da comunidade ou quando recebem visita, mas que dentro do morro, para a comunidade, nem sempre. Identifica, com tristeza, o preconceito de alguns moradores que, quando a encontram vestida com a roupa do Caxambu, lhes lançam “olhares assim pejorativos”, com se ela fosse a representação de algo terrível. De religião católica, atua com as crianças na catequese e pertence à pastoral. Além do Caxambu, participa da Velha Guarda da Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro. Para Tia Rosinha, a cultura do Caxambu representa a resistência da nossa ancestralidade, a essência da cultura preta e essa cultura não pode morrer. Declara ter uma boa relação com o coletivo, pois formam um grupo muito unido. Segundo ela, todas as decisões são tomadas em conjunto, tudo é muito explicado, nada é feito sem que todos saibam. Por fim, entende que a principal mensagem que o grupo quer passar é que a cultura não pode morrer, que é necessário o resgate, o fortalecimento e a participação das pessoas.

ELIZABETH DOS SANTOS



Tia Betinha nasceu no Morro do Salgueiro no ano de 1955 e tem 2 filhas. Declara com orgulho que seus avós maternos, Etelvina da Silva e Adanásio dos Santos foram fundadores do morro e que seu tio Abelardo foi um dos primeiros compositores da Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro. Informa ainda que, desde pequena, acostumou-se a ver seus avós, seus pais e tios dançarem o Caxambu no local onde hoje funciona a creche da Prefeitura. Segundo ela, na época o local era abandonado e foi limpo por seus familiares justamente para que ali servisse como área de lazer. Embora fizesse parte de uma família de caxambuzeiros, sabia que não havia permissão para que participasse das rodas ou assistisse aos encontros. Mesmo proibido, assistia a tudo escondida, movida pela curiosidade de criança. Recorda que as danças, os movimentos, a vestimenta dos casais e toda a ritualística dos encontros remetia à idéia de uma senzala. Para Tia Betinha, o Salgueiro funcionava como um quilombo de verdade. Tem plena consciência que o Caxambu, além de cultura, funciona como importante mecanismo de resistência, como um instrumento com poderes para demonstrar aos governantes que dentro da comunidade existe educação e cultura. Para Tia Betinha, o Caxambu do Salgueiro é raiz e mantém uma forte ligação com nossos antepassados, com nossos ancestrais. Percebe que foi graças a Deus e à curiosidade que sempre tiveram que conseguiram absolver ensinamentos, ainda que de forma não autorizada pelos mais velhos, e reinventar o movimento cultural no Morro do Salgueiro. Por esse motivo e para que não se corra mais o risco de ver a cultura desaparecer – como registrado por um longo período, entende a importância de que seja feita a transmissão aos integrantes da nova geração e ressalta a importância de que a cultura seja ensinada exatamente da forma que os antigos faziam. Para ela, a única mudança admitida no processo faz referência ao fato de que agora é necessário e urgente inserir as crianças, ensiná-las a se apropriar dessa cultura que é genuinamente local. No seu entendimento, o Caxambu é ouro, é resistência, é potência, é patrimônio e os moradores precisam respeitá-lo e, urgentemente, desmistificar a idéia de que seja uma religião. Com relação à sua inserção no grupo cultural, declara que se deu através de um convite feito por Rogerinho do Salgueiro, na mesma época em que Tia Ninika, Tia Dorinha e outras pessoas começaram a se reunir para reativar a cultura no morro. No que se refere ao coletivo organizado em 2013, declara manter

uma excelente relação com todos e pede à Deus e aos ancestrais que isso sempre se mantenha, que o respeito prevaleça, principalmente com as matriarcas. Além do Caxambu, frequenta a Escola de samba Acadêmicos do Salgueiro. No entanto, diferentemente das outras tias, não é integrante da Velha Guarda. A mensagem que gostaria de deixar está relacionada ao desejo de que as pessoas participem mais do Caxambu, que se apropriem, que mantenham viva essa cultura que é e sempre será um patrimônio genuinamente salgueirense e que, como tal, precisa ser valorizado.

MARIA FÉ DE AQUINO GUI SAN



Tia Mara nasceu no Morro do Salgueiro no ano de 1955. É costureira, tem 3 filhos, 7 netos e 1 bisneta. Declara com orgulho que, graças a Deus, criou os filhos sozinha, ali no morro, e hoje eles trabalham, constituíram família. Segundo ela, sua ligação com o Caxambu começou cedo e foi muito influenciada pelo pai e pelas tias e, mesmo sendo proibida de participar, sempre dava um jeito de assistir. Segundo ela, “criança é bicho curioso, bicho danado e era comum a criançada fingir que estava dormindo e sair na pontinha dos pés para ficar tomando conta, assistindo a roda, aprendendo os cânticos, as danças e tal. E foi dessa forma que aprendi”.

Entende que a cultura do caxambu é importantíssima, pois representa a nossa ancestralidade, que é herança deixada pelo avô, pelo bisavô e por todos aqueles que vieram antes e que, por isso mesmo, não pode ser esquecida. Daí a importância de se ensinar à nova geração, explicar o valor que existe na manutenção dessa cultura. Informa que não se esconde nada das crianças, que tudo é ensinado, pois essa é a forma de gerar neles o sentimento de pertencimento, de identificação. Esclarece que não percebe qualquer tipo de ameaça à cultura do Caxambu, pois identifica que o Salgueiro é um território onde cada um procura viver da forma que deseja. Entende que as pessoas se respeitam muito. Com relação ao coletivo organizado em 2013, declara ser muito boa a convivência entre todos. Para ela, esses encontros são fundamentais e a troca promovida é extremamente necessária para que eles não percam o pique e sejam informados de tudo o que acontece. Na sua visão, não existe hierarquia. O que existe é um profundo respeito entre todos. Tia Mara entende que quando o grupo se reúne ele deseja passar uma mensagem de paz, uma mensagem de união, até mesmo uma mensagem de fé, porque antes de qualquer roda se faz uma oração pedindo a autorização para a apresentação. Para ela, são cada vez mais necessárias ações de divulgação, de recrutamento de pessoas interessadas em aprender. Reconhece a importância das oficinas realizadas nas escolas, principalmente as próximas à comunidade, pois funciona como instrumento de disseminação de informação a pais e alunos, que passam a ter a compreensão de que o Caxambu é uma cultura, e não uma religião. A mensagem que gostaria

de deixar à comunidade é a de que se promovesse a união, o fortalecimento da cultura, pois, para ela, não existe coisa mais triste que perceber o desaparecimento de uma cultura que representa a ligação com sua ancestralidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa iniciou-se no ano de 2019, a partir de um recente interesse nas práticas culturais existentes no território do Morro do Salgueiro, até então, completamente desconhecidas para mim. O interesse de investigar a tradicional cultura do caxambu – aliada à constatação de ser aquele um dos únicos pontos da cidade onde a pesquisa seria possível, fez com que o retorno acontecesse. Retorno porque, ainda que aquele fosse um local novo, dali tem origem toda minha família materna e de lá são as histórias que habitam a memória da minha mãe; também naquele território nasci, embora de lá tenha me mantido afastada por toda a vida.

A experiência iniciada em 2019 e o entendimento de toda a ritualística reproduzida na manutenção da cultura do caxambu, para além de intensificar o desejo de contribuir com sua continuidade, fez despertar o interesse em ampliar o foco da investigação para a identificação e o registro da cultura existente no morro. Logo de início, porém, e em função de uma infinidade de fatores – a impossibilidade de realização da tarefa foi logo verificada.

O acesso ao território e os inúmeros convites para a participação dos eventos realizados no Morro do Salgueiro – fossem ou não ligados ao Grupo do Caxambu, permitiram que eu estreitasse os laços com antigos moradores, muitos contemporâneos à minha família materna que residiu no local por um longo período. Esse movimento serviu de importante auxílio para que eu fosse reconhecida como *cria* do local e tivesse, de certa forma, a validação e a autorização para a realização da minha pesquisa.

A aproximação com o Grupo Cultural e, principalmente com as *Tias do caxambu* foi a oportunidade encontrada para o acesso às coisas do lugar e, com isso, me permitir a construção de uma história de identificação e (re)conhecimento do valor que existe no Morro do Salgueiro.

O processo de encontro com as Tias foi extremamente valioso e, para além de permitir a compreensão de como se deu a formação cultural do atual coletivo – objetivo principal dessa pesquisa, foi importante em função do compartilhamento das memórias que trouxeram à tona o legado afetivo representado pela condição de *cria* do Morro, ou seja, as histórias sobre as origens familiares, a criação dos filhos, a comunhão entre os vizinhos e a paixão pelo território onde nasceram.

Especificamente no que se refere à dança do caxambu, os relatos são unânimes no sentido de que, antigamente, a participação das crianças nas rodas era algo terminantemente proibido, muito em função da estreita ligação existente da dança com a prática da Umbanda e do Candomblé. O não acesso das crianças pode ser, em alguma medida, entendido como um fator de proteção. Com o passar do tempo e em função do falecimento dos antigos caxambuzeiros a cultura na comunidade vai desaparecendo.

Segundo o Coletivo Cultural, existe a clara compreensão de que a dança do caxambu não tem qualquer relação com a religião. Para além de uma dança, representa um legado cultural herdado dos antepassados negros que chegaram ao lugar e ali fincaram suas raízes; é uma cultura genuinamente salgueirense e como tal, precisa ser preservada para as futuras gerações. Por esse motivo as crianças hoje representam a esperança de que o caxambu não desapareça e, nesse quesito, as matriarcas desempenham papel fundamental no processo de transmissão cultural, pois representam o elo existente entre as práticas desenvolvidas pelos antigos mestres (já que, ainda que proibidas aprenderam toda a ritualística que envolve as rodas de caxambu) e os integrantes da nova geração.

A contribuição da cultura negra na formação da sociedade brasileira é inegável e tratar disso foi o que nos motivou, de alguma forma, a desenvolver esse trabalho. A dança do caxambu, cultura enraizada em um país marcado pela presença africana, carrega em si toda a ancestralidade dos negros marcados pelo cativeiro, ao mesmo tempo em que desperta a fé trazida por homens e mulheres forjados no sofrimento e na humilhação. Ela carrega o desejo de liberdade e exige seu reconhecimento cultural como arte genuinamente brasileira – mas que guarda suas raízes para além do Atlântico, raízes capazes de contar a história de um povo.

Os esforços impetrados pelo Coletivo Cultural Caxambu do Morro do Salgueiro têm divulgado a cultura para além dos limites da comunidade, seja através de oficinas realizadas em escolas; seja por meio de apresentações em eventos culturais. Além do título de Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil conferido pelo IPHAN em 2019, das condecorações com Moções de Louvor e de Aplausos da Câmara dos Deputados do Estado do Rio de Janeiro e da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro e das inúmeras homenagens recebidas pelo grupo, toda essa repercussão têm conferido às matriarcas do grupo o reconhecimento legítimo de seu valor enquanto fonte de transmissão dos saberes e, especialmente, patrimônio vivo da comunidade e da cultura do caxambu.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha. “Cultura imaterial e patrimônio histórico nacional”. ABREU, M. et al. *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/FAPERJ, 2007.
- ABREU, Martha; MATTOS, Hebe. *Pelos caminhos do Jongo/Caxambu: História, Memória e Patrimônio / Organizadoras*. – Niterói: UFF. NEAMI, 2008.
- ACERVO: revista do Arquivo Nacional. – v. 22 n. 2 (jul./dez. 2009). – Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2009.
- ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amilcar. *Histórias do movimento negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC – Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FGV, 2007*.
- ALMEIDA, Angélica Ferrarez de *A tradição das tias pretas na Zona Portuária: por uma questão de memória, espaço e patrimônio / Angélica Ferrarez de Almeida; orientador: Antônio Edmilson Martins Rodrigues*. – 2013. 122 f
- ANDRÉ, Marcos; MENEZES, Luciane. *Jongo do Quilombo São José. CD-Livro. Associação Brasil Mestiço e Sesc: Rio de Janeiro, 2004*
- ASSUNÇÃO, Mathias; ABREU, Martha. *Da Cultura Popular à cultura negra*. In: _____. *Trajetórias e lutas de intelectuais negros*. Niterói: Eduff, 2018 (vol. II)
- BRASIL, 1988. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, Planalto.
- BRASIL, 2005. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade*. – Brasília: Ministério da Educação, 2005.
- BRUNO, Leonardo. *Explode, coração: Histórias do Salgueiro*. Rio de Janeiro: Verso Brasil Editora, 2013
- CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- COSTA, Haroldo. *Salgueiro: Academia do Samba*. Rio de Janeiro: Record, 1984
- _____. *Salgueiro 50 anos de glória*. Rio de Janeiro: Record, 2003
- DINIZ, André. *Almanaque do samba: a história do samba, o que ver, o que ler, onde curtir*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- FARIA, Guilherme José Motta. *O G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro e as representações do negro nos desfiles das escolas de samba nos anos 1960*. Tese. Doutorado em História da Universidade Federal Fluminense. 2014

- IBASE. Instituto de Análises Sociais e Econômicas. Histórias de favelas da Grande Tijuca contadas por quem faz parte delas / Projeto Condutores(as) de Memória. Rio de Janeiro: IBASE: Agenda Social Rio, 2006.
- INAE. Instituto Nacional de Altos Estudos. Favela é cidade – Plano de desenvolvimento de Favelas para sua inclusão socioeconômica. Rio de Janeiro, 2014, 520 p
- IPHAN. Dossiê nº 5 – Jongo no Sudeste – Brasília-DF, 2007.
- LARA, Sílvia Hunold; PACHECO, Gustavo. Memórias do Jongo: as gravações históricas de Stanley J. Stein. Vassouras, 1949. – Rio de Janeiro: Folha Seca; Campinas, SP: CECULT, 2007.
- LOPES, Nei. Partido-Alto: samba de bamba. Rio de Janeiro: Pallas, 2008
- MAGALHÃES, Aloísio. E Triunfo?: a questão dos bens culturais no Brasil. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira; [Brasília]: Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.
- MAGALHÃES, G.; ARRUDA, M. Coisas do morro / Gilberto Magalhães & Martha de Arruda. - Rio de Janeiro: [s.n.], 2011, Rio de Janeiro: Reproarte.
- MARINS, Paulo César Garcez. Novos patrimônios, um novo Brasil? Um balanço das políticas patrimoniais federais após a década de 1980. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 29, n 57, janeiro-abril 2016, p.9-28
- PAULA, Cláudia Regina de. O movimento negro na luta por uma educação antirracista. In: O negro na sociedade contemporânea. Acervo: revista do Arquivo Nacional. v. 22 n. 2 (jul/dez. 2009. – Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2009.
- PERES, Eraldo. FÉsta brasileira: folias, romarias e congadas. – São Paulo: Senac Editoras: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.
- REIS, Ana Paula dos. Vozes jongueiras: o (re)existir de uma cultura. Narrativas, encontros, diálogos e construções. Rio de Janeiro: USU/IPN (monografia), 2019
- ABINO, Jorge e LODY, Raul. Danças de Matriz Africana: antropologia do movimento. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.
- SANT’ANNA, Marcia. “A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização”. In: ABREU, Regina et al. Memória e Patrimônio – ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina; 2009.
- SOUZA, Monica Lima e. Heranças africanas no Brasil: história, conhecimento e criação. Samba em revista, v. 11, nº 13, dezembro 2021. Edição Especial. Publicação do Museu do Samba.
- STEIN, Stanley J. Vassouras: um município brasileiro do café, 1850-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- UNESCO. Convenção sobre a proteção e promoção da Diversidade das Expressões Culturais. 33.Sessão da Conferência Geral. Paris, 2001.

_____. Convenção para a salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial: Paris, 17 de outubro de 2003, Brasília, Unesco, 2006.

_____. Convenção sobre a proteção e promoção da diversidade das expressões culturais, Brasília, Unesco, 2007.

VELLOSO, Monica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo / organização Jorge Ferreira e Lucília de Almeida Neves Delgado. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. – (O Brasil Republicano; v. 2)

DOCUMENTÁRIO

CAXAMBU DO SALGUEIRO. Documentário produzido pelo Núcleo de Mídia do Instituto de Arte Tear, Rio de Janeiro/2011 e contemplado pelo Edital de Tradição Oral da Secretaria da Cultura do Estado do Rio de Janeiro (DVD).

ANEXO 01 – FORMULÁRIOS APRESENTADOS À COMISSÃO DE ÉTICA E PESQUISA (EPSJV/ FIOCRUZ)

ANEXO 02 - PARECER APROVADO PELA COMISSÃO DE ÉTICA E PESQUISA (EPSJV/ FIOCRUZ) - CAEE nº 64353122.6.0000.5241

ANEXO 03 – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM AS MATRIARCAS DO GRUPO CULTURAL CAXAMBU DO MORRO DO SALGUEIRO

**ANEXO 01 – FORMULÁRIOS APRESENTADOS À COMISSÃO DE ÉTICA E PESQUISA
(EPSJV/ FIOCRUZ)**

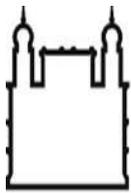
**MINISTÉRIO DA SAÚDE
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - CASA DE OSWALDO CRUZ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PRESERVAÇÃO E
GESTÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DAS CIÊNCIAS E DA SAÚDE**

PROJETO DE PESQUISA: *As Tias do morro: memórias e narrativas sobre a formação cultural do Grupo Caxambú do Salgueiro*

ALUNA: Ana Paula dos Reis

ROTEIRO BÁSICO DE ENTREVISTAS

1. Por favor, qual o nome, idade e o local de nascimento da senhora?
2. Nos conte um pouco sobre a sua ligação com o Morro do Salgueiro
3. Qual a sua relação com o Grupo do Caxambú?
4. Quando e como o grupo surgiu?
5. Quem foi o fundador?
6. O grupo tem algum líder?
7. No que ou em quem o grupo se inspirou?
8. Em que local o grupo se apresenta?
9. Quantos componentes têm o grupo?
10. É necessária alguma licença ou autorização para o grupo se apresentar?
11. As apresentações são gratuitas?
12. O grupo recebe algum tipo de doação?
13. Qual é o principal objetivo do grupo?
14. Que mensagem o grupo quer passar para a sociedade e, principalmente para os moradores do Morro do Salgueiro?



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tema da pesquisa: As Tias do morro: memórias e narrativas sobre a formação cultural do Grupo Caxambú do Salgueiro

Pesquisadora responsável: Ana Paula dos Reis

Professora orientadora: Gisele Porto Sanglard

Professora coorientadora: Maria Cristina Coelho Duarte

Instituição: Fundação Oswaldo Cruz

Convidamos você a participar da pesquisa científica intitulada “**AS TIAS DO MORRO: MEMÓRIAS E NARRATIVAS SOBRE A FORMAÇÃO CULTURAL DO GRUPO CAXAMBÚ DO SALGUEIRO**”, parte de dissertação de mestrado desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde, da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz.

A presente pesquisa, direcionada às matriarcas integrantes do grupo Caxambú do Salgueiro, tem por objetivo produzir um trabalho com o registro de narrativas sobre a formação cultural do grupo, de forma tal que o material possa ser utilizado por quaisquer pessoas que tenham interesse na temática que envolva a dança do Caxambú, importante manifestação cultural do Morro do Salgueiro e Patrimônio Cultural do Brasil. Ao final da pesquisa pretende-se produzir um catálogo com a narrativa e fotos de todas as pessoas envolvidas.

Antes de concordar em participar, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. A sua participação neste estudo é espontânea e consistirá em responder individualmente um questionário previamente estabelecido, composto por questões que abordarão sua vivência no grupo do Caxambú, assim como outras informações relacionadas à formação do grupo. A entrevista será gravada e posteriormente transcrita e, diante deste fato, solicita-se autorização para o uso de sua narrativa e imagem, que serão utilizados apenas para os fins desta pesquisa.

As entrevistas serão realizadas na Sede Cultural do Grupo Caxambú do Salgueiro (Rua Francisco Graça, 60A – Tijuca – Rio de Janeiro/RJ), em datas previamente estabelecidas e divulgadas a cada uma das participantes. As gravações dos áudios serão

feitas com o auxílio de aparelho específico para este fim (gravador) e os dados salvos em arquivos que serão armazenados na nuvem, com criptografia e senha cujo acesso será realizado exclusivamente pela pesquisadora responsável.

Esclarecemos que, embora cientes de que toda pesquisa com seres humanos envolva risco em tipos e gradações variados, alertamos que no presente estudo estes riscos são mínimos e se relacionam principalmente à probabilidade de você se sentir cansada e/ou incomodada durante a coleta das informações. Desta forma, com vistas a minimizarmos qualquer desconforto, asseguramos que você não está obrigada a responder todas as perguntas e que tem total liberdade de interromper sua participação a qualquer momento.

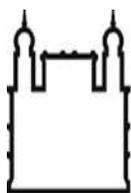
Com vistas a garantir o total sigilo dos dados obtidos e a privacidade das participantes, informamos que apenas a pesquisadora responsável terá acesso às gravações realizadas. Além disso, a você será garantido tomar conhecimento e, a qualquer tempo, obter informações dos procedimentos e métodos utilizados neste estudo, bem como os resultados parciais e finais desta pesquisa. Além disso, caso seja de seu interesse, a transcrição de sua fala poderá ser revista a qualquer momento até a finalização do estudo.

Em caso de dúvidas, você pode entrar em contato com a pesquisadora a qualquer momento no endereço sito a Rua Barão de Itapagipe, 71/Bl. 3/606, Rio Comprido, cidade do Rio de Janeiro ou através do celular (21) 98134-3148 e e-mail anareis.rj@gmail.com.

Esclarecemos que, de acordo com o previsto na Resolução nº 510/2016 (art. 9 - itens VI e VII), você terá direito de ser indenizada por qualquer dano decorrente desta pesquisa e ainda, ao ressarcimento das despesas diretamente decorrentes de sua participação na mesma.

Os termos desta pesquisa são reguladas pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio / Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV/Fiocruz) – colégiado responsável por estabelecer as diretrizes necessárias para zelar pelo respeito e proteção à dignidade e autonomia de todos os participantes envolvidos, em sua dimensão física, moral e social. Para tanto, o presente Comitê encontra-se à disposição para eventuais esclarecimentos éticos e outras providências que se façam necessárias no endereço sito a Av. Brasil, 4365 – Manguinhos, cidade do Rio de Janeiro, através do e-mail: cep.epsjv@fiocruz.br ou do telefone: (21) 3865-9809.

Uma vez concluída a pesquisa, informamos que será feita a divulgação no site da biblioteca da Fundação Oswaldo Cruz e no Portal da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações para a socialização dos seus resultados. Após a formalização dos trâmites



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

acadêmicos, a pesquisadora comparecerá à Sede Social do Grupo Caxambu do Salgueiro para compartilhar os resultados da pesquisa.

Por fim, este termo está elaborado em duas vias, rubricadas em todas as suas páginas assinadas, ao seu término, pela participante da pesquisa e pela pesquisadora responsável, sendo uma das vias entregue à participante.

Eu, _____, portadora do documento de identidade nº _____, declaro que obtive todas as informações necessárias e esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas e, por concordar da pesquisa ***“AS TIAS DO MORRO: MEMÓRIAS E NARRATIVAS SOBRE A FORMAÇÃO CULTURAL DO GRUPO CAXAMBÚ DO SALGUEIRO”***, autorizo a gravação de entrevistas e a divulgação de meu nome ao final da pesquisa e, para tanto, assino o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e forma, ficando uma delas em minha posse.

Rio de Janeiro, ____/____/ ____

Participante da Pesquisa

Pesquisadora responsável

Endereço: Avenida Brasil, 4365 ç Manguinhos Ramal.: 9809
Bairro: Manguinhos **CEP:** 21.040-360
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)3865-9809

E-mail: cep.epsjv@fiocruz.br



**ESCOLA POLITÉCNICA DE
SAÚDE JOAQUIM
VENÂNCIO/FIOCRUZ/RJ**



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: AS TIAS DO MORRO: MEMÓRIAS E NARRATIVAS SOBRE A FORMAÇÃO CULTURAL DO GRUPO CAXAMBÚ DO SALGUEIRO

Pesquisador: ANA PAULA DOS REIS

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 64353122.6.0000.5241

Instituição Proponente: Fundação Oswaldo Cruz

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.058.349

Apresentação do Projeto:

Trata-se de resposta à pendência referente ao parecer emitido em 28/03/2023, sob o número 5.969.243. Anteriormente já havia sido respondido parecer nº 5.858.860 (de janeiro de 2023) e o parecer n.º 5.780.194 (de novembro 2022).

Conforme descrito na Plataforma Brasil (de 28/04/2023, p. 2): “A pesquisa será realizada no Morro do Salgueiro e a intenção é contribuir com a construção de uma imagem mais complexa e diversificada acerca daquele território, tão marcado por narrativas estigmatizantes. Nosso objetivo principal será demonstrar a riqueza cultural existente na Dança do Caxambú, evidenciando o protagonismo e as narrativas das Tias caxambuzeiras, matriarcas da comunidade e figuras centrais da oralidade que sustenta a cultura do território que se pretende investigar.

Ainda de acordo com descrição na PB (p.2): “O intuito da pesquisa é produzir um registro da história do Grupo Caxambú do Morro do Salgueiro através das narrativas e memórias das Tias, matriarcas da comunidade e principais integrantes do atual coletivo que hoje forma o grupo cultural, criado no ano de 2013. A metodologia da História Oral será utilizada como base para a realização de entrevistas, além das orientações constantes do manual de aplicação dos inventários participativos publicado pelo IPHAN.”

Endereço: Avenida Brasil, 4365 ç Manguinhos

Ramal.: 9809

Bairro: Manguinhos

CEP: 21.040-360

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)3865-9809

E-mail: cep.epsjv@fiocruz.br

No que tange a metodologia, consta na PB (p.3): “Para o estudo da dança do Caxambú no Salgueiro, o recurso a ser utilizado será o registro de narrativas das Tias, antigas matriarcas da comunidade e que, majoritariamente, formam o coletivo Grupo do Caxambú. Para tal, nos basearemos na metodologia da história oral para a realização das entrevistas. Além disso, utilizaremos a orientação constante do manual de aplicação dos inventários participativos publicado pelo IPHAN no ano de 2016. Tal logo ocorra a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV/FIOCRUZ), a mesma será apresentada aos Srs. Emerson Menezes e Marcelo Paz, respectivamente Presidente e Vice-Presidente do Grupo Cultural Caxambú do Salgueiro, que se encarregarão de fazer a mediação entre a pesquisadora e as integrantes do Grupo do Caxambú e o agendamento de encontro para a apresentação da proposta e informações sobre os trâmites da pesquisa. Os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com informações e autorizações para o uso de identificação da participante serão fornecidos pela pesquisadora tão logo ocorra o aceite de participação da pesquisa pelas matriarcas convidadas. O critério estabelecido para a escolha é o da idade mais avançada, pois nossa intenção é a de entrevistar as 08 (oito) integrantes mulheres mais idosas do grupo. As entrevistas serão realizadas na Sede Cultural do Grupo Caxambú do Salgueiro (Rua Francisco Graça, 60A – Tijuca – Rio de Janeiro/RJ), em datas previamente estabelecidas e divulgadas a cada uma das participantes. As gravações das entrevistas em áudios serão realizadas com o auxílio de aparelho específico para este fim (gravador). O armazenamento dos dados será feito na nuvem, com criptografia de arquivos e senha cujo acesso será realizado exclusivamente pelo pesquisador responsável. Após a formalização dos trâmites acadêmicos, a pesquisadora comparecerá à Sede Social do Grupo Caxambu do Salgueiro para compartilhar os resultados da pesquisa com todas aquelas que participaram da mesma. A produção de um estudo sobre a dança do Caxambú servirá de auxílio no processo de valorização da cultura local e da história dos moradores o que, conseqüentemente, poderá fortalecer laços de identidade, de família e de pertencimento e, ainda, funcionar como instrumento de visibilidade para as ações desenvolvidas para além dos limites do território, ou seja, do Morro do Salgueiro.”

Consta na PB (p.4) que serão realizadas 08 entrevistas – sendo 7 matriarcas do grupo e 1 liderança do grupo.

Como desfecho primário (PB, p.3) informa que elaborará um catálogo com as narrativas e fotos das pessoas entrevistadas.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Endereço: Avenida Brasil, 4365 ç Manguinhos **Ramal.:** 9809
Bairro: Manguinhos **CEP:** 21.040-360
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)3865-9809 **E-mail:** cep.epsjv@fiocruz.br



Continuação do Parecer: 6.058.349

“Registrar a história do grupo Caxambú no Morro do Salgueiro.”

Objetivos Secundários:

- Identificar o Patrimônio Negro do Morro do Salgueiro, com ênfase na Dança do Caxambú;
- Investigar a história da ocupação do Morro do Salgueiro, procurando entender o papel da dança do Caxambú na comunidade;
- Analisar o papel das tias como liderança do grupo do Caxambú no Salgueiro e do patrimônio negro do morro."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Conforme descrito na PB (p.3):

Riscos: "Na forma do previsto no art. 21 da Resolução nº 510/2016 e considerando as características do trabalho que se pretende realizar, considera-se que os riscos desta pesquisa podem ser graduados nos níveis mínimos, uma vez que não se vislumbra qualquer possibilidade de danos físicos, psíquicos, moral, intelectual, social ou cultural aos participantes da mesma. Ainda assim e como forma de atenuar qualquer desconforto porventura existe, será facultado ao participante a possibilidade de não participar da pesquisa."

Benefícios: "Produzir um trabalho com o registro de narrativas sobre a formação cultural do grupo do Caxambú do Morro do Salgueiro para que o material, no futuro, possa ser utilizado pelos integrantes do grupo e/ou por quaisquer pessoas que tenham interesse na temática."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de projeto de pesquisa referente à dissertação de mestrado desenvolvida pela estudante Ana Paula dos Reis, aluna do Programa de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde, da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, sob a orientação da Dr^a Gisele Porto Sanglard e co-orientação da professora Maria Cristina Coelho Duarte. A pesquisa conta com financiamento próprio (descrito no valor de 300 reais para deslocamento no campo).

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentou todos os termos obrigatórios.

Endereço: Avenida Brasil, 4365 ç Manguinhos Ramal.: 9809
Bairro: Manguinhos **CEP:** 21.040-360
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)3865-9809 **E-mail:** cep.epsjv@fiocruz.br

Continuação do Parecer: 6.058.349

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Todas as pendências foram sanadas e indicamos a aprovação do referido projeto para início das atividades descritas.

Considerações Finais a critério do CEP:

- Enviar relatório final ao término do estudo;
- Informar ao CEP, caso necessite fazer modificações relevantes nos objetivos ou metodologia previstos;
- Notificar o CEP caso ocorra alguma situação adversa;
- Manter sob sua guarda por pelo menos 5 anos as vias do TCLE ou do Registro de Consentimento, bem como os dados coletados na pesquisa;
- Informar o número CAAE do projeto nos produtos da pesquisa (relatórios, artigos, monografia, dissertação, tese).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_2009330.pdf	28/04/2023 16:09:19		Aceito
Outros	RESPOSTA_PENDENCIAS.pdf	28/04/2023 16:08:48	ANA PAULA DOS REIS	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_PARECER_5969243.pdf	27/04/2023 15:04:57	ANA PAULA DOS REIS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_PARECER_5969243.pdf	27/04/2023 15:04:46	ANA PAULA DOS REIS	Aceito
Outros	DECLARACAO_ORCAMENTARIA.pdf	12/10/2022 15:54:15	ANA PAULA DOS REIS	Aceito
Outros	DECLARACAO_COMPROMISSO.pdf	12/10/2022 15:53:45	ANA PAULA DOS REIS	Aceito
Outros	DECLARACAO_QUALIFICACAO.pdf	12/10/2022 15:52:34	ANA PAULA DOS REIS	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO_ANA_REIS.pdf	12/10/2022 15:50:42	ANA PAULA DOS REIS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	DOSSIE_DE_QUALIFICACAO.pdf	03/10/2022 17:24:44	ANA PAULA DOS REIS	Aceito

Endereço: Avenida Brasil, 4365 ç Manguinhos Ramal.: 9809
Bairro: Manguinhos **CEP:** 21.040-360
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)3865-9809

E-mail: cep.epsjv@fiocruz.br



ESCOLA POLITÉCNICA DE
SAÚDE JOAQUIM
VENÂNCIO/FIOCRUZ/RJ



Continuação do Parecer: 6.058.349

Outros	ROTEIRO_ENTREVISTAS.pdf	03/10/2022 17:22:15	ANA PAULA DOS REIS	Aceito
--------	-------------------------	------------------------	-----------------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO DE JANEIRO, 14 de Maio de 2023

Assinado por:
Sergio Ricardo Oliveira
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida Brasil, 4365 ç Manguinhos **Ramal.:** 9809
Bairro: Manguinhos **CEP:** 21.040-360
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)3865-9809 **E-mail:** cep.epsjv@fiocruz.br

ANEXO 03 – ENTREVISTAS

ENTREVISTA COM DORALICE SILVA (TIA DORINHA)

Identificação: D – Doralice

P - Pesquisadora

P. Por favor qual o seu nome, idade e local de nascimento?

D. Doralice Silva.

P: A senhora tem quantos anos?

D: Tenho 102 anos.

P: E a senhora nasceu onde?

D: Nasci aqui mesmo no Morro.

P: No Morro do Salgueiro?

D: É.

P: Nos conte um pouco sobre a sua família, seus pais, a senhora tem filhos?

D: Tenho filhos à beça. Pai e Mãe eu não tenho mais não.

P: E seus pais também eram aqui do Salgueiro?

D: Também nasceram aqui.

P: Ah, legal!

D: Meu pai era de Caxambu também, minha mãe.

P: Entendi. Qual é a sua relação com a cultura do Caxambu?

D: Eu adoro! O Caxambu é muito bom, para mim a melhor coisa é o Caxambu.

P: E a senhora conheceu o Caxambu quando criança, depois de adulto?

D: Conheci depois de adulto.

P: Sim, sim. Que pessoas influenciaram a senhora para dançar o Caxambu?

D: Ah, a gente brincava com as meninas e depois inventaram, as meninas vieram para cá, fizeram esse Caxambu, botaram essa onda de Caxambu e pegou. Agora eu quase não vou porque eu não posso andar.

P: Mas a senhora é a matriarca?

D: Sou a matriarca do grupo.

P: Isso aí. Qual a importância que o Caxambu tem para a senhora?

D: Muita importância! Eu adoro o Caxambu, melhor do que um samba. Eu adoro, adoro mesmo.

P: E esse Caxambu do Morro do Salgueiro, como é que a senhora o define?

D: Como é que eu defino? Dançando, brincando, pulando, vou nos lugares com ele, eu brinco, todo mundo gosta. Canto.

P: Como é que essa cultura vem sendo desenvolvida aqui no morro?

D: Isso aí foram os antigos que botaram e já morreram, né? Meu pai dizia, aliás, até meu pai também era do Caxambu. Mas ele já morreu há muitos anos, muitos anos mesmo.

P: Então é uma herança que vem dos antigos, né?

D: É, dos antigos, Caxambu é dos antigos.

P: Hoje em dia, como é que vocês ensinam o Caxambu, ensinam para as crianças?

D: A gente bota eles pra brincar e vai ensinando.

P: Mas da mesma forma que vocês aprenderam?

D: É, justamente.

P: Da mesma forma então, não tem nenhuma mudança?

D: Não, não, não, o caxambu não pode ter mudança né!?

P: Então está certo. A senhora percebe que alguma coisa ameaça o Caxambu?

D: Não, por enquanto não.

P: Nem vai.

D: Eu ainda não vi mesmo não.

P: Está ótimo. Além do Caxambu, a senhora participou de alguma outra manifestação cultural aqui no Morro?

D: Cultural?

P: Além do Caxambu.

D: Aqui eu só vou no Centro.

P: Em Escola de Samba a senhora não tem ligação? Nunca teve?

D: Na escola de samba, já.

P: Já foi da velha guarda também?

D: Também já fui da velha guarda.

P: Eu acho chique velha guarda (risada).

D: Não saio agora porque fiquei doente, né? Aí não pude sair mais.

P: Ah, mas vai ficar boa e vai voltar se Deus quiser. O que a cultura do Caxambu representa para os moradores do morro, na visão da senhora?

D: Ah, muita coisa. Me alembra aquele tempo antigo, sabe? Que a gente brincava muito, se saía, vamo na casa de fulano, vamo na casa de beltrano aquela raça toda de gente né.

P: Ah, legal, legal. É bom que lembra o povo do passado, as outras pessoas. A sua relação hoje com o atual coletivo, a senhora é a matriarca do grupo.

D: Sou.

P: E a senhora que define as coisas do grupo, como é que isso funciona?

D: Não, não. Eu sou só na dança, na brincadeira lá.

P: A gente pode dizer que a senhora é a figura principal do Caxambu?

D: Pode.

P: Que legal. A senhora entrou nesse grupo atual desde o início? Como é que foi? Como é que a senhora foi participar desse grupo?

D: Depois que eles botaram o Caxambu lá embaixo, o menino lá, aí foi que a gente foi entrando, chegando.

P: Aí vocês foram sendo convidados para participar?

D: É, formamos o Caxambu.

P: Entendi. Falando de hierarquia, a senhora é a principal. Que mensagem esse grupo do Caxambu quer passar para os moradores?

D: Ah, muita coisa. O pessoal adora.

P: Sim.

D: Adora mesmo.

P: O que a senhora entende por patrimônio?

D: Patrimônio, eu entendo mais ou menos assim.

P: Sim, mas o que a senhora entende que seja patrimônio?

D: Eu gosto.

P: Gosta?

D: Gosto.

P: A senhora acha importante?

D: Eu acho importante mesmo. Só não vou porque é longe, onde elas vão, eu não posso ir.

P: Entendi.

D: Se eu pudesse acompanhar elas.

P: O que a senhora acha que é importante para que a cultura continue sendo desenvolvida?
D: Porque o pessoal também ajuda muito, sabe? Ajuda muito, muito mesmo. Hoje então era para ter uma brincadeirazinha aí, mas não vai ter. Acho que não vai ter, não sei, né? Porque já não falaram nada.
P: Mas a senhora acha que tem alguma ação que precisaria ser feita pelo governo, pela comunidade, para que essa cultura sempre exista aqui no morro?
D: É. Esse aqui é meu filho, (risada).
P: Então a senhora acha que a participação das pessoas vai fazer com que a cultura sempre aconteça?
D: É.
P: Ah. E aí viu como foi rapidinho, já é a última. Que mensagem a senhora deixaria para os moradores do morro e para as pessoas que, como eu, têm interesse no Caxambu?
D: Muita coisa, sabe? Muita memo, muita lembrança de tudo. De tudo memo sobre o Caxambu.
P: Sim. Então a senhora acha que é importante passar essa cultura?
D: Pra mim é muito importante.
P: Então essa cultura ela tem uma riqueza grande e é importante que as pessoas conheçam?
D: O nosso Caxambu.
P: E a senhora acha que é importante um trabalho como esse?
D: Acho!
P: Por quê?
D: Porque a senhora tá envolvendo...
P: Senhora não, eu (risos).
D: É você (risos) tá envolvendo o pessoal, né!?
P: Então a senhora acha que é importante que as pessoas conheçam essa cultura?
D: É.
P: Não só de dentro do morro, mas que as pessoas lá de fora...
D: De fora também gosta.
P: Ai que bom, que bom, viu? Como foi rapidinho.

ENTREVISTA COM CELINA ROQUE DOS SANTOS (TIA CELINA)

Identificação: C – Celina

P - Pesquisadora

P: Por favor, nos fale seu nome, idade e local de nascimento.
C: É Celina Roque dos Santos. Eu nasci em São Cristóvão em 1938.
P: A senhora tem 85.
C: Eu fazia agora dia...Setembro.
P: Sim. Nos conte um pouco sobre a sua família. Como eram os seus pais, se a senhora tem filhos?
C: Tenho, tenho três filhos. Tem o Adilson, Odilho, Carmen Lúcia.
P: E seus pais? Eles eram lá do Salgueiro mesmo? Qual era o nome deles?
C: Nascido e criado no Salgueiro.
P: Pai e mãe?

C: É, pai e mãe...é Dulce, Dulce dos Santos...Antônio Roque.

P: Nos fale um pouco como é a relação da senhora com o Caxambu. Como foi que a senhora aprendeu a dançar? Desde quando a senhora conhece o Caxambu?

C: Minha mãe não me levava não. Eu...eu, minha mãe ia pro Caxambu e eu levantava da cama de noite, eu via aquela roda lá e eu saía correndo ia escondidinha. Aí eu ficava olhando pelo buraco assim dá dá... das mulher que tava dançando, eu ficava baixadinha vendo elas dançar, dali eu aprendi.

P: A senhora aprendeu só olhando?

C: Só olhando. E a mãe da senhora participava do Caxambu? Ela participava, que ela dançava, e eu ficava lá no meio deles lá, mas ela não me via não. AP: Ah ficava escondida, né? É, ficava escondida. Aí eu fui aprendendo. Aí dentro de casa mermo eu dançava com as minhas irmãs, com as minhas colegas. Aí eu dançava, não sabia dançar, mas eu dançava assim mermo.

P: Certo. Mas a mãe da senhora dizia o que? Que não podia, que era proibido?

C: Era proibido, antigamente era proibido. Não podia dançar, não.

P: Mas ela explicava por que, não?

C: Não explicava não. Fui aprendendo a dançar sozinha mermo com as minhas colegas.

P: Certo. E tinha alguém assim, que a senhora tenha se inspirado para poder dançar o Caxambu?

C: Eu que dançava todo mundo junto e era a dança só. E batia com o pé no chão, abaixava, batia com o pé no chão. Eu levantava a saia, eu rodava.

P: Então, quer dizer, eram só pessoas de idade que dançavam, só adultos?

C: Só adultos, só adultos.

P: Certo. E qual a importância que a senhora acha que tem o Caxambu?

C: Sei lá, aquilo puxava a gente pa dançar, eu rodava, segurava a saia, rodava, batia com o pé no chão, abaixava. Aquilo eu achava graça, a única graça que tinha ali era o Caxambu.

P: Certo. Desde sempre a senhora dança Caxambu, desde que era criança?

C: Ai não, eu fui aprendendo a dançar também Samba também. Aí eu rebolava, botava a mão nas cadeiras pa aprender também (risos ao fundo).

P: E assim, lá no Sagueiro, a senhora achava...

C: Aí eu dançava Caxambu, aí eu dançava Samba, e a pa roda do Samba eu dançava o Samba, igual o Caxambu (risos ao fundo). Aí fui aprendendo a dançar Caxambu.

P: Certo. E assim, do tempo em que a senhora era criança, para agora, a senhora acha que o Caxambu teve diferenças hoje?

C: Ah, tem diferença.

P: E quais as diferenças...?

C: Tem diferença, porque ali no Caxambu, se dançava, rodava e socava o pé no chão. Aí rodava, socava o pé no chão, levantava a saia e rodava. É diferente. É o...coisa...o...cumé...a dança dá dá...do cudero, sapateado...cumé é diferente, é diferente. É samba mermo, é samba no pé.

P: Certo. Antigamente era Samba e Caxambu tudo junto?

C: Não, é separado. Era sapateado, sapateado. Sapateado é É diferente, é diferente.

P: Entendi. E hoje, como é que vocês estão ensinando para as crianças o Caxambu agora? Explica para mim, como é que acontece?

C: As crianças já aprendem, já nasce acho que aprendendo a dançar é Samba mermo (risos).

P: Ah, o Samba então é mais fácil?

C: É diferente.

P: É diferente né?

C: É diferente.

P: É assim, hoje é com esse grupo...

C: Porque as agora não dança nem Samba é Caxambu, eles já dança Samba.

P: Já dança Samba né. E a senhora acha que as crianças lá do Salgueiro gostam do Caxambu?

C: Elas tão gostando, nós ensina, nós ensina “não é assim não! Não é Samba não, é Caxambu. Caxambu é assim!” E nós ensina a elas. Antigamente ensinava não.

P: Entendi.

C: Nós olhava e sambava - e dançava.

P: Quer dizer, vocês aprenderam observando.

C: Observando, isso mermo.

P: Não teve ninguém que foi lá ensinar para vocês?

C: Não, não podia nem entrar na roda.

P: Ah, entendi.

C: Só olhava, olhava e aprendia.

P: Certo. E a senhora acha que existe alguma ameaça para o Caxambu, assim, digamos?

C: Agora?

P: É.

C: Não, não tem ameaça não. Nós agora tem que prestar atenção em Sambar.

P: É, né? A senhora acha que a questão da religião não é uma ameaça para o Caxambu? Acho que religiões Evangélicas, alguma coisa desse tipo?

C: Não, isso agora... Agora não se mexe, não mexe não.

P: Ninguém implica não.

C: Ninguém implica não. A pessoa agora tá aprendendo, ela tá aprendendo a dançar, mas é....é Caxambu mermo, por natureza mermo.

P: Entendi. E além do Caxambu, a senhora é do Samba, né? A senhora gosta do samba?

C: Gosto. Gosto que eu já sei Samba mermo.

P: E a senhora é da escola de Samba? Já foi?

C: Já fui.

P: Já foi da Vila Guarda?

C: Já fui das Baianas.

P: Ah, saiu na ala das Baianas?

C: É, saí na ala das Baianas.

P: Ah, sabe das coisas, hein?

C: Ah sei. Já sei (trecho incompreensível) do Caxambu.

P: É né?

C: Eu já vou rodando, vou rodando, já aprendi igual o Caxambu.

P: Certo. O que a senhora, a senhora desse grupo agora, a senhora é a presidente, né?

C: Eu sou, né? Tem que olhar as meninas, falar com as crianças, as crianças, eu fico olhando as crianças “não é assim não. Não é samba não. É Caxambu.”

P: Então, quando vocês se reúnem, quando tem as reuniões lá do grupo do Caxambu, a senhora é que fica avaliando se a dança, se está tudo sendo feito de acordo com o que tem que ser...

C: É (trecho incompreensível) porque elas já sabe né.

P: Sim.

C: Aí já sabe, quer dizer que não vai muito explicar, as mocotonas velhas já sabe, e as crianças, a gente fica só olhando também, e elas fica olhando pra gente e já vai aprendendo.

P: Entendi. E esse grupo de agora, a senhora sempre fez parte dele, ou a senhora foi chamada por alguém pra participar?

C: Não, não, não, não. Eu sempre fiz parte desse grupo.

P: Desse grupo agora.

C: É.

P: Aí, antigamente, eu lembro que eu vi um vídeo que tinha o grupo do Sr. Geraldo, a senhora já fazia parte desde daquela época?

C: Já fazia parte desde daquela época.

P: Entendi. E a senhora, assim, depois de adulto, a senhora começou a dançar o Caxambu quando? Com o Sr. Geraldo ou antes? Ou a senhora sempre dançou?

C: Não, com o Sr. Geraldo.

P: Com o Sr. Geraldo.

C: Continua com o Sr. Geraldo muito tempo.

P: Entendi. O que a senhora acha que esse grupo do Caxambu quer passar de mensagem para as pessoas? Quando vocês se reúnem para dançar, que mensagem...

C: Não precisa reunir, quando vai fazer a roda, nós já sabe nosso ritmo.

P: Certo, mas que tipo de mensagem vocês querem passar para as pessoas?

C: Ele fala assim, “hora do Caxambu” a gente já sabe, minha filha.

P: Sim.

C: A gente já sabe a oração, a gente já sabe, já sabe.... nós já tão calejado, que nós já sabe a hora da...o menino fala lá com a gente, nós já fica no perfil certo, já, nós já faz a dança....a oração, nós já vai pedir a bença ao tambor, licença ao tambor, cada um já tá no esquema, as crianças também já vê a gente fazer, já vem atrás também já fazendo.

P: E tudo isso que vocês fazem agora é igual ao que fazia antigamente?

C: Que fazia antigamente, o ritmo é um ritmo só.

P: Certo.

C: Não pode sair do ritmo.

P: Esses pontos que vocês cantam agora são os pontos de antigamente?

C: De antigamente, antigamente. Os pontos de respeito, com muita coragem e com muito respeito.

P: Com muito respeito, principalmente. E os avós da senhora, os tios, as pessoas mais velhas da senhora, todas dançavam Caxambu? Da sua família?

C: Dançava, dançava. Chega tem que ter respeito, se não tiver respeito minha filha você sai com uma dor de cabeça ..então sai fora.

P: Certo. E a senhora acha que para que continue tendo essas rodas de Caxambu, o que precisa ter, para que isso nunca acabe?

C: É o respeito, é o respeito, fazer a oração, o respeito, ter a curta direitinha, a roupa direitinha, se benzer, fazer essa oração. No caxambu é o respeito, tendo o respeito...

P: Aquilo vai durar avida toda.

C: Dura, dura.

P: Sim, sim. E me diz uma coisa aqui. Para uma pessoa que não conhece o Caxambu, se pergunta assim para a senhora: Tia Celina, explica para mim o que significa o Caxambu? O que é que a senhora falaria?

C: O Caxambu significa muita coisa. Primeira coisa é a oração. A oração e o muito respeito. Certo? A oração e o respeito. Não se deve abusar, Tá entendendo?

P: E a senhora quando está dançando, a senhora sente o quê? A senhora se sente livre? A senhora acha que a senhora está próxima dos seus antepassados?

C: É isso, isso mesmo. Você sente alguma coisa. Eu sinto um arrepio.

P: Uma ligação, né?

C: É. (trecho incompreensível) os astrais tá ali perto da gente também.

P: Porque assim, eu quando volto ao Salgueiro, eu me sinto como se eu estivesse voltando para a minha casa.

C: É, é. Sente, porque eles tão ali junto com a gente também.

P: Sim.

C: Participando do do... da nossa adoração, das nossas coisa, a gente sente, sente.

P: Então é uma ligação com os ancestrais.

C: É, justamente, por isso o cara não abusa, porque se abusar...

P: Entendi, entendi. Mais o que eu posso perguntar para a senhora? As rodas de Caxambu, elas acontecem em datas específicas, não é isso?

C: É, é, é.

P: Então, assim, é quando tem o dia de algum santo, uma festividade ..?

C: Isso, isso. Tudo no respeito.

P: Certo. A senhora sabe o que significa patrimônio?

C: Patrimônio...é que nem a gente... Patrimônio...minha filha....

P: O que que a senhora acha que seja ... O que significa patrimônio? Por exemplo, o Caxambu é um patrimônio cultural.

C: É um patrimônio cultural.

P: Certo. O que que a senhora entende como patrimônio?

C: Ihh, meu Deus!

P: A gente poderia dizer que o Caxambu é uma herança que deixaram pra gente?

C: É uma herança.

P: A senhora entende dessa forma?

C: Eu entendo dessa forma. É uma herança espiritual.

P: Certo, então assim, os nossos avós foram passando para os nossos pais, que foram passando pra gente e a gente vai passando.

C: Justamente. É que nem uma colega minha disse que foi lá na pedra lá onde foi...onde teve os mortos que morreram, que (Trecho incompreensível) morreram, né? Não, não, não. A central, em algum lugar. Ela disse sentiu mal que ficou caminhando, que tem pouco cabelo, que ela sentiu mal, foi pro hospital que ela chegou lá, ela sentiu mal, sentiu mal por causa de quem? Ela sentiu. perante os mortos que tava lá.

P: Sofrimento, né?

C: É, de ver o sofrimento ela passou mal.

P: Certo. E a senhora conhece a pessoa mais antiga que a senhora conhece no Salgueiro? A senhora saberia dizer o nome se é a pessoa de mais idade?

C: Ah. mais idade, é eu conheci minha cumade Lurde.

P: Sim. De Caxambuzeros antigos que participavam desses grupos, quais os nomes que a senhora diria?

C: A Dona Stefânia agora eu não me lembro.

P: Certo. A Dona Stefânia foi uma grande Caxambuzera.

C: Foi uma grande Caxambuzera, é isso aí.

P: Certo. A senhora tem uma boa relação com esse grupo agora, esse grupo recente que é o que tá movimentando o Caxambu?

C: Tenho.

P: Os meninos, os mais novos, a relação da senhora é boa?

C: É, é, com os dois meninos, aliás com todos, com todos eles, eles me respeita, com todos eles.

P: Porque a senhora é a matriarca do grupo, né? É, com todos eles, todos eles me respeita, me trata muito bem. Entendi.

C: Me trata muito bem, todos eles, não tenho nada a dizer.

P: Então eu acho que a gente....é basicamente essa então, assim, os seus pais, eles nasceram no Salgueiro também, eles eram Caxambuzeros.

C: É, a minha avó foi ca....como é que fala? Minha avó foi Caxa...

P: Caxambuzeira

C: Caxambumzera.

P: Não, dançava Caxambu.

C: É, dançava Caxambu.

P: Como é que é o nome da avó?

C: Batistina, Batistina.

P: Era avó materna.

C: É.

P: Então, na verdade, antigamente...

C: É paterna.

P: Ah, paterna. O Caxambu era uma cultura que todo mundo sabia.

C: É, é, ela tinha uma saia grandona, (trecho incompreensível) nos pés, até hoje eu tô vendo. Vi em vida.

P: Fala aí da sua avó, como é que era?

C: Ela cozinhava no fogão de lenha. Ela tinha uma saia...vi em vida, mas não quero ver em morte. Era saia grandona, ela cozinhava no fogão de lenha. Ela falava assim pra minha tia “ô Rute, Antônio, Antônio, deixa a Celina. Não bate nela não” que eu mijava na cama (risos ao fundo). Ela falava, “não bate nela não, deixa ela subir.” Morava no porão. ela não gostava que ele, meu pai me batia. Aí subia.

P: Vó é bom, né? Minha avó também não gostava que a minha mãe batesse na gente, não.

C: Aí botava pra eu dormir no meio dela, dormia na frente, a minha tia dormia assim, eu dormia no meio. “Não bate nela, não!” Aí tirava a minha roupa camisola, dormia de camisola, camisola comprida, né? Aí me botava pa dormir, eu dormia no meio delas (trecho incompreensível).

P: E a sua infância no Salgueiro foi uma infância boa?

C: Foi.

P: A senhora está lembrança, tem saudades daquela época?

C: Eu tenho. Tenho, tenho que a gente não ficava jogada, ficava muito no meio da vovó, ficava muito...

P: Certo.

C: Aí meu pai saía pra trabalhar, e ela ficava tomando conta de mim.

P: Entendi. E me diz uma coisa, tem algum canto de Caxambu assim, qual que a senhora mais gosta, que a senhora pode cantar um pedacinho pra mim? (Pessoa ao fundo incompreensível).

C: Ihh, minha filha, cê sabe que eu não alembro. Eu não alembro.

P: De nenhum canto?

C: Não alembro. Só não lembro. Só me lembro (trecho incompreensível) a mulher dançava.

P: Certo. Mas de agora, recentemente, quando esses pontos que os meninos cantam, tem algum que a senhora gosta?

C: **Ô** Tia Guida. Ô Tia Guida. A calça de cimenteiro está ruída. Não mexa comigo não, eu sou mais da (trecho incompreensível) de agulha é essa, (trecho incompreensível).

P: Certo. Então quer dizer, e a senhora, o Caxambu, qual é a importância que a senhora acha que o Caxambu tem na sua vida?

C: O Caxambu, pra mim, todos eles, a coisa.

P: Certo. A senhora gosta de ser Caxambuzera?

C: Eu gosto porque...é...fui criada ali também. Companho sempre eles, certo? Me chamam, companho sempre eles.

P: Entendi. Então, Tia Celina, eu acho que é basicamente isso. A senhora falou um pouquinho da sua mãe, dos seus pais, da sua avó, da sua infância, de como que a senhora aprendeu a dançar

o Caxambu, de como é que vocês ensinam para as crianças, do que é importante ter, né? Respeito, sempre respeito com a cultura.

C: Isso, e sempre eles têm respeito comigo. Olha, que bonito ali! O respeito que eles têm comigo. Não gosta que eu pego peso, pra andar assim eles me dão a mão, eles têm muito respeito, isso também...

P: É porque a gente precisa cuidar dos nossos mais velhos, né?

C: É...

P: Na verdade a cultura...

C: O que eu falo com eles, eles me escuta, tá vendo? Eles me escuta.

P: Inclusive amanhã é dia do Jongo, né? Dia de Santana. É amanhã, dia do Jongo, porque eles fazem uma associação com o dia dos avós. Porque o Jongo, na verdade, é uma cultura que foi passada dos mais velhos para os mais novos. Então é por isso que a gente tem cuidado com os mais velhos.

C: Eles me escuta, tudo que eu falo. Eles quando que pegar alguma coisa, eles fala comigo. Aí eu só digo sim, sim, não, não.

P: É porque na verdade vocês têm muito poder, né?

C: Se eu ficar em pé, eles põe a cadeira onde que for, lá na praça lá.

P: Pra senhora sentar, mas tá certo. Está certo.

C: Eles não deixam eu em pé.

P: Mas está certo.

C: Eles (trecho incompreensível) respeitam.

P: É uma pena, eu acho que seria muito melhor se todo mundo valorizasse a sabedoria dos mais velhos, porque, na verdade, o mundo está tão perdido, e se a gente não ouvir os mais velhos, a gente acaba não aprendendo muita coisa. E aí...

C: Até minha filha me respeita, se eu tiver em pé, até no ônibus, em qualquer lugar que eu tiver ela apanha uma coisa pa mim sentar, deixa eu ficar em pé.

P: Tá certo. Tia Celina, pra não cansar muito a senhora, eu vou encerrar a gravação que é da entrevista porque eu já terminei as questões.

ENTREVISTA COM GUARACI SILVA (TIA NINIKA)

Identificação: N – Ninika

P - Pesquisadora

P: Por favor, qual o seu nome, a sua idade e o seu local de nascimento?N: Eu sou do Morro de Salgueiro, meu nome é Guaraci Silva eh...fui nascida aqui no morro do Salgueiro.

P: Certo.

N: A idade tá aí, vou fazer 80 anos, 79!

P: Está ótimo! Nos conte um pouco sobre a sua família, seus pais, se você tem filhos?

N: Não, eu tenho um filho, tenho um neto, tenho um bisneto.P: Seus pais são daqui?

N: Não, meus pais era daqui do Salgueiro, mas já faleceram há muitos anos. P: Certo. Qual é a sua relação com a cultura do Caxambu?

N: Eu adoro. Sempre gostei.

P: É? Mas qual a importância que a senhora atribui ao Caxambu?

N: A importância que eu tenho é que eu adoro e me faz bem.

P: Sim. Ai que bom! Que pessoas a influenciaram ou serviram de inspiração para dançar o caxambu?

N: Tem muita rente que gosta, tem uns que já não gosta, né?

P: Sim

N: E as crianças, quase não vai criança. Tem criança que as mãe não deixa.

P: Sim, sim.

N: Né?

P: Mas quando a senhora aprendeu o caxambu, foi criança?

N: Eu aprendi criança.

P: Mas aprendeu vendo alguém? N: Aprendi vendo alguém.

P: Vendo os mais velhos.

N: É.

P: Escondido, né?

N: Escondido (risadas), porque naquele tempo a gente não podia porque era proibido.

P: Entendi.

N: Então eu ia nas festas, meu pai dançava, aí eu ficava assim na...eles tudo assim, armando pá dançar, e eu ficava ali no meio escondidinho eu e minhas amigas.

P: As crianças eram curiosas nessa época, né (risadas)?

N: Ali em cima na Dona Stefânia a rente já entrava, ela deixava a rente entrar e sentar. P: A minha mãe era vizinha de Dona Stefânia.

N: Ah é!?

P: Eh, Caxambu que ela conta pra mim é do que ela via na Dona Stefânia.

N: Éh, da Dona Stefânia. Aí a rente entrava, aí Dona Stefânia botava a rente tudo sentado assim pra ver os mais velho dançar.

P: Ahh, então olha que legal!

N: Aí ali eu aprendi.

P: Então, a minha Avó morava acima da casa da Dona Stefânia, chamava Dona Frô.

N: Ué! Você é neta de Dona Flor!?

P: Sou neta de Dona Frô.

N: Gente!

P: A minha mãe se chama Rilza, era filha mais velha de Dona Frô, eu sou sobrinha do Mazinho, da Regina, da Florzinha da Dadá. Olha isso olha, como é a coincidência, eu nasci aqui no Salgueiro. Onde a minha Avó morava tinha uma pedreira em cima.

N: Tinha, tinha.

P: Eu me lembro dessa pedreira! Então bora lá. A senhora já respondeu a importância que a senhora atribui ao Caxambu... AP: Como a senhora define a dança do Caxambu aqui do Morro do Salgueiro?

N: É... defino bom.

P: Mas em relação a outras danças que a senhora conhece, o que tem de diferente? É igual ao que tem em outras comunidades?

N: Não, a rente dança diferente, né? A rente dança diferente, como da Serrinha. A gente não dança igual da Serrinha. A único, caxa de jongo que tem que a gente não dança igual, é a da serrinha.

P: Sim.

N: Porque o resto a gente dança.

P: Mas a senhora acha que o Caxambu que vocês dançam aqui é parecido com o que tem em outros lugares, sem ser dessa região?

N: Não, não, não.

P: Cada um tem a sua forma. Cada um tem sua...seu jeito de dançar, né? Entendi, entendi.

P: Como a cultura do Caxambu vem sendo desenvolvida, aqui no morro ao longo de todos esses anos, desde quando a senhora era criança até hoje? Como é que isso tem acontecido? Sempre aconteceu?

N: Sempre aconteceu. É que passou já muitos ano, aí parou. Aí parou o caxambu, ninguém falô mais nada.

P: Entendi.

N: Aí surgiu o Rogerinho. Aí ele foi e me chamou. “Dona Ninika, o Caxambu não tem mais, né? Acabô.” Eu falei, não, não tem mais não.

P: E esse Rogerinho era quem? Ele era...?

N: Ele era do outro Caxambu, antes do...desse menino do Galiel.

P: Ah, entendi.

N: Aí eu falei, ah então tá bom, então cê fala lá...a senhora fala lá com Dona Dorinha, fala com o fulano, fala com Cicrana, aí eu fui falando, aí a rente tornou o Caxambu.

P: Então na verdade ele foi reunindo as pessoas pra juntar um grupo.

N: Ele foi.

P: Certo. Como se dá hoje em dia a transmissão desses saberes e dessas culturas do Caxambú? Hoje em dia vocês fazem isso como? Ensinam como?

N: A gente ensina dançando, dançando, cantando.

P: E aí quando vocês ensinam para as crianças, vocês ensinam como vocês aprenderam?

N: Como a gente aprendeu.

P: Ok...

N: Porque a gente não pode aprender e ensinar diferente, né?

P: Não teve nenhuma adaptação não?

N: Num teve não.

P: Ok. A senhora percebe a existência de alguma ameaça para a manutenção dessa cultura aqui no Morro?

N: Não.

P: Não, né?

N: Não.

P: Que ótimo. P: A senhora participa de alguma outra manifestação cultural?

N: Eu, eu frequento um Centro, que é do meu sobrinho.

P: Sim. Escola de Samba, não?

N: Escola de Samba eu sou velha aguarda (risadas).

P: Também da velha aguarda, ah tá certa. É isso aí. Na percepção da senhora, o que a cultura do Caxambu representa para os moradores daqui do morro?

N: É o que eu digo, cada uns gosta, o outro já não gosta, né?

P: Sim, sim

N: Os que gostam vão apreciar.

P: Entendi.

N: Aí gosta às vezes qué entrar, e outos já não gosta.

P: Entendi. Qual a relação da senhora hoje com esse coletivo, o atual, esse coletivo, grupo... Quer dizer, na verdade eu chamo esse grupo hoje de coletivo, eu não sei se é esse o nome que tem.

P: A relação da senhora com esse grupo, qual é? Assim, a sua relação com esse Caxambu agora?

N: Ahh, é relação boa.
P: Boa, né?
N: Todo mundo são amigo do Caxambu.
P: Entendi.
N: Tá me entendendo?
P: A senhora entrou nesse grupo desde o início, ou a senhora foi convidada para participar do grupo? A senhora foi uma das que formou o grupo, ou foi convidada para participar do grupo?
N: Eu fui convidada, como eu, como a minha irmã.
P: Já existia um grupo e vocês foram chamados?
N: Já existia, eles chamaram, aí a gente fomos.
P: Tá ótimo.
N: E aí Rogerinho já não fazia mais parte.
P: Então na verdade esse grupo de agora, ele se inspirou nesses grupos antigos...
N: Antigos, é.
P: E aí foi trazendo gente de vários lugares.
N: De vários lugares.
P: Ehh, a hierarquia já foi. Que mensagem esse grupo quer passar para os moradores, na visão da senhora? Qual é a mensagem que o Caxambu quer passar para os moradores aqui do morro?
N: Ué, as pessoas se gostam, as pessoas participam também, aí também tem que gostar né?
P: Mas a senhora acha que esse grupo quer passar pra essas pessoas essa questão da tradição cultural, da importância?
N: O que a gente aprendeu, a gente tá passando pra crianças.
P: Sim. Mas de forma que eles percebam a importância que essa cultura tem... Então tá. Qual é a compreensão da senhora pelo termo patrimônio? O que a senhora entende como patrimônio?
N: Eu não entendo nada.
P: Não!? Segura aqui pra mim.
N: Segura aí.
P: Então vamos lá. Que ações a senhora entende que são necessárias para que continue tendo essa cultura do Caxambu aqui no Morro do Salgueiro? O que é preciso acontecer para que isso melhore?
N: É...pá entrar mais pessoas, né? Aí seguir a frente.
P: Sim.
N: Mas o pouco que tem já...
P: Mas a senhora acha que se tiver ajuda, ...
N: Se tiver ajuda!
P: Se tiver repercussão, se tiver governo, isso tudo vai melhorar?
N: Vai, vai melhorar o Caxambu. Se tiver, né (risos).?
P: Se tiver, mas o jeito que está também está bom.
N: Está! Está ótimo.
P: Então está ótimo. Vocês já estão fazendo coisa à beça, né?
N: Ohhh (risos).
P: Que mensagem a senhora deixaria para o grupo, para os moradores e para as pessoas que, assim como eu, têm interesse na... Vou repetir. Que mensagem a senhora deixaria para o grupo, para os moradores e para as pessoas que, assim como eu, têm interesse no Caxambu?
N: Vai apreciar. Se gostar, pode entrar...que a gente tá lá pra ensinar, ensinar o canto, ensinar a dança.
P: Vocês estão disponíveis, dispostos a ensinar para quem quiser aprender. E não é necessário ser daqui, ter...

N: De qualquer lugar!

P: Qualquer pessoa que vem aqui...

N: Qualquer pessoa que vem pode entrar.

P: Ah, legal. E essa última pergunta, que na verdade não está aqui, mas eu estou fazendo. A senhora acha que tem importância um trabalho como esse que eu estou fazendo?

N: Tem.

P: Tem, por quê?

N: É... uma entrevista boa, né? Porque aí a pessoa vai, entrevistou a gente, vai fazer um livro ou fala depois, né?

P: Sim, sim. Então é importante que isso saia aqui do morro.

N: É importante que caia aqui no morro.

P: Então é isso. Acabamos a sua entrevista.

N: Só? Risos

ENTREVISTA COM CELESTE PINHEIRO (TIA CELESTE)

Identificação: C – Celeste

P - Pesquisadora

P: Por favor qual o seu nome, idade e local de nascimento?

C: Meu nome é Celeste Pinheiro, nascido aqui no Salgueiro mesmo.

P: A senhora tem quantos anos?

C: 79.

P: Nos conte um pouco sobre a sua família, seus pais, se tem filho, tem neto?

C: Eu tenho. Olha, eu fui dona de casa muito cedo, 13 anos de idade eu perdi a minha mãe aí fiquei com o meu pai e, eu tenho um irmão mais velho do que eu.

Ele mora em Niterói, é Marinheiro, ele lá com a família dele está bem graças a Deus, e ele era o mais velho depois d'eu na época, aí abaixo de mim tinha um casal uma irmã 13 anos e um irmão 6 anos. Entendeu? Eu criei!

P: Os seus irmãos.

C: Criei. Meu irmão de 6 anos ele me chamava de mãe, falava que eu era a mãe dele e tal. Mas foi tudo bem, graças a Deus tive um pai maravilhoso. Depois de algum tempo aí meu pai arranhou uma madrasta para a gente. Mas a gente era tudo criança aí na época né!? Aí o pessoal falava assim: Cuidado com madrasta... E naquele tempo era um terror, então a gente tinha pavor, ela chamava-se Júlia (a madrasta) e aí ela veio morar aqui em casa. Quando ela botava as mãos assim nas coisas que eram da minha mãe, eu era pior na época e eu quase avançava em cima dela, a gente era criança e as outras pessoas: Cuidado com ela! O pessoal mais adulto, né!? O tempo foi passando, fomos acostumando com ela, e depois fomos ver que ela era uma pessoa maravilhosa. Tem muitas mães que nem chegam perto da minha madrasta.

P: Que bom.

C: Ela terminou de criar a gente, meus irmãos. Agora só mora eu aqui no Salgueiro, meu irmão mora em Niterói, eu moro aqui e os outros dois já faleceram.

P: A senhora nasceu e criou aqui.

C: Nascida e criada aqui, nesta casa só que na época era de estuque. Entendeu?

P: Entendi. E a senhora tem filhos?

C: Tenho dois.

P: Netos?

C: Neta e os dois garotos são bisneto.

P: Que legal!

C: Eu tenho oito- Andressa! Quantos bisnetos e netos eu tenho Andressa? É... acho que é 9, é 8 netos e 9 bisnetos.

P: Ohh, que família linda hein! Nos fale sobre a sua relação com a cultura do Caxambu.

C: Ah, para mim é maravilhosa. Adoro.

P: Desde quando a senhora conhece o Caxambu?

C: Olha, eu conheci quando eu era pequena ainda, porque a Jaquelina ela é minha prima então somos parentes, a tia dela é minha tia também entendeu? Nós conhecemos na época entendeu?

P: Ah que legal! Que pessoas influenciaram a senhora para dançar o Caxambu?

C: Eu adorei, quando eu era mais nova eu vi a minha tia fazendo aquilo, gostei e fui.

P: Ah, então a senhora viu e disse quero fazer também. Qual é a importância que a senhora atribui a cultura do Caxambu?

C: Ai, eu acho maravilhosa aquela cultura negra, aquela coisa assim eu acho maravilhoso

P: Ah que bom! Como a senhora defini o Caxambu do Morro do Salgueiro.

C: É bom.

P: A senhora conhece outros grupos ou, tem alguma característica do Caxambu daqui que seja única?

C: Não, eu nunca notei não.

P: Como a cultura do Caxambu vem sendo desenvolvida aqui no morro ao longo do tempo?

C: Ah, é muito boa. A gente vê que até criança já gosta e já entra.

P: Sim, eles já interessam não é!? Como se dá atualmente a transmissão da cultura? Vocês hoje em dia ensinam de que forma? Porque a senhora aprendeu olhando, não é?

C: Sim olhando. E as crianças agora tem que botar para dançar.

P: Então vocês fazem um trabalho com as crianças, ensinando-as, certo? E a senhora dança Caxambu?

P: Que mudanças a senhora acha que aconteceram, da época que a senhora era criança e para o Caxambu de hoje?

C: Eu não acho que teve mudanças não.

P: Hoje vocês ensinam da mesma forma que era no passado?

C: Sim da mesma forma que nós aprendemos, né!?

P: E a senhora percebe a existência de alguma ameaça para acabar com o Caxambu?

C: Não, não existe não.

P: Que bom! Além do Caxambu, a senhora participa de alguma outra manifestação cultural? Se sim, qual?

C: Salgueiro...

P: Todo mundo disse que a senhora era da velha guarda.

C: Sou uma das diretoras da velha guarda, hahaha.

P: Olha! Só estou conversando com gente graúda, hahaha.

C: Faço parte da diretoria.

P: Certo. Na percepção da senhora o que a cultura do Caxambu representa para os moradores do Morro do Salgueiro?

C: Olha... representa uma coisa muito boa, eu queria que todos se encaixassem. Seria uma coisa muito boa.

P: Entendi. Qual é a relação da senhora com o atual coletivo do morro Caxambu?

C: Maravilhosa!

P: A senhora entrou nesse grupo atual ou, a senhora foi uma das pessoas que organizou o grupo? Porque me contaram que teve uma reunião e as pessoas foram sendo convidadas.

C: Isso, isso.

P: Então a senhora estava na reunião ou a senhora foi convidada?

C: Eu já estava na reunião.

P: Então a senhora é uma das pessoas que organizou, não é!?

C: Eh...

P: Esse coletivo atual ele se inspirou no que? A senhora sabe me dizer? O que levou esse grupo a se unir para formar hoje, o Caxambu do Salgueiro?

C: Esse Caxambu na verdade já era antigo, ele era do Rogerinho então foi entrando mais gente, tá me entendendo?

P: Sim. Então na verdade a inspiração para esse grupo atual foi o Rogerinho?

C: Sim.

P: E esse Rogerinho ainda é vivo?

C: É...

P: É fácil de achar ele?

C: Olha, o Rogerinho sabe onde eu vejo ele sempre...

P: Porque seria importante eu conversar com ele.

C: Ele é taxista lá no Mundial (mercado)

P: Mas ele mora aqui no Salgueiro?

C: Não, já morou. Ele é maravilhoso, leva a gente pra passear, pra tudo quanto é lugar. P: Pois é, seria importante eu falar com o Rogerinho, mas vamos lá. Existe alguma hierarquia nesse grupo esse atual?

C: Não.

P: Todo mundo ali tem a mesma importância, não é?

C: todo mundo tem a mesma importância, todo mundo é igual.

P: Todo mundo igual, isso é importante. Que mensagem esse grupo de agora quer passar para os moradores? Quando vocês se reúnem, quando vocês se apresentam, o que que vocês querem que a comunidade veja com isso?

C: Que eles vejam a importância e que se unam a nós.

P: Qual é a compreensão da senhora pelo termo “patrimônio”? O que que a senhora acha que significa patrimônio?

C: Patrimônio? O patrimônio é meu povo daqui, tá me entendendo? Todo mundo me trata bem, a minha casa que foi Deus que me deu, meus netos, meus bisnetos, meus filhos.

P: Tudo de bom, não é!?

C: Tudo de bom.

P: Ai, que beleza!

C: Tenho 2 filhos, mas nenhum mora aqui.

P: Que ações que a senhora entende que são necessárias para que cultura continue sendo mantida aqui no morro? O que não acontece ainda, mas que seria importante que acontecesse para que isso não acabasse?

C: União.

P: União dos moradores, de todo mundo, não é? Porque chegou uma época que ficou paralisado, não é? E aí vocês retomaram, então para que isso não aconteça de novo...

C: Isso.

P: Perfeito. Que mensagem a senhora deixaria para o grupo, para os moradores e para pessoas que assim como eu, tenham interesse no tema do Caxambu?

C: Ah siga nós, viu? Venham com nós, é maravilhoso, hahaha.

P: E a última pergunta é: a senhora acha que um trabalho como esse que eu estou fazendo é importante? Por quê?

C: Sim. Porque mais pessoas vão ver, aquela coisa toda, está me entendendo? E vão ficar curiosos.

P: Então levar o Caxambu para fora do morro do Salgueiro é uma coisa importante?

C: Com certeza, com certeza.

P: Ah está bom então, acabamos!

ENTREVISTA COM SEBASTIANA RODRIGUES (TIA TANINHA)

Identificação: T – Taninha

P - Pesquisadora

P: Por favor, qual o seu nome, idade e local de nascimento?

T: Meu nome é Sebastiana Rodrigues, mas sou tratada como tia Taninha, sou nascida e criada aqui no Salgueiro tá, tenho 76 anos, data de aniversário é 20 do 01 de 47.

P: Nos conte um pouco sobre a sua família, seus pais, seus filhos?

T: Ah, eu... Pai eu não conheci, quando meu pai morreu eu tava com 1 ano, ele me viu, mas eu não tenho lembrança dele, e minha mãe veio de Minas Gerais pra cá, acabou de criar os filhos dela aqui porque, meu irmão...eu e meu irmão mais novo que somos os caçulas somos carioca, mas o resto deles é gente mineira.

P: Sim.

T: Minhas irmãs são mineiras, eram mineiras. Então...mamãe acabou de criar elas aqui no morro. Primeiro veio pra cá, aí não deu certo aqui, meu pai não se deu bem aqui no Salgueiro, fomo morar no morro da Formiga nein, não, no tempo do...não sei se é o tempo do Taioba...o bonde Taioba, que não tinha bonde direito aqui no Rio.

P: Sim.

T: Aí foi um bonde Taioba que a gente tinha que entrar com a mala. Móvel era só uma malinha que tinha nossa roupa, não tinha mais nada. Aí passamos lá pelo Sumaré, pra morar no Morro da Formiga. Ficamos lá um tempão, mais ou menos assim uns quatro, cinco anos. Aí foi onde meu pai voltou pra cá pro Salgueiro de novo. Aí comprou um barraco com Dona... Falecida Dona Cota, a Dona Cota...você não lembra de dona Cota não, Vó Cota, chamava ela de vó Cota. Aí minha mãe comprou um Meu pai juntou um dinheirinho comprou um barraquinho lá com Dona, aí voltamos pro Salgueiro de novo né. Eu nasci aqui, mas aí teve um problema minha mãe foi morar lá, mas depois minha mãe não gostou de lá, o negócio era aqui no Salgueiro. Minha mãe veio pro Salgueiro, minha mãe começou a produzir, aí começou a criar porcos. É onde nós firmamos aqui.

P: Entendi. E a senhora tem filhos, tem netos?

T: Tenho, tenho 3 filhos. 3, a uma é formada em professora, a Adriana é comerciante, que é a caçula e o meu filho do meio trabalha na Rio Luz, funcionário municipal.

A: Certo.

T: Eu sou funcionária pública aposentada.

A: Ohh, que beleza. E netos?

T: Tenho 9, eu tenho 5 netos e 4 bisnetos.

A: Nossa, que beleza.

T: Total é 9, né?

AP: Certo.

T: Isso.

P: Nos fale sobre a sua relação com a cultura do Caxambu?

T: Ah, a cultura do Caxambu é essa que você sabe, a gente dança...

P: Desde quando a senhora pratica Caxambu?

T: Ah, desde que voltou, ele era que tinha parado, né?

P: Sim.

T: Aí quando voltou, nós firmamos.

P: Mas a senhora é Caxambuzeira dessa última, desse último grupo, não tem experiência de Caxambu antigo assim, de quando era criança?

T: Não, não, só via, só via, não, não participava não, só assistia só.

P: Então o que foi que influenciou a senhora fazer parte desse grupo do Caxambu?

T: A dança, foi o tambor, a batida do tambor.

P: Via a apresentação, se interessou e entrou.

T: Isso, entrei, é.

P: Exato. E qual é a importância que a senhora atribui a essa cultura?

T: Boa, né? Boa. A gente aprende, não sabemos tudo, mas aprendemos alguma coisa, né?

A: Sim.

T: E...é gostosa, é gostosa a dança, os cantos, os cânticos....

A: Certo.

T: As amigas, e as meninas.

A: Certo, e como é que a senhora define essa dança aqui no Morro do Salgueiro?

T: Defina assim como? Que entendimento é?

A: No sentido assim, a gente sabe que existem outros grupos de outros lugares a senhora tem experiência com outros grupos de Caxambu que pudesse comparar com o que tem aqui no Salgueiro ou só conhece o do Salgueiro?

T: Não, não, só conheço daqui, daqui.

A: Tá certo.

T: Eu vi falar na, na aquela lá da..da serrinha, né?

A: Sim. Mas não tem experiência?

T: Não, lá não.

P: Certo.

T: Vou visitar, mas...

P: E a senhora participa hoje desse processo de transmissão desses saberes? A senhora ensina essa cultura para alguém?

T: É, se pedir pra me ensinar, eu ensino. Nós vamos gravar agora o nosso CD?

P: Sim. Do projeto, né?

T: É isso, ficamos lá na Lapa gravando, foi muito bom. E toda vez que tem dança eu tô lá, se Deus quiser, Deus deixando eu vou.

P: Certo. Mas a senhora identificaria que a senhora tá ainda aprendendo? Ou assim, porque assim, se a gente pensa que existe um Caxambuzeiro que venha desde...

T: Não, ainda tô aprendendo.

P: Ainda tá na fase de aprender, né?

T: Tô e tô, ainda não sei muita coisa não.

P: Tá bom. Então, tem algumas perguntas que eu preciso pular, já que a senhora é recente do Caxambu.

(Pessoa ao fundo): Não tão recente porque ela participou dos grupos anteriores.

P: Isso, é nesse sentido...

(Pessoa ao fundo): Não só de agora. Eu que sou nova. Ela não, porque ela participou com o Rogerinho.

T: Ah, com...claro, é...

P: Então a sua ligação com Caxambu não é desse último coletivo?

T: Não, não.

P: Ahh é de antiga.

T: Tem até a roupa que ela deu pra gente né? A Láide, Láide é...

P: É porque eu até cheguei a ver aquele documentário do Teá.

T: Isso mesmo, eu pareço, né (risos)?

P: Então, a senhora percebe a existência de alguma ameaça para que essa cultura continue acontecendo aqui no território do Morro Salgueiro?

T: Como assim ameaça? Como assim?

P: assim, falta de interesse, alguém que implique, questão de....

T: Não, não tem não, não tem não.

P: Que bom. Na percepção da senhora, o que a cultura do Caxambu representa para os moradores do Morro?

T: Ê...minha filha, agora esse negócio de igreja, como tem gente na igreja? Aí.. principalmente na minha família, na minha nora, eu queria tanto botar como eu botei Mirela e botei Sofia, que tem aquelas 2 menininha, são as minhas netas, são as minhas bisnetas, elas até pararam de dançar, não quiseram mais. Aí a outra minha neta também queria, mas a mãe é da igreja...

P: Sim.

T: Falou não vai porque é macumba.

P: Mas então a questão religiosa seria uma ameaça.

T: Ah, deve ser, que a gente pede para as crianças aí, as mães falam não vai porque é macumba.

P: Entendi.. é triste né!? É! Bom, qual a sua relação com o atual coletivo Grupo Cultural do Morro do Salgueiro? Quer dizer, quando eu falo coletivo, é esse grupo que se formou a partir de 2013, se eu não me engano, depois que veio pra Caliél, que entrou Tia Celina como presidente, né? É essa nova formação.

T: Como é que é isso aí?

P: Qual é a relação da senhora?

T: Boa.

P: Boa né.

T: Boa.

P: Existe alguma hierarquia nesse grupo? Vocês têm cargos, têm funções diferentes?

T: Não tem não, acho que não tem não...tem é tisoureira que é a Betinha né? E Marcelo e o...como é o nome do outro..? Emerson, né?

(Pessoa ao fundo): Emerson.

T: Eles que são...

P: Porque a Tia Celina é presidente, né?

T: Não. É presidente Tia Celina...? Não, é porque ela é... Dorinha é a mais velha, não tem nada de cargo, não.

P: É como se fosse... Na verdade, como a gente trabalha essa questão da idade, da experiência...

T: Isso, é...

P: Tem uma questão de respeitar os mais velhos do que os mais novos, né?

T: É, não tem nada de presidente.

P: Então a relação é uma relação boa, né?

T: Boa, é boa.

P: A senhora entrou nesse grupo como? A pergunta é: Como se deu a sua inserção neste grupo? Então a senhora foi convidada pra participar desse coletivo? Foi isso que aconteceu ou não?

T: Não, não fui convidada não, eu fui entrando.

P: É porque assim...com outras tias...por exemplo, tem uma tia, eu acho que foi Tia Beth, ela disse que reuniram algumas pessoas e formaram um grupo.

T: Isso.

P: Aí tem gente que diz assim, “ah a minha colega participava e me chamou e eu fui”. Como é que foi o seu caso?

T: Não, eu eu entrei assim, pessoal fazia nas, as brincadeiras, eu entrei dançando. Aí foi onde que eu convidei a minha amiga que Deus levou agora a ela, que sim, fui convidada.

P: Certo.

T: Eu chamei...

P: Então estava acontecendo um movimento e a senhora entrou pra fazer parte.

T: Claro, é...igual quando tem uma roda de samba, de pagode, você chega dançando sambando.

P: Entendi.

T: Cê entra né.

P: É...hierarquia não tem, essa pergunta já fez..

P: Que mensagem a senhora acha que o grupo quer passar para os moradores, e assim para a sociedade de uma forma geral? Quando vocês estão se reunindo com Caxambu, o que vocês querem que as pessoas entendam a partir daí?

T: Ah, mensagem de paz, de amor. Que entra as pessoas com o mesmo sentido né, com os mesmos pensamento de coisa boa.

P: Sim, sim.

T: É isso, coisa boa.

P: Qual é a compreensão que a senhora tem para o termo patrimônio?

T: O que quer dizer?

P: O que a senhora sabe o que é, o que significa, o que que pra a senhora significa patrimônio?

T: Patrimônio quer dizer que cê tem...é é como é que se diz? Vai se apoderar daquilo?

P: Não. Não, não é isso não. Por exemplo, eu estudo patrimônio cultural, o Caxambu, ele hoje é um patrimônio cultural do Brasil. Então são manifestações que foram reconhecidas pelo Estado como importantes para a manutenção daquela cultura. Então hoje vocês fazem o que? Vocês ensinam aos mais jovens para que essa cultura não morra. Porque antigamente as crianças não aprendiam. Se fosse como era antigamente, a cultura já teria morrido, porque as pessoas vão morrendo...aí vão ficando com aqueles saberes e não se transfere.

T: É verdade.

P: Então isso que a gente acaba recebendo é um patrimônio é como se fosse uma herança.

(Pessoa ao fundo): Porque patrimônio né é uma coisa sua. Sua!

(Pessoa ao fundo): você passa pra outros. Então nós que somos descendentes dos primeiros escravizados, a gente tem isso como patrimônio. Então à medida que a gente está dançando, a gente está reproduzindo...

T: Pra outras pessoas. (Pessoa ao fundo): Transmitindo

P: Então na verdade o Caxambu é um patrimônio cultural e material.

T: Eu gostaria que a outras pessoas entrassem também. Viesse mais gente, mais gente.

P: Exato. Então vamos lá. Que ações...a senhora, acho que a senhora acabou até respondendo agora. Que ações a senhora entende necessárias para a manutenção dessa cultura? Seria que as pessoas se interessassem e divulgassem né? TT: Se interessassem mais é é viesse mais nas reuniões, entrasse mais na dança. Sim.

T: Não levasse isso como...tipo de macumba não. É uma dança cultural, né?

P: Sim, sim.

T: Dança cultural.

P: E a última pergunta é: Que mensagem a senhora deixaria pro grupo, pros moradores e pra pessoas que como eu, tem interesse na história do Caxambu?

T: Ah...a mensagem que eu deixo é paz pra todo mundo né? Saúde pra gente, pra nossas pessoas que tão entrando agora e muito amor.

P: Certo. Então quando a senhora põe aquela sua saia que a senhora dança, a senhora tá querendo que as pessoas entendam...

T: Isso é, que as pessoas entendam que nós tamo fazendo uma coisa boa, né?

A: Sim, sim.

T: Transmite paz, na hora da nossa oração, principalmente quando eles pede pra mim fazer oração, quando eu num tô, ela faz também, porque ela também é da igreja. A gente pede né, que que o Manto Sagrado da Nossa Senhora passa na cabeça de todos nós, dá saúde, dá paz pra nossa comunidade.

P: Entendi. Acho que tem uma pergunta que eu pulei, que a senhora falou de oração...aí meu Deus! Além do Caxambu, a senhora participa de alguma outra manifestação cultural?

T: Como assim?

P: Igreja, escola de samba....

T: Escola de samba e na igreja.

P: A senhora é da velha guarda também?

T: Sou velha guarda, sou....

P: E da Igreja Católica.

T: E da Igreja Católica

A: Certo. Essa pergunta não está aqui, mas eu estou fazendo pras pessoas. A senhora acha que um trabalho como esse é importante pra vocês do grupo?

T: Claro, é muito importante sim. Importante pra nós e pa quem chegar e a gente vai deixar, nós vai deixar esse legado, pa futuras pessoas né, as crianças que vão entrar.

A: Então esse legado que a senhora está falando é um patrimônio (risos).

T: É um patrimônio né.

P: E por que eu fiz essa pergunta? Porque na verdade eu comecei ... Eu descobri o Caxambu há muito pouco tempo, há 4 anos, e é tão rica uma cultura que as pessoas não conhecem. E aí quando eu comecei a pesquisar Salgueiro, especificamente, a gente não acha nada escrito, não tem nada escrito.

T: Não tem, né?

P: Por que eu estou fazendo entrevista com vocês? Porque eu não tenho essas histórias registradas em lugar nenhum. Então o meu objetivo é, que se eu puder deixar o registro para que alguém amanhã que se interesse tenha isso pronto....

T: É, se não seria bom se tivesse um livro?

P: Sim, é a ideia. (Pessoa ao fundo): Mas é o propósito dela. Sabe, reunindo, porque se não o que acontece daqui um pouco a gente vai embora e essas histórias se perdem.

T: Se perdem é...

P: E aí tudo que tem a ver com cultura e material que é o caso do Caxambu, tá muito na oralidade, na verdade tá muito na lembrança das pessoas. Então, a senhora diz “ah, a minha tia, eu aprendi com a minha avó”.

T: Eu eu já tô deixando ó, meus retratos do Caxambu pras minhas netas,

P: Então, isso tudo é um legado.

T: Quando eu for . ah, a minha vó, essa aqui era a minha vó que dançava.

P: Sim, sim.

T: A ota minha neta já levou um retrato pra casa dela, a Berinha levou.

P: E nada era registrado antes, então a gente tem que começar a registrar, porque a gente só resgata essas coisas quando estão registradas. Esse trabalho de repente, não, não vou ter tempo de fazer um livro, mas a minha ideia é fazer um livro e trazendo mais informações, trazendo outros Caxambuzeiros, entendeu? Mas então assim, eu tô...a entrevista da senhora eu tô encerrando agora.

ENTREVISTA COM ANGELA REGINA PEREIRA DA SILVA (TIA REGINA)

Identificação: R – Regina

P - Pesquisadora

P: Por favor, qual o seu nome, idade e local de nascimento?

R: Eu me chamo Angela Regina Pereira da Silva. É...data de nascimento, 12 do 2 de 50 né, tenho 73 anos e fui nascida aqui, na comunidade do Salgueiro.

P: Nascida e criada?

R: Isso.

P: Nos conte um pouco sobre a sua família, seus pais, você tem filhos?

R: Tenho 3, agora só tenho um casal, né Se chama Anderson e a menina se chama Andréia, são casados.

P: Tem netos?

R: Tenho netos, tenho um casal da minha filha e dois do meu filho.

P: Nos fale sobre a sua relação com a cultura do Caxambu.

R: Olha, eu gostei muito. O porquê? Porque já vem da minha mãe, né? Que ela também era do Caxambu, dançou muito. Pena que as fotos que tiraram na época já se esvaiu, né? Porque com o passar do tempo. E aí depois veio a minha irmã. A minha irmã entrou primeiro do que eu. Que inclusive dava festa aqui, onde que é esse barzinho aqui do lado, ali era um terreiro, então toda festa de São João no final tinha o Caxambu.

P: Qual era o nome da sua irmã?

R: O nome dela era Ângela de Fátima, ela já faleceu também.

P: Certo. Que pessoas a influenciaram ou serviram de inspiração para dançar o Caxambu? No caso a sua mãe e sua irmã?

R: É, a minha mãe, né, que a minha irmã entrou, aí depois quando a minha irmã já tava já se esquivando aí eu entrei.

P: Mas aí então o seu interesse veio através delas?

R: É, é verdade.

P: Qual a importância que a senhora atribui à cultura do Caxambu?

R: Olha, eu acho assim, é uma coisa fenomenal, né? Eu gosto muito. Eu adoro.

P: Como a senhora define a dança do Caxambu do morro do Salgueiro? Isso com relação a outras que a senhora conheça, se for comparar, o que tem no salgueiro e a de outros lugares, como é que a senhora definiria?

R: Não, essa é diferente, porque as outras que eu já vi são completamente diferentes, não tem o ritmo que a gente tem aqui, né? E as cantigas também são um pouco diferentes.

P: Certo, então a senhora acha que o Caxambu é assim porque tem uma Matriz diferente das outras?

R: Tem, com certeza, eu acho, no meu ver eu acho entendeu? A dança, o bailar do corpo, entendeu?

P: Como a cultura do caxambu vem sendo desenvolvida ao longo do tempo aqui no morro, desde a época que a senhora era criança até agora, como é que isso vem acontecendo?

R: Bom, veio acontecendo assim...teve uma ocasião que deu uma parada aí deu uma sumidazinha, aí depois foi voltando, voltando e agora...

P: E por que foi essa parada aqui? Todo mundo comenta que teve uma parada, mas por que que ocasionou isso?

R: Eu nem imagino, eu acho que as pessoas um pouco ficou desinteressada, ou então não tinha muito o que fazer pra poder levar pra frente, ou não tinha alguém que levasse pra frente, entendeu?

P: Certo. Como se dá atualmente a transmissão dos saberes? É...assim, como vocês ensinam esses saberes e essas práticas da cultura do Caxambu? Isso hoje em dia?

R: Hoje em dia a gente ensina assim. A gente tem a nossa reunião, vai entrando pessoas, crianças vão entrando e ali a gente vai passando para essas crianças que estão entrando, que será nós mais tarde, né? Que a gente já vai se aposentando, aí é assim desse jeito, a gente vai passando pra os que vão entrando.

P: Entendi. E a senhora observa se teve alguma mudança dessa forma, por exemplo, como você aprendeu antigamente e como vocês ensinam hoje tem mudança?

R: Tem. Muita mudança.

P: Quais essas mudanças?

R: Antigamente o Caxambu era mais severo, entendeu?

P: Entendi.

R: Agora é mais liberado.

P: A senhora percebe a existência de alguma ameaça para transmissão, para manutenção da cultura aqui no território? O Caxambu, ele é ameaçado de alguma forma?

R: Não. Eu creio que não porque está expandindo.

P: Entendi. Além do Caxambu, a senhora participa de alguma outra manifestação cultural? Se sim, qual?

R: A Velha Guarda do Salgueiro (risadas). Inclusive, tem ali a foto nossa ali.

P: Na percepção da senhora, o que a cultura do Caxambu representa para os moradores do morro?

R: Olha, eu creio que eles estão muito interessado, entendeu? Porque eles perguntam quando vai ter ou se vai ter e aonde vai ser.

P: E isso vem crescendo?

R: Vem crescendo.

P: Tá ótimo. Qual é a sua relação com o atual coletivo do grupo do Caxambu? Esse pessoal que começou agora.

R: Eu gosto deles, gosto muito deles. São umas pessoas muito amigas, muito amigas mesmo.

P: Certo. Quando e como a senhora entrou nesse grupo, esse coletivo? A senhora foi convidada para participar? A senhora faz parte das pessoas que reúnem?

R: Não, eu já fazia parte né, do Caxambu. Aí essas novas pessoas que entro pra levar a gente pra frente, como nós já éramos do outro que...se afastou, aí nós já entramos....

P: A senhora já pertencia a um grupo de Caxambu?

R: Já, pertencia do Rogerinho.

P: Ah, entendi.

R: Né?

P: E aí o grupo do Rogerinho acabou?

R: Aí ele teve que se afastar, teve que viajar, ficar um período fora, né? Que ele tava lá com os problemas dele. Aí foi nessa época que o Caxambu ficou um pouco meio parado. Aí depois quando entrou o Emerson, o Marcelo, entrou aquele outro... Como é o nome daquela menina? Aquela que tem um filhinho, filhinha, muito aqui em cima Esqueço o nome dela.

(Pessoa ao fundo): Silvia?

R: Não, Silvia não. Ela não mora aqui não. Eu esqueci o nome agora, mas foi eles que né.

P: Não é Carol não, né?

R: Carol, isso!

P: Ela estuda comigo!

R: Isso, isso!

P: Que mensagem o grupo quer passar para os moradores do Morro do Salgueiro e para a sociedade de uma forma geral? Que mensagem que esse grupo do Caxambu, no mesmo momento que vocês criaram esse grupo, qual a intenção de vocês?

R: Ah, contagiar, né? Ohh (risos) isso é muito bom.

P: Qual é a sua compreensão para o termo patrimônio? O que você diz assim Para você, o que é patrimônio?

R: Patrimônio. não entendi muito bem, me explica melhor.

P: Então, o que que é patrimônio para você?

R: Do caxambu?

P: Patrimônio de uma forma geral.

R: Ah, isso aí eu não sei muito bem explicar não, mas...

P: Então, patrimônio na verdade é algo que a gente recebe como uma herança. Essa é a minha visão de patrimônio, então o que é pra Mara tem um outro significado.

R: Aham.

P: Então você entende que o Caxambu é um patrimônio?

R: É. Em termo é.

P: É algo que você recebeu e você está passando adiante.

R: Isso, isso.

P: Que ações a senhora entende que são necessárias para que a cultura do Caxambu continue acontecendo aqui no Morro?

R: A compreensão de todos né, e a participação.

P: Entendi.

R: Entendeu?

P: Que mensagem a senhora deixaria para o grupo, para os moradores e para pessoas que, como eu, tenham interesse no Caxambu?

R: Que venha nos visitar sempre e participem com nós (risos)!

P: Ah, tá ótimo. E a última é: a senhora acha que é importante um trabalho como esse que eu estou fazendo? Por quê?

R: É, muito, muito.

P: É? Mas por quê?

R: É.. porque você tá colhendo né, material verdadeiro do Caxambu.

P: Bebendo da fonte. Isso aí. Então está ótimo.

ENTREVISTA COM ROSA MARIA DE AQUINO (TIA ROSINHA)

Identificação: R – Rosinha

P - Pesquisadora

P: Por favor, qual o seu nome, idade e local de nascimento?

R: Meu nome é Rosa Maria de Aquino. Vou fazer 70 anos no dia 26 de setembro. Nasci aqui no Morro do Salgueiro.

P: Nos conte um pouco sobre a sua família, seus pais, se você tem filhos, netos.

R: Meu pai é falecido e minha mãe também. Meu pai faleceu e já tem mais de...acho que rwm uns uns 40 anos. E minha mãe faleceu tem 7 anos.

P: E eles eram também do Salgueiro?

R: Minha mãe era de Macuco. Eles eram de Macuco.

P: Certo, até vieram... Vieram para aqui, para o Morro do Salgueiro. Certo. Nos fale sobre a sua relação com a cultura do Caxambu.

R: A minha relação com a cultura do Caxambu é muito boa, porque...antes eu não era do Caxambu, não frequentava Caxambu, mas escutava muitas histórias da minha mãe falando de Caxambu e tal, aí eu soube, porque eu moro aqui, mas eu fiquei um bom tempo morando em Realengo. Aí depois que eu voltei, e aí tinha esse grupo de Caxambu, e eu via as pessoas falando, e um dia eu conversei com a minha mãe, e falei: Mãe, acho que eu vou entrar para o grupo de Caxambu. Mãe falou assim “olha, Caxambu é coisa de respeito, Caxambu tem mistério, não é assim, igual as pessoas entram, então pra entrar tem que ter respeito”.

P: Sim.

R: Aí eu falei: Mas mãe eu vou entrar. Eu gosto da dança, da cultura, aí entrei pro Caxambu.

P: Certo. Que pessoas a influenciaram ou serviram de inspiração?

R: Minha mãe!

P: A mãe né?

R: Minha mãe, meu pai. Porque meu pai era espírita, meu pai era macumbeiro. Quer dizer, então essas macumbas que ele ia, essas coisas, sempre no final terminava com o Caxambu. fazia, essas coisas todas. Então eles me influenciaram, mais tarde, porque antes não, porque antes eu não suportava nada disso. Entendeu? Antes eu era, sabe, contra essas coisas todas.

P: Entendi. Então a própria família foi que plantou a semente do Caxambu.

R: Exatamente.

P: E qual a importância que a senhora atribuiu a essa cultura?

R: Eu acho que a riqueza da dança, essas coisas todas, pra gente deixar, porque é uma coisa que a gente não pode deixar morrer.

P: Sim.

R: Porque é uma coisa dos nossos ancestrais, né? Então se a gente não é...cultivar...

P: Acaba morrendo.

R: Vai Acabar morrendo. Essa é a importância.

P: E como a senhora define a dança do Caxambu aqui do morro do Salgueiro?

R: A dança do Caxambu, a nossa dança, é uma dança diferente, né?

P: Sim.

R: Porque você vai nos outros, nas outras rodas, as rodas são paradas, né? E a nossa roda, a roda ela anda e a gente vai mais...Marchando café.

P: Sim.

R: Então é diferente.

P: Certo.

R: É uma dança diferente.

P: E aí essa diferença seria atribuída ao que? À origem?

R: À origem.

P: As pessoas que vieram...

R: Exatamente, pelos nossos...an

P: Entendi. Como a cultura do Caxambu, se a senhora souber, já que está há pouco tempo, como é que ela vem sendo desenvolvida aqui no morro ao longo desse tempo todo? A senhora tem ideia? Assim, desde o início, porque o que a gente ouviu falar é que sempre teve Caxambu, aí tinha uns grupos aí depois daquilo ficou parado por mais de 30 anos e aí agora...

R: Exatamente, porque antigamente tinha seu Geraldo...muitos centros que tinham aqui, eles tinham um Caxambu, tinha o seu...Oh meu Deus. Tinha muitos macumbeiro aqui, então eles tinham Caxambu deles.

P: Mas o Caxambu só era feito em função dos centros?

R: Só nos centros, exatamente. Depois que ele passou a ser é...diferenciado né, não só no centro, aí tinha era aqui no seu Geraldo.

P: Sim.

R: Que inclusive tem o Pedro e Jorge.

P: Mestre Geraldo, não é isso?

R: Mestre Geraldo é, que também era do Salgueiro.

P: É, esse filme que eu vi, o Teá, é o Pedro Olímpio que fala né?

R: Pedro Olímpio, é.

P: Eu até estava querendo ver se eu conseguia falar com ele, porque ele deve ter muitas fotos dessa época.

R: Ah, tem, tem.

P: Mas então, na verdade é...ao longo desse tempo, as pessoas estão justamente lutando pra que não acabe né?

R: Exatamente.

P: Mas no início, no início, ela era muito ligada aos Centros.

R: Era muito ligado aos Centros.

P: Tá ótimo. Hoje em dia, como é que se dá essa transmissão de saberes? A senhora aprendeu com a sua mãe e hoje em dia a senhora ensina as crianças do grupo? Existe algum processo de de...como é que isso acontece hoje?

R: Eu não muito, porque geralmente agora nós temos tido convites pra ir nas escolas, fazer roda, essas coisas todas. Eu não participo porque o horário não coincide.

P: Sim.

R: Pra que eu transmita conhecimento.

P: Certo.

R: Mas o grupo vai nas escolas, nós temos...

P: Então essas transmissões acontecem basicamente nessas visitas em outros locais...

R: Em outros locais.

P: Mas aqui dentro do morro?

R: Dentro do morro nem sempre.

P: Não né...

R: Mas nas escolas aqui da Redondeza né.

P: Eu fui convidada, porque assim a Celma, que é a mulher do Gilmar, que são meus primos de consideração, é..ela me chamou pra dar uma palestra na creche, e aí a diretora da creche me ligou da creche "Ah, a gente tava querendo falar contigo porque a gente tá sabendo que você tá

fazendo um trabalho sobre o Salgueiro e tal”. E aí eu falei: Olha, mas eu ainda tô fazendo ainda não sei, porque a gente tem uma ideia, mas não sabe muito do que, no que aquilo vai dar.

R: Exato.

P: E aí ela falou assim, “mas eu não queria que você falasse de religião”. Aí eu achei que eles tivessem...mas gente eu não tô falando de religião. Eu tô falando de cultura.

R: Isso é cultura?

P: Eu tô falando de cultura popular. Eu tô falando de cultura imaterial. E aí eu senti que ela tava querendo dizer o que eu ia dizer. Não, mas não é por aí, eu primeiro preciso terminar o meu trabalho pra a partir daí eu falar: O meu trabalho é esse. Não posso chegar ali contando uma coisa que não seja o que eu...

R: Exatamente.

P: Mas é uma pena.

R: É igual você me perguntou, eu não posso dizer pra você como é que está sendo, porque eu danço, entende, quando tem uns encontros assim pra gente se apresentar em alguns lugares eu vou...

P: Sim.

R: Mas pra fazer essa transmissão do conhecimento, nem sempre eu sou presente.

P: Sim, sim. Tá, então basicamente essa transmissão acontece só para fora da comunidade, quando grupo é convidado e ele vai mostrar como acontece aqui.

R: Não, não só isso não, porque nós também já recebemos visitas, a gente recebe visitas de pessoas que vêm...

P: Pra aprender.

R: Pra aprender com a gente, não só isso, não só fora não.

P: Ah, legal.

R: Vem muitas pessoas.

P: Porque essa informação é a primeira vez que ela aparece pra mim nessas entrevistas.

R: Mas sempre, inclusive quando a gente faz as nossas rodas, a gente convida e vem muita gente pra assistir e pra...

P: E a senhora poderia dizer se tem mudanças na forma como se dança o Caxambu hoje e como era antigamente?

R: Eu não posso dizer.

P: Não tem essa experiência.

R: Porque pelo tempo que eu estou, eu não vou fazer uma mentira, né?

P: Está certo.

P: A senhora percebe a existência de alguma ameaça pra a manutenção da cultura do Caxambu aqui no Morro do Salgueiro?

R: Tem sim, porque, por exemplo, às vezes eu saio daqui de casa, pronta para ir para lá para a sede, eu vejo os olhares das pessoas, sabe? Eles olham com um olhar assim pejorativo, sabe? Como se fosse uma coisa...

P: Isso é tão triste, né?

R: É triste, é horrível.

P: Além do Caxambu, a senhora participa de alguma outra manifestação cultural, em caso afirmativo? Quais?

R: Bom, eu participo da Velha Guarda do Salgueiro. Eu sou velha Guarda do Salgueiro. E a religião assim, não é tão assim cultural né, mas eu sou católica né.

P: Sim.

R: E...participo com as crianças de catequese.

P: Certo. A senhora tem uma atuação na pastoral, não é isso?

R: Tenho.

P: A senhora uma vez me falou. Na percepção da senhora, o que a cultura do Caxambu representa para os moradores do morro?

R: Pra uma parte dos moradores representa é...como é que se diz? A resistência da nossa ancestralidade.

P: Certo.

R: Pras pessoas que entendem o que é cultura, né?

P: Sim.

R: Então representa a resistência de nós não querermos que isso morra.

P: Sim.

R: Que fica. Porque a cultura não pode morrer, se você se a coisa é cultura...

P: Sim.

R: A cultura tem que ser transmitida.

P: É isso. Se as pessoas tivessem consciência da importância que é o movimento como esse, porque na verdade isso começou lá nos navios negreiros né?

R: Exatamente.

P: E aí tem gente que acha as vezes que isso é uma coisa ruim, mas ela acaba dando as costas pra aquilo que é dela.

R: Exatamente. E você vê que uns cânticos dos Caxambu, alguns, se você prestar atenção, eles falam, eles falam dos lamentos né?

P: Sim.

R: Dos sofrimentos, das alegrias. Os cantos, eles retratam, o canto do Caxambu retrata a vida, o que eles...o cotidiano daqueles dos nossos ancestrais.

P: Exatamente.

R: As pessoas cantam e ele às vezes não presta atenção na letra.

P: Sim.

R: De tudo que eles passaram, das alegrias e das tristezas, dos choros.

P: Sim. Eu na verdade, quando eu comecei a pesquisar o Jongo Caxambu, eu me aproximei muito mais da história da minha família. Então eu venho ao Salgueiro, não é apenas pra pesquisar, eu venho ao Salgueiro porque eu sei que cada vez que eu subo essas ladeiras, eu estou reproduzindo os passos dos meus. E quem eu tenho de meu hoje? A minha mãe, porque assim, as irmãs dela já foram, a minha avó já foi, então eu só tenho a minha mãe que está com 82 anos, que começou a me contar as histórias sobre o Jongo do Salgueiro. Então eu acho que eu tô reproduzindo um pouco de algumas histórias que ela não teve acesso, então, quando eu chego na casa dela, que por acaso amanhã eu vou, eu vou falar: Mãe, eu fui ao Salgueiro, e eu encontrei essa pessoa que disse que conheceu a vó, eu sinto que ela se emociona, sabe? Então quando a gente faz algum movimento que nos aproxime dos nossos, eu acho que a gente fica mais forte, né?

R: Poxa, olha, é uma pena a minha mãe ter ido embora, porque se a minha mãe tivesse, ela ia te contar tanta coisa...

P: pois é.

R: Minha mãe era uma pessoa extremamente...

P: Sim.

R: Olha, minha mãe não estudou, mas minha mãe dava lição.

P: A sabedoria dos antigos não vinha da escola, né? Vinha da vida.

R: Tudo, tudo. A minha mãe, ela entendia de futebol, de vôlei, de tudo. Qualquer assunto que você tocasse, a minha mãe desenvolvia de uma maneira, entendeu? Então, esse negócio de Caxambu, ela explicava tudo direitinho, sabe?

P: Sim.

R: Falava pessoal, ela me conta, ela me contava que uma vez, eles tavam quase, uma bagunça assim né e aí escutaram o barulho de um Caxambu, mas eles iam pro Caxambu, por isso que eu falei que Caxambu é coisa séria, então escutaram o barulho do Caxambu e eles iam pro Caxambu né, mas só que conforme eles iam andando eles davam passos e o pé, eles sentiam que o pé não batia no chão.

P: Gente!

R: Não batia no chão. Aí quando eles perceberam isso, eles voltaram. Porque não era pra ir, porque tem os mistérios.

P: Sim, sim.

R: Essas coisas tem os mistérios.

P: Sim, sim.

R: Os ancestrais, ancestralidade...então, as pessoas não sabem disso. Pensam que é só chegar num terreiro né...

P: Botar uma saia e rodar ali.

R: Botar saia e rodar e coisa, não é não.

P: É.

R: O negócio tem que ter. Eu...Eu, Rosa, as pessoas dançam do jeito, eu danço totalmente diferente deles. Eu cumprimento tambor diferente deles.

P: Sim.

R: E eu acho, eu Rosa, eu acho que quando a gente cumprimenta o tambor e quando termina tudo, além de você cumprimentar o tambor, você tem que cumprimentar quem tá tocando tambor também.

P: Sim.

R: Eu faço isso sempre.

P: Mas isso aí foi aprendido com a sua mãe ou aprendeu na observação, ou porque você entende que isso é importante?

R: Não, ninguém faz, ninguém faz. Você pode perceber quando eles... Ninguém faz. Mas eu vou, porque todo mundo é importante.

P: Sim.

R: Entendeu?

P: Sim.

R: E aqui, as nossas ancestrais tão ali. E eles, além do tambor, eles também são representantes de nossas ancestrais.

P: Sim.

R: Então vocês tem que cumprimentar aqueles também.

P: Entendi.

R: Então eu faço. Eu não quero nem saber se fulano vai fazer, se beltrano vai fazer, eu já falei com eles que o certo seria isso...mas eles não fazem.

P: É, cumpre o que você acha que é certo, né? Qual é a sua relação com o atual coletivo?

R: Com o grupo?

P: Com esse grupo de agora.

R: Minha relação é muito boa, porque esse grupo ele é muito unido sabe? É um grupo muito unido.

P: Sim.

R: Ninguém toma uma decisão sozinha.

P: Certo.

R: Sempre que vai fazer qualquer coisa, é colocado em grupo. Se não pode fazer a reunião, coloca no grupo e explica tudo no grupo o que vai fazer. Por exemplo, se tiver que ir num lugar, não for muitas pessoas, aquela pessoa que for, bota no grupo....

P: O que aconteceu.

R: E diz: Eu estou indo representar o grupo, tal, tal, tal, tal, tal. Ninguém faz nada escondido.

P: Isso aí.

R: É tudo sabe, é uma bola bem .. sabe?

P: Entendi.

R: É uma bola com várias coisas não, é uma bola bem...

P: Inclusive, às vezes eu compartilho informações com o Marcelo e tal, aí ele falou assim “vou colocar no grupo”.

R: Exato.

P: “Nanana nana ah, vou colocar no grupo”.

R: Exatamente.

P: Inclusive, quarta-feira agora vai ter uma oficina lá no IPN, e vai ter uma apresentação do Caxambu. E eu ia falar na oficina, e aí eu falei, poxa, pra coordenadora: Se vai falar sobre o Salgueiro, ninguém melhor do que eles pra apresentar a oficina. Então eu abri mão da oficina e falei, olha, chamo o pessoal do Caxambu. Evidentemente eu não me sentiria nem à vontade de falar sobre o Caxambu se vocês estão lá, e aí acredito que alguns vão, não sei se vão todos.

R: Com certeza alguns vão.

P: Então vamos lá para a próxima. Como e quando se deu a inserção da senhora nesse grupo? Então assim, por que essa pergunta? A senhora foi uma que veio do antigo e entrou nesse grupo? Foi convidada para esse grupo?

R: Não, como eu te falei, eu escutava falar de Caxambu, essas coisas todas, aí um dia eu conversei com a minha mãe, aí minha mãe falou assim “Se for minha filha, vá com respeito”. Aí teve um dia que teve reunião na sede, eu fui na sede e dali eu fiquei.

P: Quer dizer, não foi convidada por ninguém, a senhora só chegou lá e foi.

R: Não, eu fui.

P: Entendi. É ..da hierarquia acho que já não tem né, já acabou de falar. Que mensagem esse grupo quer passar para os moradores e para a sociedade, na sua visão?

R: Na minha visão, o grupo quer passar que é uma cultura e que a cultura não pode morrer.

P: Exato.

R: Que a gente tem que resgatar isso, tem que fortalecer, né? Chamando que as pessoas venham mais. O grupo antes era grande, aí as pessoas foram se afastando devagar. Mas agora eu tô sentindo que as pessoas estão voltando, sabe?

P: E são basicamente moradores da comunidade.

R: São moradores e pessoas que participavam antes e que depois, não sei porquê, se afastaram e agora tá voltando.

P: É porque o Caxambu do Salgueiro tá crescendo né!? Quando eu comecei a fazer essa pesquisa a gente quase não ouvia falar de Caxambu, agora são eventos, e tal...

R: É nós já dançamos já tamo no municipal!

P: Exato, exato! Vocês já ganharam com o nome do corações da Câmara, da ALERJ. Ontem eu tive uma entrevista com uma senhora do IFAN e ela falou, “Gente, o Caxambu tá crescendo muito” eu falei: Que bom, né? Porque eu acho que dá um orgulho de fazer eu tô falando de alguma coisa que é legítima o movimento tá aí, então, cada vez que tem uma roda eu tô printando tudo, porque eu acompanho pelas redes, porque assim, quando eu cheguei lá na FIOCRUZ, eu falei: Vou falar sobre o Caxambu, Caxambu ahm...gente existe, eu vou provar que existe então eu acho que tá crescendo, tá crescendo que bom, né?

R: É, que bom.

P: Então vamos lá, qual a compreensão da senhora pro termo patrimônio?

R: Patrimônio? Já falei, patrimônio é uma coisa que você não pode deixar morrer.

P: Certo.

R: É uma coisa que tem que tá viva ali. Patrimônio é uma coisa viva.

P: Sim.

R: Tem que estar sempre cuidando, cuidando pra que aquilo num acabe.

P: É igual a gente faz com a planta, né? TR: Exatamente, sempre botando uma águinha, regando.

P: Certo. Que ações a senhora entende necessárias para a manutenção da cultura do Caxambu aqui no Morro do Salgueiro? O que falta pra que isso aumente?

R: Que que falta...também nós, como Caxambuzeros, que é chamado, chamar mais pessoas, chamar as pessoas. Porque às vezes, as vezes o pessoal olha assim, mas não é por coisas não, que...tem pessoas que olha e não está participando.

P: Não entende, né?

R: É, e porque não tá participando uma chamada, então olha assim com aquela cara assim, mas de repente se a gente chamar...a pessoa vai entrar...

P: Se a pessoa tiver a compreensão de alguma forma de que aquilo é importante, independente de religião, que aquilo é uma coisa que só tem aqui, gente, pensa bem, eu tenho uma cultura importante reconhecida pelo IFAN, e eu só tenho aqui, porque aqui só tem no Salgueiro e na Serrinha, de raiz mesmo, só tem aqui. Então eu acho que a gente só valoriza aquilo que a gente conhece.

R: Exatamente, mas as pessoa às vezes pensa que é um grupo fechado.

P: Isso.

R: Mas não é um grupo fechado o Caxambu...

P: Começou por esse grupo.

R: Mas a cultura tem que se expandir, né?

P: A cultura...é de todo mundo

R: A cultura é pra expandir, não é pra ficar só ali. Porque se não...

P: Então na verdade quando a gente pergunta de manutenção do que seria necessário pra manter, as pessoas se interessarem lá.

R: E a gente também se interessar pelas pessoas.

P: Sim.

R: Não só as pessoas se interessa, nós nos interessarmos. Porque se a gente...cativar as pessoas vão chegando, né?

P: Sim, sim. Que mensagem a senhora deixaria pro grupo, pros moradores e pras pessoas que, como eu, tenham interesse nesse tema do Caxambu?

R: Fazer o que você está fazendo, procurar saber mais sobre o Caxambu, se interessar mais, porque as pessoas têm que saber das nossas ancestralidades, da nossa raiz.

P: Essa é a nossa história né.

R: Exatamente, essa é a nossa história. E a gente não...não sei porque a gente deixa essas coisas de lado. E quando procura...já tá muito velho...

P: Sim.

R: pra entender, entendeu? Então a gente tem que procurar agora.

P: E a gente se acostumou, infelizmente, a ouvir a história que as pessoas construíram sobre a gente.

R: Exatamente.

P: Então vamos lá saber como é isso, vamos, ainda assim, quando eu chego aqui hoje e alguém, a senhora ou uma, conta uma história que é exatamente a história que a minha mãe conta.

R: Exato.

P: E que não tá em lugar nenhum.

R: Exatamente.

P: Então ninguém, a gente aprendeu, infelizmente, na escola, que o negro veio aqui para ser chicoteado, escravizado, tal, tal, tal, não produziu nada. E gente passa uma vida inteira no escuro.

R: Exatamente.

P: Então as escolas, eu acho que existe até uma lei que foi aprovada em 2010 que obriga que as escolas aprendam sobre a cultura africana por isso, porque a gente passa a vida toda sem saber.

TR: É, porque eles contam aquela, tem aquela coisa escrito no livro da história e você fica abitolado naquilo, você não procura saber é...realmente a veracidade daquilo.

P: Sim. E vai negando suas raízes, né?

R: É, verdade. Você sabe que é...foi um dia desse eu fui lá na Caçula em São Cristovão, aí eu vinha andando a, Tu e o Ti, vai falar de quem?

P: De quem?

R: Do almirante negro.

P: Ah, sim.

R: Olha quando eu vi aquilo, me arrepiei toda. É cultura.

P: Eu estava pesquisando essa semana o site da Escola de Samba, os enredos, né? Porque eu quero, na verdade, falar, em algum momento do meu trabalho, quantos enredos afros a Escola de Samba trouxe. Porque embora eu não vou falar de Escola de Samba, eu não posso negar a importância que a Escola de Samba tem pro Salgueiro.

R: Exatamente.

P: E é muita coisa sobre o negro. Eu acho que, de repente, foi a Escola que mais trouxe tem negro pra avenida.

R: Foi o Salgueiro né?

P: Foi o Salgueiro, e aí eu pincei algumas, acho que eu conversei com o Rogerinho também, né? E ele estava me dando...Então assim, é uma construção muito grande. Lógico, que eu não vou, de repente, trazer tudo pra esse trabalho, mas como eu não pretendo parar aqui?

P: Mas então a gente termina sem ter...

R: Mas essa do Tu e ti, de falar do almirante...

P: Não é?

P: Mas a gente...eu acho que o negro tá na moda. Eu acho que a gente tem que aproveitar esse momento.

R: Você viu agora? Muitas pessoas agora estão se declarando negros.

P: Então, quem sabe não é um momento que as pessoas vão deixar de ter vergonha de dizer que são negras.

R: Exatamente.

P: E começar a se aproximar. Porque eu acho que se a gente se junta, nós somos, acho que quase 60% da população.

R: Exatamente.

P: Então, muita gente aí que era negro se dizendo branco, e agora tomara que aconteça o processo contrário né.

R: Eu vejo a minha filha, porque o meu marido, ele era...branco, o cabelo dele era alourado, os olhos azuis. A minha filha nasceu luz que ofusque, ela fala assim, mamãe, "Eu não sei que cor é essa, eu não sei, eu preferia ser da sua cor, do que ter essa cor"

P: Sim. Porque a cor dela é indefinida né?

R: Que não define, não define “Não sou branca, não sou preta, não sei o que, ah minha mãe, pelo amor de Deus, como é que define isso?”

P: Exatamente.

R: Porque, você veja, a minha mãe morreu com 91 anos. Minha mãe não tinha ruga, cor né?

AP: Sim.

R: Então, a cor negra é muito bonita.

P: Exatamente. É muito bonita. A nossa história é linda, a gente só precisa conhecer, né?

R: E a gente tem que conhecer e saber se impor. Porque muitas coisas que acontecem com negros, né, com nós negros, é porque o negro não sabe se impor. Exatamente.

P: E a gente é muito pacífico né, pensando bem, né, que ultimamente tenho visto esses casos aí de racismo, de não sei o quê, as pessoas não...não que tenha que reagir, não é violência, eu acho que a gente não resolve as coisas com violência, mas eu acho que a gente está muito acostumado a ser pisado.

R: Eu não, olha, eu digo uma coisa pra você. Eu não deixo as pessoas me pisar não.

P: Pois é, porque as pessoas que a gente vê na televisão...as vezes eu vi no outro dia que a moça deu lá a banana, gente, qual a reação que aquela pessoa teve? As criança não, mas o adulto, porque se faz um negócio desse comigo, faz contigo, tu vai reagir de alguma forma, aí você fica assim...então eu acho que a gente tem uma natureza muito pacífica, e eu não sei até que ponto essa natureza pacífica fez com que essas pessoas se sentissem no direito de querer fazer pouco da gente, sabe?

R: Mas você sabe, se acontecer de uma pessoa pegar e me dar uma banana... (trecho retirado ou não gravado).

P: Qual a importância que a senhora acha que tem um trabalho como esse que eu tô fazendo.

R: É de suma importância porque é um resgate, né? Tá fazendo um resgate do nosso Caxambu, da nossa cultura, que é pra ficar registrado, porque a cultura tem que ser registrada. Não é uma coisa assim, você falou e a palavras ao vento leva.

P: Sim.

R: Agora, se você deixa registrado, né?

P: Tá certo.

R: E aí você tá deixando uma coisa pra os nossos futuros.

P: É porque esse trabalho, na verdade, eu tô fazendo pra mim não, tô fazendo pra...

R: Exatamente, pros nossos né...dos ancestrais pros...

P: Eu espero sinceramente que eu consiga colocar nesse trabalho toda essa intenção e que ele sirva pra que outras pessoas que venham a pesquisar...

R: Exatamente.

P: E que sabe, que seja apenas o início porque realmente se eu puder daqui um tempo Deus me der vida, condições, porque é tudo muito difícil a gente trabalhar, mas enfim, mas se Deus me der condições eu conseguir fazer um livro e trazer essas histórias de repente com vocês e com essas que já foram.

R: Exatamente, e essas que estão surgindo?

P: Sim, porque eu acho que é importantíssimo, sabe? Você tem...e de certa forma você acaba homenageando as pessoas que lutaram para que a cultura não se perdesse.

R: Exatamente.

P: Porque se hoje você tá no grupo, é porque você ouviu da sua mãe, que deve ter ouvido de alguém, e devem ter pessoas de mais idade que hoje em dia não participa, mas que têm essas memórias.

R: Exato, exatamente.

P: Então eu acho que é importante a gente registrar essas memórias. E a minha intenção com esse trabalho é começar a fazer isso. Não sei se alguém já fez, e de repente eu acho que tem pessoas assim, porque tá tudo como eu disse, muito na oralidade e aí do momento que você me grava uma entrevista isso já é um documento.

R: Exatamente.

P: Então eu vou transcrever, então isso já tá documentado e aí a gente vai trabalhando com aqueles...se outras pessoas quiserem, acho que a gente sozinho não vai muito longe mas a gente vai se unindo...

R: Exatamente.

P: Mas então é isso estou terminando a sua entrevista.

ENTREVISTA COM ELIZABETH DOS SANTOS (TIA BETINHA)

Identificação: B – Betinha

P - Pesquisadora

AP: Por favor, qual o seu nome, idade e local de nascimento?

B: Meu nome é Elisabeth dos Santos. O meu local de nascimento, sou nascida e criada no Morro do Salgueiro, na nossa comunidade do Salgueiro.

P: E a sua idade?

B: 67.

P: Nos conte um pouco sobre a sua família, seus pais, se tem filhos.

B: Tenho 2 filhas. Primeiro eu vou começar contando da minha avó, da minha mãe né. A minha avó era mineira, é uma das fundadoras do Morro do Salgueiro, o nome dela se chamava Eteuvina, Eteuvina da Silva. Ela veio pequena para Cabo Frio. De Cabo Frio, ela veio trabalhar em casa de família na Tijuca. E da Tijuca, ela veio e conheceu o meu avô, o pai da minha mãe, que se chamava é...pera aí que eu vou lembrar o nome. O nome do meu avô né, por parte de pai da minha mãe, se chamava Adanásio, Adanásio dos Santos. É...ele também foi um dos fundadores aqui do Morro do Salgueiro entendeu? Aí casou com a minha avó, teve minha mãe, minhas tias, meu tio Abelardo, que foi um dos primeiros compositores do Salgueiro. Foi o primeiro samba que ele fez quando o Salgueiro foi criado por eles, porque aqui era 3 escolas de samba. O primeiro samba que ele tirou, que o Salgueiro ganhou em segundo lugar, o primeiro ano de...de nascido né, e aí começou o Caxambu né. E tem o meu avô também, Lili, né? Que o nome dele é Domingos. Domingos Aquino. Olímpio Aquino.

P: Então aí a senhora já entra na nossa terceira pergunta. P:

Nos fala sobre a sua relação com a cultura do Caxambu.

B: É...quando eu era pequena, onde hoje é a creche que se chamava Grota né. É... eu via os meus avós, meu pai, tudo dançando o Caxambu, era a terra batida, a grota, que hoje é uma creche da prefeitura. Então eu via muito eles dançando igual como se tivesse no quilombo, né? Então, é...eles dançava socando café.

P: Mas essa grota era um espaço aberto?

B: Era um espaço aberto. Era um campo. Um campo de de terra batida, que justamente foram eles que...que limpam, que era tudo matagal entendeu? Eles mermo que limpam pra poder fazer essa área de lazer chamada grota. E a prefeitura construiu né, umas casas para trás, é

justamente onde eu morava. Eu, minha avó, a minha mãe, minhas tias, uma casou foi morar em Niterói e a outra casou veio morar mais para cá.

P: Sim. Então, senhora poderia dizer que quem influenciou a senhora pra dançar o Caxambu foi a sua própria família?

B: A minha própria família, porque eu aprendi é...olhando eles naquela época né, e eles falava “Criança não pode participar de Caxambu, criança não pode fica vendo o Caxambu”, porque era o Caxambu pra eles era assim tipo um desafio né, eles dançava tirava a a cantiga né conforme eles falavam cantiga entendeu? Mas era um desafiando o outro, entendeu?

P: Entendi.

B: Então eles achava que aquilo ali era proibido pra criança participar, e eu ficava lá escondidinha, olhando com aquela curiosidade de criança né.

P: Sim.

B: Então eu me lembro que a vestimenta deles era saia longa, estampada, paninho na cabeça, torcinho na cabeça, os homi era calça de tergal, enrolava até a canela, entendeu? E jogava o Caxambu.

P: Se caracterizavam mesmo.

B: É, era tipo assim, os homem dançavam assim, tipo como se fosse é é uma capoeira, entendeu? Era muito lindo, muito lindo mermo, era como se fosse uma senzala mesmo. Aqui no morro do salgueiro viveu né, um quilombo de verdade.

P: Sim. E qual é a importância que a senhora atribuí a essa cultura do Caxambu?

B: A importância...?

P: O quanto importa pra senhora, pra sua vida essa essa cultura do Caxambu?

B: Ahh cultura, o Caxambu é uma cultura, né?

P: Sim.

B: O Caxambu é uma resistência, é a onde a gente temos que mostrar para os governantes que dentro da nossa comunidade existe educação e cultura. Educação e cultura. Entendeu?

P: Sim.

B: Então, e e vamos não deixar esse...e e vamos levar esse alegado para frente, para que o Caxambu do Salgueiro não desapareça. AP: Entendi.

P: Como a senhora define a dança do Caxambu do Morro do Salgueiro em relação a outros grupos? A senhora vê diferença? A senhora...vê que a característica é diferente?

B: Vejo, a característica é diferente. A a dança do Caxambu do Salgueiro é a raiz, entendeu? É é caracterizado com o quilombo, com nossos antepassados, com nossos é é ancestrais.

P: Sim, sim. Como essa cultura do Caxambu ela vem sendo desenvolvida aqui no território ao longo de todo esse tempo? Da época em que a senhora aprendeu até agora.

B: É, teve uma época que o Caxambu do Salgueiro, deu, ele não desapareceu, ele deu uma parada, né? Porque os nossos...nossos avós, nossos bisavôs foram viajando, como diz na nossa religião né, foram viajando e não deixaram assim, a gente ir aprendendo. Então a gente aprendeu com os nossos avós, foi na nossa curiosidade, porque eles não deixavam a gente participar. Mas graças a Deus a gente conseguiu pegar alguma coisa do nossos antepassados, do nossos ancestrais e o Caxambu do Salgueiro tá aí.

P: Então na verdade vocês não foram ensinados o Caxambu, vocês aprenderam porque vocês foram curiosos.

B: Porque nós fomos curiosos.

P: Porque por eles a cultura teria morrido.

B: É. Entendeu?

P: Como que se dá atualmente a transmissão de saberes e práticas da cultura do Caxambu aqui no morro do Salgueiro? Como é que isso vem acontecendo? No passado vocês, por curiosidade, aprenderam. Hoje, como é que essa cultura está sendo ensinada e transmitida pros novos...?

B: Porque o Caxambu do Salgueiro, naquela época, os...os nossos ancestrais eles não ensinavam a gente. Hoje não, porque nós passamos por um período que a gente viu que o Caxambu estava desaparecendo. Então hoje nós queremos trazer para nossas crianças, para o futuro, para o Caxambu não desaparecer.

P: Sim.

B: Os nossos que são vindo aí, netos, filhos, bisneto, não deixar isso desaparecer, levar para frente, porque o Caxambu é uma cultura.

P: Sim. Que mudanças a senhora percebe que podem ser verificadas na forma como hoje se dança o Caxambu em relação ao passado? Ou não tem mudança?

B: Não.

P: Vocês ensinam exatamente da forma que aprendeu?

B: Não, não tem mudança. Nós ensinamos da mesma forma que a gente aprendeu.

P: Certo.

B: Entendeu? Porque a gente não deve, e não...eu acho que não deve, não pode, é...modificar.

P: Certo. Quer dizer, a única mudança é que vocês ensinam pras crianças.

B: A única mudança foi só essa, que a gente hoje passa pros nossos futuros.

P: Certo. Entendi. A senhora percebe a existência de alguma ameaça para a manutenção dessa cultura? Se eu percebo...percebo.

P: Quais são?

B: Se a gente não resistir à cultura, aí tem uma ameaça.

A: Então se não derem continuidade...

T: Se não der continuidade, aí pode vim desaparecer, pode ir lá pro esquecimento.

A: Ok. Além do Caxambu, a senhora participa de alguma outra manifestação cultural aqui no território do Morro do Salgueiro?

T: Participo, participo da escola de Samba, entendeu? Que é muito importante pra a gente, né?

A: Sim.

B: A Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro.

P: Certo. Na percepção da senhora, o que a cultura do Caxambu representa para os moradores do Morro do Salgueiro?

B: O que representa? É ouro, né? É ouro. É resistência.

P: Certo. Qual a sua relação com o atual coletivo grupo do Caxambu Morro do Salgueiro?

B: A minha relação é ótima, graças a Deus. E peço a Deus e nossos ancestrais, que continua nós sempre unido e sempre esse respeito para um com o outro, principalmente com as Matriarca do Salgueiro.

P: Quando e como se deu a inserção da senhora nesse grupo, esse que está hoje? A senhora foi uma das fundadoras, a senhora foi convidada para participar? Como é que aconteceu isso?

B: Eu fui chamada, fui convidada para reatar o Caxambu de Salgueiro.

P: Então a senhora é uma das fundadoras?

B: Não, fundadora não.

P: Não tem esse grupo não? E a senhora sabe em que ano isso aconteceu? Eles reuniram algumas pessoas?

B: Nós se reunimos e a gente foi e chamou, né? Me chamaram né, me chamaram, chamaram minha tia Mara...mas antes, antes, deixa eu te falar, antes, porque você vai, tudo que a gente tá falando aí tem coisas que você vai tirar, né?

P: Não, eu não vou transcrever integralmente não, eu vou só responder as perguntas, mas não vou falar tudo não.

B: Ahh, tá bom, aquilo que você achar que tá interessante....

P: Sim, sim.

B: Então tá, então eu posso ficar à vontade.

P: Sim, com certeza (risos). TB: Deixa eu te falar. O Caxambu do Salgueiro. Teve uma época que ele ficou lá quietinho, entendeu? E a minha mãe sempre falava “Poxa e o Caxambu do Salgueiro? ”, eu falei mãe eu lembro que que a senhora ficava lá na grota lá no campo lá dançando ela “Pois é minha filha”, entendeu? O Caxambu do Salgueiro é uma cultura só que o mestre Darcy né ele mudou, da da comunidade na época que ele mudou a minha ainda era bem nova, já tinha 6 filhos, mas já era bem nova entendeu? Então, ele foi para o pa Serrinha. Entendeu? Aí lá ele começou a reunir o grupo. Entendeu? Isso a minha mãe me contando.

P: Sim.

B: Que já não foi a minha época, minha mãe me contando, aí lá, aí ele levou o Caxambu pra lá. Só que lá eles não deram o nome de Caxambu. Po causa Porque o Caxambu ele nasceu aqui no Salvino, na nossa comunidade. Ele deu Jongo da Serrinha, entendeu? É ficou lá, Jongo da Serrinha, Jongo da Serrinha. E o Caxambu ficou quieto aqui. Então, a falecida, a Alaide, entendeu? Que era neta de uma das fundadoras do Caxambu, na época da minha avó, na época dos meus bisavós, entendeu? Chegou no broco, no raízes da Tijuca e falou com o presidente, que o presidente antigamente era o Assis. Aí falou com o Assis “Assis, vamos reatar o Caxambu”? aí o Assis foi e falou, “Não, vamo fazer o seguinte, Alaide que Deus a tenha, “Alaide, olha só, eu já tenho muita coisa pra resolver, entendeu? Não é fácil, então vou fazer o seguinte, eu vou botar o Rogerinho como o responsável do Caxambu, porque ele é diretor cultural do Raízes” aí ela foi e conversou com o Rogerinho. Aí ela me chamou, ela me chamou, mandou um recado pra mim, que era pra mim lá no no...no broco, que ela ia fazer uma reunião porque ela estava reatando o Caxambu, aí chamou tia Dorinha...

P: Sim.

B: Chamou tia Ninika, me chamou, e foi chamando as pessoas. Chamou a minha mãe, só que a minha mãe falou, “ Ah não, não vou não” que nessa época minha mãe era da Velha Guarda do Salgueiro, falou “Não eu já sou da Velha Guarda do Salgueiro”, aí chamou foi chamando as pessoas aí a gente começou, aí ela até arrumou uma pessoa que era para doa os pano que eu tenho essa saia até hoje, tá tá fechado, entendeu? Aí, foi onde que reuniu né as pessoas, vamo reatar o Caxambu muitos anos, porque ela também era a Láide, ela regulava mais ou menos a minha idade, um pouquinho mais velha do que eu. E ela também pegou o Caxambu, porque a vó dela, porque era assim, cada ponto da nossa comunidade, um fim de semana, eles dançava o Caxambu, tocava o Caxambu.

P: Sim. Eram vários grupos.

B: É. Entendeu? E e a avó dela, a dona Guida, que tem até aquela nossa cantiga, a tia Guida, ela também dava o Caxambu ali no quintal dela.

P: Sim

B: Entendeu? Então ela nasceu, foi criada ali no meio do Caxambu.

P: Quando vocês falam, dava o Caxambu, é o que, a pessoa convidava? TB: Convidava, falava, oh vai ter Caxambu aqui amanhã. Aí fazia alí uma comida, uma coisa

B: Isso, aí eles gostava muito de que antigamente não se usava cerveja né, antigamente era muito vermelhinha né, era cachaça com groselha né, aí o dono que da do espaço da casa, entendeu? Ai chamava e comprava aquelas garrafas de cachaça que era cachaça...esqueci o nome aí, não vou lembrar o nome da cachaça que aí, de repente, é até interessante você botar aí, pera aí era cachaça, não sei o que, goveia. Mas eu vou lembrar. Depois eu te falo.

P: E o Caxambu era todo na groselha?

B: Na groselha, na vermelhinha.

P: Ohh delícia (risos).

B: Sabe, aí o batuqueiro ficava lá suando e tomando...

P: Tomando uma groselha.

B: Entendeu? Era assim, era muito legal. Eu gostava daquela época era uma época...de muito respeito, né? De muito...

P: Então, na verdade, a senhora entrou no grupo, foi convidada pra formar o grupo? TB: Fui convidada pra reatar o grupo. AP: Pra reatar o grupo. Então, na verdade, desses grupos todos que existiam, várias pessoas se juntaram e formaram o atual coletivo.

B: Isso.

P: Ok. Existe alguma hierarquia neste grupo? Se sim, como é que essa hierarquia funciona?

B: A herarquia existe, herarquia é sempre respeitando os mais velhos. Essa é a nossa herarquia.

P: Bom, então vamos lá. Que mensagem o grupo quer passar para os moradores do Morro do Salgueiro e para a sociedade de uma forma geral? Eu digo esse atual, o coletivo.

B: O que que esse grupo que passa...? Para os moradores, é...respeito primeiramente e que o Caxambu do Salgueiro não é religião, é uma cultura.

P: Perfeito. Já estamos acabando. Qual é a compreensão que a senhora tem para o termo patrimônio?

B: Para o termo patrimônio, é...para que os nossos governantes olhasse mais para a nossa cultura negra.

P: Sim. E a senhora entende que a cultura é um patrimônio?

B: A cultura é um patrimônio, vai ser sempre um patrimônio.

P: Certo. Que ações a senhora entende que são necessárias para a manutenção da cultura do Caxambu aqui no Morro do Salgueiro?

B: Ação?

P: O que precisa acontecer mais...?

B: O que que precisa acontecer mais...? É é as pessoas visita mais o nosso Caxambu quando a gente fizer um evento, para e os nossos governantes ajudar a gente da...alimentar a gente pra a gente poder continuar e levando a nossa cultura para frente para o nosso futuro da nossas crianças.

P: Certo. Então acho que de repente essa seja a minha última questão. Que mensagem a senhora deixaria para o grupo, para os moradores e pra todo mundo que como, tenham interesse nesse tema?

B: Que continue se interessando, nesse tema e que vamos sempre trabalhar para que a nossa cultura seja mais valorizada.

P: Entendi. E a senhora entende que um trabalho como esse pode ser importante para vocês?

B: Com certeza, sem dúvida nenhuma. É importantíssimo!

ENTREVISTA COM MARIA FÉ DE AQUINO GUIBAN (TIA MARA)

Identificação: M – Mara

P - Pesquisadora

P: Bom, bom dia. É...eu queria...meu nome é Ana Paula, essa é uma pesquisa para o Mestrado da Fiocruz, e a gente vai começar agora com a primeira questão. Por favor, qual o seu nome, idade e local de nascimento?

M: Bom dia, eu sou Maria Fé de Aquino Guizan, conhecida no Caxambu como Tia Mara. Nasci aqui no Morro do Salgueiro, dia 23 do 11 de 1955. Tenho 66 anos.

P: Nos conte um pouco sobre a sua família. Você tem filhos, seus pais?

M: Ah, eu nasci e criei aqui. Tenho 3 filhos homens. Criei meus filhos aqui no morro, sozinha, graças a Deus. Hoje em dia todos trabalham, tem a família deles, tem um caçula que ainda mora comigo, porque é separado, mas tenho 7 netos, tenho uma bisneta....

P: Que legal (risos)!

M: Sou costureira

P: Nos fale sobre a sua relação com a cultura do Caxambu.

M: A minha cultura do, com caxambu começou bem cedo, bem nova, porque nós éramos criança e nós saíamos com nossos pais, então tinha a roda de caxambu, que as crianças não podiam participar. Mas vocês sabem que criança é um bicho curioso, criança é um bicho danado, e a gente fingia que tava dormindo aí quando começava a gente ia na pontinha do pé e ficava tomando conta e assistindo e aprendendo os cânticos, aprendendo as danças e tal. Então foi assim.

P: Que pessoas a influenciaram ou serviram de inspiração para dançar o Caxambu?

M: Ah, o meu pai me inspirou, as minhas tias, a minha mãe não que a minha mãe nunca foi muito desse negócio, né? Mas ah. o meu pai é que sempre gostou dessas coisas, aí ele sempre levava a gente pra gente num fazer arte, e a gente ia acabava fazendo arte que a gente ficava tomando conta do caxambu, tinha também a macumba que a gente também tomava conta da macumba, tudo isso a gente aprendeu é...escondida olhando pelos buracos da fechadura das frestas. Porque às tábuas, as portas antigamente eram de tábuas corridas, né? E tinham aqueles vãos assim, e a gente aproveitava esses vãos pra ficar olhando.

P: Ah, que legal! Qual é a importância que a senhora atribui a essa cultura do Caxambu?

M: A cultura do caxambu. (tosses) desculpa. A cultura do Caxambu é importantíssimo, é nossa ancestralidade. Vem de avô, de bisavô, entendeu? Vem dos...antigo, então essa é a nossa ancestralidade.

P: Qual é a importância Ah não. Como a senhora define a dança do Caxambu aqui no Morro do Salgueiro? Existe alguma diferença disso para outros lugares que a senhora tenha conhecido? Como é isso na sua visão?

M: Ah, existe, porque existe o Jongo, existe o Caxambu, entendeu? E cada um tem o seu jeito de dançar. Num dançamos iguais, não cantamos iguais, inclusive a roda do Caxambu, porque falamos roda? Porque o caxambu eu acredito que é a única dança, que a gente fica em círculos enquanto dança. O Caxambu não é uma coisa parada, o Caxambu ele circula, a gente vai circulando, tem que ter um casal no centro, tem que ter a umbigada, e quando parar a música temos que falar Machado.

P: Sim. Eh. Como a cultura do Caxambu vem sendo desenvolvida aqui no Salgueiro ao longo desse tempo, desde quando a senhora era criança até agora, isso isso vem sendo passado como? É...porque como, quando a senhora era criança, a senhora aprendeu. Então isso vem desde aquela época, isso sempre existiu. Como é que vocês fazem para que isso continue ativo aqui?

M: É isso deu uma parada, aí depois nós fizemos uma reunião, tal tal que não podia deixar essa nossa cultura morrer, e agora a gente tá procurando é...passar pas nossas crianças...ah. o valor que isso tem, a necessidade que nós temos de preservar a nossa cultura, entendeu? Aí a gente tá passando pra algumas crianças esse valor e as crianças estão aceitando bem.

P: Então na verdade é...que é a próxima questão que é ...Como se dá atualmente a transmissão dos saberes e práticas? É ensinando as crianças?

M: Isso.

P: Então, está certo. Que mudanças podem ser verificadas na forma como vocês ensinam hoje de como foi ensinado no passado?

M: Porque no passado nós aprendemos escondido. E hoje a gente senta com as crianças, a gente conversa, a gente fala da importância do Caxambu, entendeu?

P: Sim.

M: A gente não esconde das crianças uma coisa que não deveria ter sido escondida no passado.

P: Entendi, entendi. A senhora percebe a existência de alguma ameaça para a manutenção dessa cultura aqui no Salgueiro? Se sim, qual ameaça?

M: Eu até a data de hoje, não me sinto ameaçada não, graças a Deus. Aqui o Salgueiro é uma comunidade que cada um procura viver o seu. Quem é da Macumba é da Macumba, quem é do Caxambu é do Caxambu, às vezes tem Macumba, tipo assim, como festa de preto velho, o menino que toca, ele nos convida a dançar, porque isso aí também vem da Senzala, dessas coisas todas, aí a gente vai dançar. Quer dizer, eu não vejo nenhum empecilho não.

P: Não existe, né? Que bom. Além do Caxambu, a senhora participa de alguma outra manifestação cultural? Em caso afirmativo, qual?

M: Sim, participo. Eu sou velha guarda da Escola de Samba Acadêmico do Salgueiro.

AP: Poderosa (risos)! Onde eu também ia escondido. Desfilei muitos anos escondido do meu pai, os amigos do meu pai me via na avenida e falavam assim, “O seu pai tá ali”, aí eu falava assim, não fala nada para ele que eu vou fazer uma surpresa para ele, E ficava rodando, escondendo se meu pai ia prum lado, eu ia pro o outro. Quando eu via que meu pai vinha embora, criança anda sempre mais rápido do que o mais velho.

A: Sim.

T: Eu corria na frente dele, tava na cama fingindo que tava dormindo. Até o dia que meu pai colocou grades na janela, porque os amigos dele falavam que me via e ele não me via.

P: E ele não achava, né?

M: Aí ele colocou uma grade na janela, falou, minha filha, estou colocando isso aqui pra segurança de vocês.

P: Era pra te prender (risos).

M: Aí eu falava, ah, isso mesmo papai, que às vezes tá calor a gente quer dormir com a janela aberta mas eu tenho medo, mas deixa estar que ele tava pensando que tava me enganando e eu pensando que tava enganando ele.

P: (Risos) legal! A minha tia também é assim, ela disse que apanhava quando o pai dela descobria, mas bora lá. Na percepção da senhora, o que a cultura do Caxambu representa para os moradores do Morro do Salgueiro?

M: Os moradores, num geral...num se ligam assim muito nessa coisa não, porque o que é os antigos até gostam, mas o negócio é que agora tem muito jovem, a gente tem que tá trazendo eles aos poucos, explicando pra eles aos poucos como é a coisa, porque eles se ligam muito nesse negócio de funk.

P: Sim.

M: Entendeu?

P: É difícil trabalhar com essa juventude agora.

M: É, fica difícil.

P: Então, bora lá. Qual a sua relação com o atual coletivo, grupo do Caxambu morro do Salgueiro? Esse que existe de 2013 para cá.

M: Tá, como assim?

P: É qual a sua relação na verdade, a senhora é Matriarca desse grupo né.

M: Isso.

P: Então assim é...existe alguma liderança naquele grupo? A senhora tem alguma função nesse grupo? Qual a sua relação com esse grupo de uma forma geral?

M: Ahh, liderança, a líder do nosso grupo é a nossa Matriarca, a Dora Alice.

P: Sim.

M: Entendeu? Função, todos nós fazemos de tudo, o que for preciso a gente faz. Entendeu?

P: Então a sua relação com o grupo é ótima como todo mundo lá, né?

M: Com certeza. Nossa convivência é boa, de vez em quando a gente tem que fazer algumas reuniões pra esclarecer alguns pontos tal tal....

P: Entendi.

M: E fazer a roda pra gente não perder o pique da dança, porque já somos todas idosas....

P: Sim.

M: Então nós temos que ir de vez em quando, estar dançando, que é pra gente saber até onde a gente aguenta.

P: Entendi. Quando e como a senhora entrou nesse coletivo, esse que existe?

M: Ah eu não sou muito boa em datas não, mas desde que começou que eu vou.

P: E a senhora foi convidada pra participar ou fez parte de quem decidiu que ia formar esse coletivo...? Porque assim, pelo que o Marcelo me falou, que a tia... a tia... aí onde eu fui gente Betinha, não tinha um grupo formado e de repente resolveram formar um grupo.

M: É, de repente de uma festa que teve aí resolveram formar o grupo pra dançar.

P: Sim.

M: Eu tenho até foto, acho que eu tenho até foto.

P: Sim.

M: Aí resolveram fazer o grupo pra dançar e ficaram dançando aí foram convidadas pessoas que viam...

P: Então, e a senhora faz parte desde esse momento? Desde essa época?

M: Não, não, a princípio eu não fui, aí depois eles falaram “poxa vamos dançar Caxambu” aí eu falei assim, vamos poxa, eu adoro, isso aí era do tempo do meu pai, essas coisas.

P: Sim, sim

M: Aí eu comecei a participar e tô até hoje.

P: Entendi. E a senhora sabe em que esse grupo se inspirou? Na verdade, foram pessoas que se juntaram para formar um grupo.

M: Nos antigos, nos antigos.

P: É porque estavam com medo que essa cultura se acabasse. Foi isso?

M: Isso, isso.

P: Então tá. Aqui já responderam a questão. Que mensagem esse grupo quer passar para os moradores e para a sociedade de uma forma geral? Quando vocês se apresentam, se reúnem, o que vocês estão querendo passar para as pessoas?

M: A gente quando se reúne, a gente quer passar uma mensagem de paz, uma mensagem de união, até mermo uma mensagem de fé, até porque antes de qualquer roda a gente faz a oração ao nosso Pai Maior, porque é quem nos permite fazer essa nossa apresentação.

P: Entendi, é Que mensagem já foi. Qual é a compreensão que a senhora tem para o termo patrimônio? O que você entende como patrimônio?

T: Patrimônio é uma coisa que você adquire, mas não é seu, é de um coletivo.

A: Entendi.

T: Patrimônio não é assim, essa casa é minha! Se essa casa é um patrimônio, essa casa pertence à comunidade.

A: Entendi, bora lá. Que ações a senhora entende que são necessárias para que a manutenção dessa cultura aqui no Morro continue?

M: Ah nós temos que divulgar mais, temos que é...ver se a gente consegue recrutar mais crianças interessadas em aprender isso aí. Até que isso os meninos da da Caliél, o Marcelo, o Emerson, os gêmeos também, eles tão é...fazendo isso muito bem, porque eles de vez em quando são convidado pra fazer oficina nas escolas, aí ele faz oficina nas escolas, e daí os pais e as mães das criança começa a entender melhor, porque tem muito pai e mãe que acha que é Macumba.

P: Sim.

M: Isso no passado pertencia a uma parte da Macumba, hoje em dia não, é uma dança folclórica é uma dança dé...como é que eu vou te falar...como é que eu vou falar me fugiu a palavra agora meu Deus....

P: É uma manifestação cultural.

M: Isso isso!

P: Entendi. E a última. Que mensagem a senhora deixaria para o grupo, para os moradores e para pessoas que como, eu se interessam nesse tema?

M: Ah, gostaria que nós nos uníssemos mais pudéssemos fazer é ..mais contato, pudéssemos fazer mais pra que isso aí não acabasse nunca, porque é muito triste você ver uma cultura que você vem de infância, vem lá dos seus ancestrais, você vê isso morrer e você não poder fazer nada.

P: Entendi, entendi. E vou perguntar uma coisa que não está aqui, mas a senhora entende que um trabalho como esse que eu estou fazendo tem alguma importância para vocês?

M: É importantíssimo, é de suma importância, isso aí vai nos ajudar e muito não permitir que a nossa cultura morra.

P: Ah, então é isso? Viu? 13 minutos!